

# Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl. 8. Jahrgang

Folge 50

São Paulo, 15. Dezember 1939

8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

## Tremenda Batalha Naval

### A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XIV

kt. — Ao lado das falsidades em série, em meio ás quaes se elabora mechanicamente a mindeza dos successos quotidianos mais ou menos sem importancia, destacaram-se, nas semanas passadas, dous grandes esforços feitos pela propaganda hostil á Alemanha: a tentativa de separar a Alemanha da Russia e a de predispor determinado ambiente mediante phraseados ideologicos.

A Russia deixou-se ludibriar tampouco quanto, semanas antes, a Italia. E com os sovdos palanfrorios da guerra mundial podem-se impressionar, talvez, por alguns poucos dias, as massas que têm a tendencia de se expandir em exaggeros de sentimentos. Fóra disso, ninguém mais se deixa illudir hoje em dia, se, na exposição official ou officiosa dos objectivos de guerra anglo-francezes, se desdobram da mortalha versalhana o direito de autodeterminação dos povos, a liberdade das pequenas nações, o desarmamento, a humanidade, a democracia, a Europa mais beila do futuro e assim por diante.

De 1919 a 1933, portanto, durante quinze annos, a Inglaterra e a França exerceram o dominio incontestado na Europa. Ahí poderiam ter feito alguma coisa, se tivessem podido ou se tivessem querido. Ellas, as nações ricas e potentes desta terra, não se desarmaram, nem sequer proporecionaram um ganha-pão aos seus sem-trabalho, nem mesmo extinguiram os famigerados bairros miseraveis de suas metropoles. Por que sangram os irlandezes, os arabes, os indus? Eis o que pergiinta o povo allemão. Realmente: frente a taes argumentos sobrios e criticos, a especulação com senhas retumbantes se sente desarmada em sua posição difficil. Ora, em última analyse, a Historia se escreve com actos exigidos dos homens por uma necessidade inexoravel.

### A fronteira junto ao Rheno

Se a França, seguindo as pegadas de seus grandes conquistadores historicos — de nu Richelieu, de um Luiz XIV, de um Napoleão — deslocou em 1918 sua fronteira politica até ao alto Rheno, isso constituiu um acontecimento com que a Alemanha quiz conformar-se, como que com uma perda amarga, irreparavel. Dá-se, entretanto, que também a Inglaterra affirmou, já faz alguns annos, pela bocca de um de seus ministros, que os limites da Grã-Bretanha se encontrariam igualmente no Rheno, e mesmo os Estados Unidos da America do Norte vindicaram, não ha muito, pelo órgão de Roosevelt, a fronteira do Rheno para si. Verdade é que isso foi desmentido, contudo, a rajada dos applausos entusiasticos na maioria das folhas estadunidenses emprestou á cansa um cunho real. Finalmente, o Presidente do Ministerio australiano, Menzies, declarou, segundo divulga a Reuter em 8. 12.: „As fronteiras de facto da Australia não se encontram apenas aqui, mas no Rheno e na costa oriental ingleza.“ Em face de tão altos conhecimentos de geographia empallidecem nossas proprias modestas noções desta materia. Também escapa aos nossos conhecimentos, que os camponces, viticultores e mineiros inglezes, norte-americanos e australianos tivessem adquirido, com o suor do seu rosto, um direito moral ás veillas e abengoadas terras cultivadas ao longo do Rheno, onde ha 2000 annos tem sua Patria apenas o idioma allemão. Mas provavelmente todas essas manifestações são apenas uma expressão do maldito „imperialismo allemão“ que, como se sabe, é insaciavel e quer dominar todo o mundo e que porisso pretende usurpar fronteiras que se encontram a uma distancia de milhares e milhares de kilometros.

(Continua na 2.a pag.)

### na costa uruguaia

O couraçado de bolso „Admiral Graf Spee“ lutando com pleno éxito contra quatro cruzadores britannicos

Berlin, 14. (T.-O. — Agencia Allemã) — De parte de guerra allemã diz-se:

O couraçado de bolso „Admiral Graf Spee“ navio de guerra que opera, deste o principio da guerra, no Atlantico, atacou um comboio no Mar do Prata, em aguas sulamericanas, afundando os navios britannicos „Taira“, de 7.983 toneladas, e o „Streonshall“, de 3.895 toneladas.

A seguir, o „Admiral Speer“ travou combate com o cruzador pesado inglez „Exeter“ e os cruzadores ligeiros britannicos „Ajax“ e „Achilles“. Lutando com um inimigo numericamente superior, conseguiu o cruzador leve germanico causar graves danos nas bellonaves britannicas. O „Exeter“ teve de se retirar do combate seriamente abalado. Outro cruzador, de cathogoria ligeira, britannico, foi obrigado á retirada, gravemente avariado.

O „Admiral Spee“ soffreu alguns impactos, encontrando-se actualmente no porto de Montevideo.

A Almirantado Inglez communica a perda do destroyer „Duchess“.

Montevideo, 14. (T.-O. — Agencia Allemã)

Toda a cidade amanheceu emocionada pela noticia da estadia, no porto, de tres cruzadores inglezes ancorados, assim como o couraçado allemão „Admiral Graf Spee“, que em aguas jurisdiccionadas uruguayas travaram violenta batalha que culminou em ficarem as bellonaves gravemente avariadas.

Os circulos competentes de Uruguay guardam porém absoluta reserva sobre o facto. Toda a imprensa uruguaya apparece hoje sob o influxo do extraordinario acontecimento naval, informando a seus leitores com grandes titulos nunca publicados antes.

Das noticias dos jornaes sabe-se que dois combates successivos se verificaram no decorrer da noite. Confirma-se também que o moderno cruzador pesado inglez „Exeter“ teve de abandonar o campo da luta por ter sido posto fóra de combate. Fala-se também em séria avarias soffridas pelos cruzadores ligeiros „Ajax“ e „Achilles“, também inglezes. As declarações de que os inglezes dispararam granadas de gaz contra o couraçado allemão „Admiral Graf Spee“ são objecto de grande attenção.



Panzerkreuzer „Deutschland“, ein Schwesterschiff des „Admiral Graf Spee“

### Seeschlacht an der uruguanischen Küste

Montevideo, 14. (T.-O. — Agencia Allemã) Es liegen jetzt Informationen über das Seegefecht vor, das das deutsche Panzerschiff „Admiral Graf Spee“ mit vier englischen Kreuzern am Mittwoch im Südatlantik an der La-Plata-Mündung hatte; danach war „Admiral Graf Spee“ am Mittwochmorgen mit dem englischen schweren Kreuzer „Exeter“ ins Gefecht gekommen, und dieser hatte dann die beiden englischen Kreuzer „Achilles“ und „Ajax“ zu Hilfe gerufen, so dass auch diese in das Gefecht mit eingriffen. Die „Exeter“ erlitt schwere Havarien; so wurde ihr die Brücke fortgeschossen. Auch die anderen englischen Kreuzer haben einige schwere Volltreffer erhalten. Der Geschützdonner wurde bis zu dem Badoert Punkte del Este gehört, der 20 bis 30 Meilen entfernt liegt. „Admiral Graf Spee“ hatte an Verlusten 36 Tote und 69 Verwundete, aber sonst wesentlich Beschädigungen nicht erlitten. Das deutsche Panzerschiff hat Montevideo lediglich angefahren, weil durch einen Treffer ein Teil der Lebensmittelvorräte verloren gegangen war. Nicht nur die „Exeter“ ist kampfunfähig, sondern auch die beiden anderen englischen Kreuzer erlitten erhebliche Beschädigungen und hatten schwere Verluste, über die jedoch die englischen Behörden jegliche Informationen verweigern.

Montevideo, 14. (T.-O. — Agencia Allemã) Wie mitgeteilt wird, ist das deutsche Kriegsschiff, das nach siegreichem Kampf gegen die drei englischen Kreuzer „Exeter“, „Ajax“ und „Achilles“ der „Admiral Graf Spee“, der 10.000 Tonnen verdrängt und der gleichen Klasse angehört wie die „Deutschland“ und

„Admiral Scheer“. Man erfährt, dass das deutsche Panzerschiff „Admiral Graf Spee“ bei seiner Ankunft in Montevideo die Kapitäne von sechs aufgebrauchten englischen Handelschiffen als Gefangene an Bord hatte.

Montevideo, 14. (T.-O. — Agencia Allemã) Das deutsche Panzerschiff „Admiral Graf Spee“ wurde im Juni 1934 vom Stapel gelassen und ist mit sechs Artilleriegeschützen von 28 cm, acht zu 15 cm, sechs Flaks von 10,5 cm, acht von 3,7 cm, zehn Maschinengewehren und acht Torpedolancierrohren ausgerüstet. Das Schiff misst 182 Meter in der Länge, 21,7 Meter in der Breite und hat 5 Meter Tiefgang. Die Besatzung besteht aus 965 Mann. Der grosse englische Kreuzer „Exeter“, der ausser Gefecht gesetzt wurde, ist aus dem Jahre 1929 und verdrängt 8400 t. Seine Bestückung besteht aus sechs Geschützen von 20,3 cm, acht zu 10,2 cm, vier von 4,7 cm, mehreren Flaks und Maschinengewehren und sechs Torpedolancierrohren. Der leichte Kreuzer „Ajax“ verdrängt fast 7000 t, die „Achilles“ etwas mehr als 7000 t. Ersterer wurde 1934 vom Stapel gelassen, letzterer im Jahre 1932. Beide sind mit acht Geschützen von 15,2 cm, acht von 10,2 cm, vier von 4,2 cm, 12 Maschinengewehren und 8 Torpedolancierrohren ausgerüstet. Beide zählen 500 Mann Besatzung, während die „Exeter“ eine Besatzung von 650 Mann hat. — Meldungen anderer Agenturen zufolge war auch das englische Schlachtschiff „Barham“ an dem Seegefecht beteiligt. „Barham“ verdrängt 31.100 t und seine Bestückung besteht aus 8 Geschützen von 38 cm, zwölf Geschützen von 15,2 cm.

### Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XIV.

kt. — Neben den Fälschungen am laufenden Band, in die der Kleinkram der mehr oder weniger bedeutungslosen Tagesereignisse mechanisch verarbeitet wird, traten in der vergangenen Woche zwei grosse Bemühungen deutschfeindlicher Propaganda hervor: Der Versuch, Deutschland und Russland voneinander zu trennen, und eine Stimmungsmache mit ideologischen Schlagworten.

Russland hat sich ebenso wenig beirren lassen, wie in den Wochen vorher Italien, und mit den alten Phrasen aus dem Weltkrieg kann man zu Gefühlsüberschwang neigende Massen wohl einige Tage lang beeindrucken. Sonst aber lässt sich heute niemand mehr beirren, wenn bei der offiziellen und inoffiziellen Erörterung der englisch-französischen Kriegsziele das Selbstbestimmungsrecht der Völker aus dem Versailler Leichentuch herausgewickelt wird, die Freiheit der kleinen Nationen, Abrüstung Humanität, Demokratie das schönere Europa der Zukunft usw.

Von 1919—1933, fünfzehn volle Jahre, übten England und Frankreich die unbestrittene Herrschaft in Europa aus. Da hätten sie etwas tun können, wenn sie gekonnt oder gewollt hätten. Sie, die Reichen und Mächtigen dieser Erde, haben nicht abgerüstet, haben nicht einmal ihren Arbeitslosen zur Arbeit verholfen und die berückichtigten Elendsviertel ihrer Grosstädte beseitigt. Warum bluten die Iren, die Araber, die Indier? So fragt das deutsche Volk. Und in der Tat: solchen nüchternen und kritischen Argumenten gegenüber hat die Spekulation mit Schlagworten einen schweren Stand. Denn Geschichte wird letzten Endes nur durch Taten gemacht, die eine unerbittliche Notwendigkeit von den Menschen verlangt.

### Die Grenze am Rhein

Wenn Frankreich, auf den Spuren seiner grossen historischen Eroberer, eines Richelieu, Ludwigs XIV. und Napoleon wandelnd, 1918 seine politische Grenze bis an den Oberrhein vorgeschoben hat, so ist das eine Gegebenheit, mit der sich Deutschland als mit einem bitteren, aber unwiederbringlichen Verlust abfinden wollte. Nun aber hat auch England schon vor einigen Jahren durch den Mund eines Ministers behauptet, Grossbritanniens Grenze liege ebenfalls am Rhein, und die Vereinigten Staaten beanspruchten kürzlich durch Roosevelt die Rheingrenze für Nordamerika. Das wurde zwar dementiert, aber das begeisterte Beifallsrauschen in den meisten amerikanischen Blättern gab der Sache doch einen realen Kern. Schliesslich erklärte nach „Reuter“ am 8. 12. der australische Ministerpräsident Menzies: „Die wirklichen Grenzen Australiens liegen nicht nur hier, sondern am Rhein und an der englischen Ostküste.“ Unsere bescheidenen geographischen Kenntnisse versagen angesichts dieser höheren Geographie. Uns ist auch nicht bekannt, dass englische, amerikanische und australische Bauern, Winzer und Bergleute sich durch ihren Schweiss ein moralisches Anrecht auf die gesegneten alten Kulturländer am Rhein erworben hätten, wo seit 2000 Jahren allein die deutsche Sprache beheimatet ist. Aber wahrscheinlich sind all diese Aeusserungen nur ein Ausdruck des verruchten — „deutschen Imperialismus“ der ja unersättlich ist und die ganze Welt beherrschen will und sich deswegen Grenzen anmasset, die Tausende von Kilometern entfernt liegen.

### Italien hat gesprochen

Unter dem Vorsitz Mussolinis ist der Fascistische Grossrat am 7. 12. zum ersten Male seit Beginn des Krieges zusammengetreten. In dem offiziellen Bericht heisst es: „Gegenüber den tendenziösen Meldungen aus dem Ausland erklärt der Grosse Rat, dass die Beziehungen zwischen Italien und Deutschland unverändert bleiben, wie sie durch den Bündnisvertrag und die vorher und nachher in Mailand, Salzburg und Berlin erfolgten Aussprachen festgelegt worden sind.“ Das lässt an Klarheit nicht zu wünschen übrig. Wer trotzdem die Haltung Italiens noch nicht begriffen haben sollte, dem seien die Kom-

mentäre der italienischen Presse und massgeblicher italienischer Staatsmänner zur Lektüre empfohlen. Wir aber greifen aus diesem Anlass in unsere Mappe und holen einige Telegramme hervor: Mussolini hat das deutsch-italienische Bündnis missbilligt („United Press“ 25. 9.). Die italienischen Zeitungen und Berichte sprechen nicht mehr von der „Achse“ („Havas“ 3. 10.). Das Reich hat Italien verraten („United Press“ 4. 10.). Mussolini lässt sich von Berlin nicht einschüchtern („Havas“ 4. 10.). Der deutsch-italienische Militärpakt ist zerrissen („Havas“ 7. 10.). Italien neigt sich den Westmächten zu („United Press“ 14. 10.). Solange das Haus Savoiens herrscht, wird Italien niemals die Waffen gegen Frankreich ergreifen, sagte der italienische König („Havas“ 18. 10.). Die Umbildung der italienischen Regierung bedeutet die Aufhebung des deutsch-italienischen Bündnisses („Havas“ 31. 10.). Deutsche Truppen wurden an den Brenner geworfen und befestigen ihn gegen Italien („United Press“ 11. 11.). — Das ist nur eine heschleide Blütenlese, die immerhin erkennen lässt dass die erwähnten Agenturen sehr schlecht unterrichtet sind. Denn der Grosse Faschistische Rat muss schliesslich am besten wissen, was er selbst will.

### Sinnland als Zankapfel

Die „Havas“-Agentur hat eine grosse Menge von Nachrichten verbreitet, u. a. am 28. 11., 6. 12., 8. 12., 9. 12. und 11. 12., aus denen deutlich die Absicht zu erkennen ist, Finnland als Zankapfel zwischen Deutschland und Russland zu werfen. Das Reich sollte Flugzeuge und Waffen an Finnland liefern und Hitler die finnische Regierung politisch unterstützen haben. Nach Widerlegung von einzelnen Unwahrheiten durch amtliche deutsche Stellen nahm daraufhin die „Politische und Diplomatische Korrespondenz“ am 11. 12. das Wort und legte zusammenfassend dar: Der Versuch Englands und Frankreichs, Russland in ihre deutschfeindliche Front einzuziehen, ist im August gescheitert. Jetzt versuchen sie, die deutsch-russischen Beziehungen zu lockern, indem sie behaupten Deutschland schicke den Finnen Kriegsmaterial und bemühe sich um einen Frieden im Westen zu dem Zweck, gemeinsam mit den Westmächten gegen Russland vorzugehen. Es handelt sich dabei um ein lang vorbereitetes Lügenspiel von London und Paris, durch das die neutralen Länder für die Kriegsziele der Alliierten gegen Deutschland und Russland eingespant werden sollen.

### Peinlicher Reifall

Am 7. 12. erschien ein Artikel über Deutschland und den Versailler Vertrag. Der neutrale Verfasser bemüht sich im ersten Teil, die deutsche Auffassung darzustellen, wobei er allerdings stark den Gedanken an eine „Rache“ für Versailles hervorhebt, der im deutschen Volk nie wirksam war. Man erinnere sich nur an die jahrelangen Bemühungen Hitlers um eine dauernde Verständigung mit Frankreich und Freundschaft mit England! Im zweiten Teil führt er englische und französische Verteidigungsargumente für diesen „gerechten Vertrag“ (übersetzt tratado justo) an, und zum Schluss gibt er seiner eigenen Meinung Ausdruck: Was sagen die Männer, die Versailles verurteilen, zu Brest-Litowsk oder zu dem Frankfurter Frieden von 1871? Ein Vergleich würde ergeben, dass die Bestimmungen von Versailles milder und menschlicher waren, als die, die Deutschland 1917 den Russen und 1871 den Franzosen auferlegte. — Da der Verfasser, ein neutraler Journalist, über den Verdacht einer Zweckklüge erhaben ist, beweist er durch diese Äusserung, dass er in peinlicher Weise auf ausländische Fälschungen hereingefallen ist und die Verträge von Frankfurt und Brest-Litowsk und vielleicht auch den Versailler Vertrag nicht im geringsten kennt. Schon ein ganz oberflächlicher Einblick in diese geschichtlichen Dokumente hätte ihn eines besseren belehrt.

### Das weiß Herr Eden nicht

Herr Eden wiederholte die bekannte Versicherung, Grossbritannien werde bis zum letzten Mann gegen Deutschland kämpfen und ergänzte; so lange noch ein Engländer atme, werde es auf den britischen Inseln keine „Marter mit dem Gummiknüppel“ geben („United Press“ 2. 12.). Dieses wenig beliebte Polizeiverfahren ist unseres Wissens in Deutschland eingeführt und ausgiebig gebraucht worden, als dort sehr westlich-demokratische Regierungsformen herrschten, und zwar nach amerikanischem oder englischem Vorbild. Im Dritten Reich wurde der Gummiknüppel bald nach der Machtübernahme abgeschafft. Aber das weiss Herr Eden nicht.

### Torpedo oder Mine?

Die „Tajandoen“ die am 6. 12. im Aermelkanal gesunken ist, war ein stättliches Schiff von über 8000 Tonnen. Da sie ausserdem den Holländern gehörte, wurde der dauerliche Unfall sofort propagandistisch gegen Deutschland ausgewertet. Nach „Transocean“ vom 7. 12. ist das Schiff auf eine Mine gelaufen, nach der amerikanischen „United Press“ ist die Frage Torpedo oder Mine noch nicht geklärt; die französische „Havas“ gab sofort am 7. 12. bekannt, das Schiff sei torpediert und das angreifende U-Boot einwandfrei festgestellt worden. Bis das Seegericht entscheidet, werden Wochen vergehen. Also hängt man den Deutschen schnell eine weitere „bestialische Grausamkeit“ an, die sie in ihrem „verbrecherischen Zerstörungswahn“ begehen. (Zitiert aus der Rede Churchills vom 12. 11. 39). Wahr oder unwahr, das ist hier nicht die Frage.

### Auch Hugenberg

In der langen Reihe hervorragender deutscher Persönlichkeiten, die ins Ausland geflüchtet sein sollen, tauchte vor kurzem auch Geheimrat Hugenberg auf, der frühere Minister und Vorsitzende der Deutschnationalen Partei. Nach der „New York Times“ hatte er das Reich verlassen, um seinen angeblichen Gegensatz zum „Nazismus“ zu betonen. Und wie in anderen Fällen, so liess

auch hier der Beweis für die Lügenhaftigkeit der Meldung nicht auf sich warten: Hugenberg selbst erklärte („Transocean“ vom 6. 12.), dass er abwechselnd in Berlin und auf seinem Landgut in Lippe sitze und nicht daran denke, sein schönes Vaterland zu verlassen, zumal in einem Augenblick, indem es im Kampf um seine Zukunft und sein Lebensrecht stehe. „Unsere Feinde täuschen sich, wenn sie mit deutscher Uneinigkeit rechnen.“ so schliesst seine Richtigstellung.

## Kritik an Russland

In diesen Tagen ist die sensationelle Berichterstattung der Tagespresse über den Deutschland von den Alliierten aufgewungenen Krieg in den Hintergrund getreten. Es sind auch keine besonderen Ruhmestaten der Briten und Franzosen zu melden. Zwischen dem Westwall und der Maginot-Linie herrscht ausser der üblichen Spätrüppeltätigkeit und einigem Artilleriefeuer Ruhe. Der Handelskrieg auf den Meeren zwischen England und dem Reich bietet ein sehr undankbares Thema für Kriegsberichtersteller, deren Aufgabe in der Meldung deutscher Verluste und Niederlagen besteht. Wer nämlich in diesem Duell der Leidtragende ist, bedarf keiner besonderen Betonung. Es würde genügen, eine Liste über jene torpedierten, versenkten, zusammengestossen und gescheiterten Dampfer zu veröffentlichen, wie sie selbst von den „Reuter“- und „Havas“-Agenturen und den ihnen treu verbundenen Zeitungen bekanntgegeben werden. Schiffsversenkungen sind zwar keine durchaus nur lobenswerte Kriegshandlungen, aber wenn eine Nation, im Rufe der Beherrscherin der Meere, einem anderen Volk durch eine totale Blockade seiner Einfuhr und Ausfuhr nur noch den Hungertod gönnt, dann dürfte das so bedrängte Volk zu jeder Gegenwehr mit jedem Mittel berechtigt sein. Und wir geben zu, dass die Behandlung dieses Themas Seekrieg für einen objektiv urteilenden Zeitungsschreiber schwer und für einen von der englischen Propaganda bezahlten Mann zur Stunde fast unmöglich ist. Wie soll er die Blockade gegen deutsche Ausfuhr auf neutralen Schiffen verteidigen, wenn alle Grossmächte in London schärfsten Protest erhoben haben? Wie kann er britische Siege melden, wenn solche nicht wahr sind? Er darf nicht einmal sachlich feststellen, dass die Ankunft des deutschen Schnelldampfers „Bremen“ in einem deutschen Heimathafen durch die Nordsee in dieser Zeit eine einzigartig mutige Tat darstellt, sondern muss auf höheren Befehl schreiben, dass ein britisches U-Boot „wegen der strengen Beachtung der internationalen Regeln des Seerechts“ von einer Torpedierung des grössten und schönsten deutschen Handelsschiffes abgesehen hat.

Also kommt in diesen mageren Wochen der Kriegsberichterstattung der finnisch-russische Streit wie gerufen. Auch den Diplomaten der Westmächte schien er ein zweckmässiges Mittel zur Prüfung der wahren Stimmung bei den Neutralen. Da hat man ganz fix die Genfer Völkerbundliga zum Tribunal der Anklage gegen den russischen Angreifer erhoben. Die britische Rechnung war höchst einfach: Gelingt die Verurteilung Russlands oder gar sein Ausschluss aus dem Völkerbund, dann steht Britannien als tugendhafter Wächter der Rechte der kleinen Länder vor aller Welt da und kann bei seinen weiteren Unternehmungen mit der Sympathie der neutralen Nationen rechnen. Nur musste sich jemand bereit finden, der mittels eines passenden Antrages die Kastanien aus dem Feuer holt, welche im Augenblick vom russischen Bären den Westmächten gegenüber beansprucht und behütet werden. Und hier gab's in Genf, bevor die einzelnen Liga-Mitglieder überhaupt zu einem rechten Entschluss kamen, eine unangenehme Ueberraschung. Russland liess wissen, dass es seine diplomatischen Beziehungen zu London und Paris abbrechen würde, falls man irgendeine Drohung wahr mache. Inzwischen war aus Washington ausgerechnet durch den Londoner Botschafter Kennedy nach Aussprache mit dem Präsidenten Roosevelt erklärt worden, dass die USA sich jeder Einmischung in europäische Streitfragen enthalten werden. Fast zur selben Stunde schrieb der journalistische Vertrauensmann Mussolinis, Gayda, dass Italien das Mittelmeer als seinen Lebensraum betrachte und an seinen Meeresgrenzen äusserst interessiert sei; und ebenfalls in dieser Stunde gab Japan bekannt, dass es für jede

(Fortsetzung der 1. pag.)

### Falou a Italia

Sob a presidencia de Mussolini, reuniu-se em 7. 12., pela primeira vez desde o começo da guerra, o Grande Conselho Fascista. Do comunicado oficial consta: „Contrariando as noticias tendenciosas que correm no exterior, o Grande Conselho declara, que as relações entre a Italia e a Alemanha continuam inalteradas, conforme foram assentadas no pacto de aliança e nas conversações havidas antes e depois em Milão, Salzburg e Berlin.“ Isso nada deixa a desejar quanto á clareza. Todavia, se ainda houver alguém que, apesar disso, não tenha compreendido a attitude da Italia, recomendamos-lhe a leitura dos comentarios da imprensa italiana e de estadistas competentes italianos. Vejamos, a proposito, alguns telegramas que temos aqui na nossa pasta: Mussolini aprovou a aliança italo-italiana („United Press“ — 25. 9.). Os jornais e comunicados italianos não mais falam no „eixo“ („Havas“ — 3. 10.). A Alemanha traiu a Italia („United Press“ — 4. 10.).

von den Briten auf japanischen Schiffen beschlagnahmte Tonne deutscher Ausfuhrgüter eine entsprechende Menge britischer Waren von den Schiffen der Alliierten herunterholen würde. Dies alles muss man in Erwägung ziehen, wenn man an den mangelhaften Unterbau der Plattform denkt, die von den Briten gegenwärtig in Genf Russland gegenüber eingenommen wird. Ist es da verwunderlich, dass man in London und Paris über die hartnäckige Forderung Argentinens auf Ausschluss der UdSSR aus Genf nicht gerade erfreut ist? Wie wird der diplomatisch-strategische Rückzug der Briten in dieser Angelegenheit aussehen?

Vielleicht wäre es überhaupt nicht zu dieser neuaugelegten Blamage der Völkerbundliga gekommen, wenn die waffentechnischen Auseinandersetzungen zwischen Russen und Finnländern nach Ansicht vieler Zeitgenossen nicht unprogrammgemäss verliefen. Es traten sogar im Nebenberuf politisierende „Fachleute“ auf den Plan, die auf Grund der „Havas“- und „Reuter“-Schlagzeilen, die von gewissen Strassenzeitungen mit wahren Balken herausgebracht wurden, von der völligen Untauglichkeit der russischen Armee erzählten. Wie es nur möglich sei, so fragten sie sich selbst und die Welt, dass die Finnländer einen derartigen Widerstand leisten könnten, dass die Russen so viel Niederlagen erlitten, dass ihre Tanks und Flugzeuge zerstört und Zehntausende von Sowjetsoldaten gefangengenommen werden konnten!

Ja, ein Unterschied zwischen dem 18-Tage-Feldzug der Deutschen gegen Polen und den Kämpfen am nördlichen Polarkreis mag schon bestehen; genau so wie die Deutschen keine Russen und die Polen keine Finnen sind. Aber es scheint uns doch reichlich naiv, heute einseitig nur jenen Meldungen Glauben zu schenken, die wir im September als tägliche Lügen entlarven konnten und mussten. Finnland ist mit seinen Seen und Wäldern nicht nur grösser als der ehemalige polnische Staat, sondern auch viel unzugänglicher. Ueber die Kämpfe dort kann irgendein kleiner Moritz in London Kopenhagen, Stockholm, Paris oder Brüssel überhaupt kein Urteil fällen, und wer derartige Litanen nachbetet, soll sich in den nächsten Tagen nicht von der Nachricht überraschen lassen, dass das tapfere finnische Volk zu einem Frieden mit Russland neigt, weil dessen Truppen weit im Land stehen und ein weiterer Widerstand zwecklos wäre. Allem Anschein nach gründet sich auch die Ablehnung des Genfer Ultimatus durch die Moskauer Regierung auf einen bevorstehenden Umschwung in Finnland, da ausdrücklich der Begriff Krieg gegen das finnische Volk in Abrede gestellt wird. Wir haben nicht über den Wert russischer Truppen den Stab zu brechen. Wenn die Sowjetunion mit England und Frankreich gegen Deutschland stände, würde sicherlich kein Franzose oder Brite das russische Heer als untauglich bezeichnen.

An dieser Stelle wurde sofort nach Abschluss des deutsch-russischen Nichtangriffspaktes die Meinung vertreten, dass damit die Gefahr eines neuen Weltkrieges überwunden sei. Hätte das Reich seine Truppen über Polen hinaus auch gegen Russland in Kampfstellung bringen müssen, dann wäre notgedrungen Italien zum Eingreifen gezwungen gewesen, die Balkanländer wären mit in den kriegerischen Strudel hineingerissen worden, und wir hätten heute eine ganz andere Situation, als den Krieg an der Westfront, der von den Briten und Franzosen an das deutsche Volk erklärt wurde. An dieser Auffassung von der grossen Rolle Russlands im europäischen Entscheidungskampf halten wir fest. So paradox der Satz auch klingen mag — wir schreiben ihn nieder: Der britische Krieg gegen Deutschland schliesst die Erhaltung des Weltfriedens nicht aus. ep.

Mussolini não se deixa intimidar por Berlin („Havas“ — 4. 10.). Foi rasgado o pacto militar italo-italiano („Havas“ — 7. 10.). A Italia inclina-se para as potencias occidentales („United Press“ — 14. 10.). Enquanto a casa Savoia governar, jamais a Italia empenhará armas contra a França, disse o rei da Italia („Havas“ — 18. 10.). A transformação do governo italiano significa a denuncia da aliança italo-italiana („Havas“ — 31. 10.). Foram lançadas tropas alemãs ao Brenner, as quaes fortificam este contra a Italia („United Press“ — 11. 11.). — Temos aqui apenas a modesta colectanea que, em todo caso, dá a conhecer, que as citadas agencias estão bem mal informadas. Pois o Grande Conselho Fascista deve, afinal de contas, saber melhor o que lhe proprio quer.

### Finlandia, o pomo da discordia

A Agencia „Havas“ difundiu uma longa série de noticias, entre outras em 28. 11., 6. 12., 8. 12., 9. 12. e 11. 12., das quaes resulta claramente a intenção de lançar a Finlandia como pomo da discordia entre a Alemanha e a Russia. O Reich teria fornecido aviões e armas á Finlandia e Hitler teria apoiado politicamente o governo finlandez. Depois de contestadas algumas inverdades isoladas pelas autoridades competentes tentas a „Politische und Diplomatische Korrespondenz“ tomou em 11. 12. a palavra e expoz, em resumo: A tentativa da Inglaterra e da França de incorporar a Russia na sua frente hostil á Alemanha fracassou em agosto. Agora tentam solapar as relações italo-russas com a affirmação de que a Alemanha estaria enviando material bellico aos finlandezes e se esforçaria por uma paz a oeste para o fim de marchar, em commum com as potencias occidentales, contra a Russia. Trata-se ali de um jogo de mentiras de longa data, preparado por Londres e Paris, através do qual se pretende atrelar os paizes neutros em prol dos objectivos de guerra dos aliados contra a Alemanha e a Russia.

Um logro penoso

### Um logro penoso

Appareceu em 7. 12. um artigo que se occupou da Alemanha e do tratado de Versalhes. O autor imparcial esforça-se, na primeira parte do seu trabalho, no sentido de demonstrar a concepção alemã, ao mesmo tempo que accentua, earragando em verdade nas tintas, a idea de uma „revanche“ por causa de Versalhes, a qual, entretanto, jamais se manifestou no seio do povo tedesco. Basta que se lembrem os esforços de Hitler que, durante annos e annos, se empenhou por um entendimento duradouro com a França e por uma amizade com a Inglaterra! Na segunda parte do artigo, seu autor cita argumentos de defesa ingleses e francezes em prol desse „tratado justo“ e, por fim, manifesta sua propria opinião: Que é que dizem os homens que condemnann Versalhes sobre a paz de Brest-Litowsk ou sobre a paz de Francfurt de 1871? De um cotejo resultaria, que as determinações de Versalhes foram mais indulgentes e mais humanas que aquellas que a Alemanha impoz aos russos em 1918 e aos francezes em 1871. Uma vez que o articulista, jornalista neutro que é, se encontra acima da suspeita de se valer de u'a mentira proposital, elle prova com esta sua explanação, que cahiu, de maneira penosa, num logro, accetando adulterações estrangeiras, e que nem sequer conhece os tratados de Francfurt e de Brest-Litowsk, nem mesmo talvez o tratado de Versalhes. Teria bastado que corresse mui superficialmente os olhos por esses documentos historicos para certificar-se de como andou redondamente enganado.

### O que o sr. Eden ignora

O snr. Eden repetiu a já conhecida affirmação de que a Grã-Bretanha lutaria contra a Alemanha até ao ultimo homem, accrescentando, que, enquanto ainda respirar um inglez, não se conheceria nas Ilhas Britannicas a „tortura com o bastão de borracha“ („United Press“ — 2. 12.). Ao que sabemos, esse instrumento policial pouco apreciado, foi introduzido na Alemanha, onde se o applicou abundantemente, quando alli dominavam formas de governo bastante occidental-democraticas, e isso copiado do exemplo norte-americano ou inglez. No Terceiro Reich, o bastão de horracha foi abolido, logo após a tomada do poder. Todavia, o snr. Eden ignora isso.

### Torpedo ou mina?

O navio „Tajandoen“, que sossobrou em 6. 12. no Canal da Mancha, era uma embarcação vistosa de mais de 8.000 toneladas. Uma vez que, além disso, pertencia aos holandezes, o deploravel accidente foi immediatamente explorado propagandisticamente contra a Alemanha. Segundo a „Transocean“, em noticia datada de 7. 12., o navio chocou numa mina. Segundo a „United Press“ norte-americana, a questão torpedo ou mina ainda não se acha esclarecida. A „Havas“ franceza divulgou promptamente, em 7. 12., que o navio teria sido torpedeado e que se teria identificado, inquestionavelmente, o submarino aggressor. Escoar-se-ão semanas, até que o Tribunal Naval decida a questão. Atribua-se, pois, aos alemães, depressa, mais uma „crueldade bestial“ por elles commettida em seu „desvario destruidor criminoso“ (citações do discurso de Churchill de 12. 11. 39). Não se cogita aqui de saber, se é verdade ou não.

### Tambem Hugenberg

Entre a longa série de personalidades, alemãs de destaque que teriam fugido para o exterior surgiu, ha pouco, tambem o nome do conselleiro Hugenberg, ex-ministro e chefe do Partido Nacionalista Alemão. Conforme faz constar o „New York Times“, elle teria deixado o Reich, afim de patentear assim seu supposto antagonismo com o „nazismo“. Ora, como já em outros casos, a prova da mendacidade dessa noticia não se fez esperar tambem ali. O proprio Hugenberg declarou („Transocean“ — 6. 12.), que passaria seu tempo, alternadamente, ora em Berlin, ora na sua propriedade em Lippe, e que não pensaria em abandonar sua bella Patria, namixim numa hora em que esta se encontra empenhada numa luta pelo seu futuro e pelo direito vital. Conclue assim sua rectificação: „Nossos inimigos enganam-se, se confiam com a desmão alemã.“

# Was kann Frankreich in diesem Krieg eigentlich gewinnen?

Angesichts des gegenwärtigen Krieges legen sich viele Leute die Fragen vor, ob Frankreich Eroberungsabsichten hege, oder was es sonst zu gewinnen glaube. Wer aber die französische Geschichte der vergangenen Jahrhunderte kennt, wird sich zunächst selbst fragen: Was hat Frankreich eigentlich bereits verloren?

Für die Gefühle, welche die Siegnation Frankreich nach dem Weltkrieg beherrschte, spricht in bezeichnender Weise eine kleine historische Episode. Wir schreiben den 25. April 1919. Poincaré, damals Präsident der Republik, ruft den Ministerrat zusammen, um Clemenceau für die angeblich zu schlaffe Verteidigung französischer Forderungen an der Rheingrenze verantwortlich zu machen. Auch Marschall Foch ist anwesend. Zornig wendet sich Poincaré an den Ratspräsidenten Clemenceau und sagt, dass die von ihm geforderte 15jährige Besetzung des Rheinlandes eigentlich einen völlig unverständlichen Streich darstelle. (Die glatte Annektierung des Rheinlandes hätte dem französischen Chauvinismus mehr entsprochen, hat Poincaré wahrscheinlich sagen wollen. D. Schriftl.) In diesem Augenblick erhebt sich Clemenceau ausserordentlich ernst von seinem Platz. Sein Tigerkopf wirkt fast mongolisch. Seine Augen funkeln. Seine Worte hämmern wie Maschinengewehrschüsse durch den Saal: „Herr Präsident, Sie sind viel jünger als ich. In 15 Jahren werde ich nicht mehr sein. Aber in 15 Jahren werden die Deutschen auch nicht alle Bedingungen des Vertrages erfüllt haben. Und wenn Sie dann, Herr Präsident, von der Höhe Ihres Amtes mir die Ehre erweisen wollen und mein Grab besuchen, dann bin ich gewiss, dass Sie folgendes aussprechen werden: Wir sind am Rhein und am Rhein müssen wir bleiben!“

Eine andere Erinnerung: Der Einmarsch französischer Truppen in das deutsche Ruhrgebiet im Jahre 1923 schien, obgleich im Widerspruch zu den Versailler Vertragsklauseln, die prophetischen Worte Clemenceaus zu verwirklichen. Frankreich herrschte über Europa. Die Kleine Entente und Polen waren in Osteuropa die Vollstrecker französischer Befehle. In der Genfer Liga der Nationen führte Frankreich das erste Wort. Noch im Jahre 1931 gelang es ihm, den Plan für die Zollunion zwischen Deutschland und Oesterreich trotz aller rechtlichen Unwiderlegbarkeit zu zerschlagen.

Als aber Louis Barthou, der letzte Politiker der „Siegerklasse“ des Weltkrieges, die noch in Frankreich lebte, und der noch einmal den Versuch für eine Verewigung des Versailler Diktats sowie der Einkreisung Deutschlands unternahm, ein Opfer des Attentats in Marseille (bei dem auch der jugoslawische König den Tod fand) geworden war, hatte die französische Politik bereits ihren Zenit überschritten. Von jenem Zeitpunkt ab hat Frankreich in ununterbrochener Folge seine Freunde und Trabanten verloren.

Die Kleine Entente (Donau- und Balkanstaaten) zerfällt in ihre Bestandteile. Die Tschechoslowakei wird bei dieser Zuckung aufgelöst. England geht dazu über, sich nun Schritt für Schritt der politischen Führung zu bemächtigen. Polen wird sein besonderer Schützling. Das Bündnis zwischen Frankreich und der Sowjetunion beginnt zu zerbrechen. Die Beziehungen Frankreichs zu seinen lateinischen Schwestern Italien und Spanien erkalten immer mehr. Frankreich segelt im Schlepptau Englands und fühlt sich heute verlassen.

Dieser Abstieg der französischen Politik gann in Wirklichkeit an jenem Tage, als Frankreich und England zur „Entente cordiale“ („Herzliches Bündnis“) einander die Hände reichten. Das war im April 1904. Bis dahin war Frankreich von England unabhängig. Seitdem wird es von England als Bollwerk auf dem Festland gegen Deutschland benutzt. Frankreich hat diese Mission erfüllt, indem es die Opfer des Weltkrieges brachte. Ihm oblag die Aufgabe, von 1914 bis 1918 die Brandungen der deutschen Angriffe über sich ergehen zu lassen, während England sich auf die Hilfeleistung, und eine solche nur im äussersten Falle, beschränkte. Die Verluste beider Länder führen demgemäss eine deutliche Sprache. Frankreich zählte im Weltkrieg 1.246.000 Tote, England dagegen nur 682.000, das ist wenig mehr als die Hälfte, obschon die französische Nation nur über 40 Millionen Bewohner verfügt, England dagegen 45 Millionen Menschen zählt. Das Missverhältnis wird noch weit augenscheinlicher, wenn wir uns auf die Verteilung der Kriegsbeute beziehen. Während England den weit aus grössten Teil der deutschen Kolonien, die deutsche Handels- und Kriegsflotte in Besitz nahm, musste sich Frankreich mit der Besetzung des linken Rheinuferes auf die Dauer von 15 Jahren begnügen und mit der nach dieser Zeit angesetzten Volksabstimmung im Saargebiet.

Vom selben Augenblick indessen, da Deutschland einmütig wiederaufstand und sein

Selbstvertrauen wiedergewann, schrumpfte die Rolle Frankreichs auf die eines Prellbocks für die britische Festlandpolitik zusammen. England begann Frankreich hin- und herzustossen und es, wie ihm beliebte, zu verführen. Genau an dem Tag nach Beginn des italienischen Vormarsches in Aethiopien (Abessinien), an welchem in Paris zwischen Laval und Samuel Hoare ein Einvernehmen bezüglich der friedlichen Ueberlassung eines grossen Teiles jenes afrikanischen Gebietes an Italien erzielt wurde, genau an jenem 13. Dezember des Jahres 1935, trat in London zum erstenmal die Opposition auf den Plan, welche heute in England regiert und sich aus dem damaligen Schatzkanzler Chamberlain, dem Minister beim Völkerbund, Eden, und dem Kriegsminister Duff Cooper zusammensetzte. Diese Opposition verhinderte eine freundschaftliche Verständigung Frankreichs mit Italien. Seit jenem Tag hört man das Geschrei von Demokratie auf der einen Sei-

te und Diktatur auf der anderen; seit dieser Stunde nahm England das Steuer der Entente in die Hand. Ebenso haben die Engländer jeden Verständigungsversuch zwischen Frankreich und Deutschland hintertrieben. Im Zeichen der „Volksfront“ verlor Frankreich den Rest seiner Freunde und blieb isoliert. So sieht das Gleichgewicht innerhalb der „Entente cordiale“ zwischen Frankreich und England aus, nachdem sie 35 Jahre besteht.

Aber Frankreich hat keinen Grund, sich über dieses wahrhaftig trostlose Ergebnis zu wundern. Kennt es schliesslich nicht genügend Beispiele in seiner Geschichte, wo es für England gebuhet hat? Hat nicht gerade England während des Siebenjährigen Krieges (1756—1763), als Frankreich auf dem Festland beschäftigt war, ihm seine besten Kolonien geraubt, nämlich Kanada und das Mississippi-Gebiet? Und hat nicht England während der napoleonischen Kriege die europäischen Unruhen dazu benutzt, um Frankreich

aus seinen letzten und besten Besitzungen aus Ostindien zu vertreiben?

Was also kann Frankreich in diesem Krieg gewinnen? Sein koloniales Reich ist immer noch gewaltig. Aber wenn erst die Hindus zur Verteidigung ihres Nationalismus auf die Strasse gehen, wird Frankreich seine reichsten Kolonien in Indien und Indochina nicht entsprechend verteidigen können. England hat in jenen Gegenden schon mit dem Schutz seiner eigenen Interessen genügend zu tun. In Europa hat Frankreich wirklich nichts zu gewinnen. Das Scheitern des Versailler Experiments, durch welches Deutschland vernichtet und für immer uneinig bleiben sollte, hat nur bewiesen, dass das Reich gegen derartige Machenschaften gefeit ist. Versailles hat, entgegen den Erwartungen seiner Urheber, nur den Zusammenschluss aller Deutschen gefördert, die heute, 80 Millionen stark, auf einem geschlossenen Gebiet leben.

Wenn Frankreich also nichts zu gewinnen hat, dann taucht die Frage auf, ob es nicht doch etwa vieles verlieren kann. Und an dieser Stelle denken wir an die vielen Tausend Menschen, die Elite der französischen Nation, die ihr Leben als Opfer bieten.

## Sehr deutliche Sprache des Reiches mit den nordischen Ländern wegen ihrer schiefen Ausrichtung

Berlin, 7. (T.O. — Agencia Allemä). Folgende deutsche amtliche Stellungnahme zu den nordischen Ländern wurde in vergangener Woche ausgegeben:

„Im Zusammenhang mit dem nunmehr zum offenen Konflikt gewordenen sowjetrussisch-finnischen Streitfall wurde vor allem aus der Lügenküche englischer und französischer Amts- und Redaktionsstellen versucht, Deutschland die Mitverantwortung an den Ereignissen im Norden zu unterschieben. Insbesondere wurde behauptet, Deutschland verletze die von ihm als selbstverständlich erwartete Pflicht, Finnland zu helfen, mit dem es soviel gemeinsame Bande verknüpfte. Angesichts solcher ebenso böswilligen wie töricht und politisch kindlichen Unterstellungen erscheint es nötig, die Beziehungen Deutschlands zu den nordischen Ländern in den letzten zwanzig Jahren einer kurzen kritischen Prüfung zu unterziehen:

1. Es ist kein Zweifel, dass die Völker des Nordens in Deutschland immer besonders eine auf historischen und gefühlsmässigen Gründen beruhende Sympathie genossen haben. Diese Sympathie ist aber im Verlauf der letzten zwanzig Jahre mehr und mehr eine einseitige geworden. Das Deutsche Reich war in seiner Machtposition in Europa von jeher ein natürlicher Freund nordischer Interessen. Es ist diesem Grundsatz auch in seiner ganzen Geschichte immer treu geblieben und hat diese Einstellung den kleinen nordischen Staaten gegenüber unzählige Male unter Beweis gestellt.

2. Als nun das Deutsche Reich am Ende des Weltkrieges durch den Wortbruch der Alliierten in einen Zustand der Ohnmacht versetzt wurde und ihnen hilflos ausgeliefert war, hatte man in Berlin weniger auf aktive Hilfe — denn dazu waren natürlich diese Länder garnicht in der Lage — als doch zumindest auf Sympathie und moralische Unterstützung der nordischen Länder im Unglück des deutschen Volkes gerechnet.

3. Das Gegenteil aber trat ein. In den für Deutschland so bitteren Jahren hat keines der Länder sein Gewicht gegen das dem deutschen Volk angetane Unrecht in die Waagschale geworfen. Jeder vernünftig Denkende musste sich klar darüber sein, dass dieses Unrecht früher oder später eine Vergeltung nach sich ziehen und damit die Welt erneut in selbsterstirnte Unruhe geraten musste, wenn es nicht gelang, rechtzeitig eine Revision zu schaffen.

4. Anstatt nun aber in dieser Richtung zu wirken, waren die nordischen Staaten von Anbeginn der Gründung des Genfer Völkerbundes die treuesten Anhänger und Verfechter dieses Systems, das in seiner ganzen Struktur auf nichts anderes als die Niederhaltung Deutschlands auf ewige Zeiten abzielte. Die nordischen Länder haben dem Völkerbund auch dann noch die Treue gehalten, als seine wahre Natur als Exekutor von Versailles, als Hüter des status quo, auch dem naivsten politischen Gemüte klar geworden sein musste. Vergebens wartete Deutschland damals auf ein Zeichen der Sympathie, auf wirksame moralische Unterstützung; aber man war entweder zu uninteressiert oder beschränkte sich auf ideologische saft- und kraftlose Auseinandersetzungen im Rahmen des Genfer Debattierklubs. Immer mehr geriet der Norden ins Fahrwasser der englischen Politik. Symptomatisch hierfür war auch ihre Haltung im Ahessinienkonflikt, als die Nordländer sich als solch eifrige Verfechter des Nachkriegssystems entpuppten, dass sie sich nicht nur in treuer Ergebenheit an den Sanktionsbeschlüssen gegenüber Italien hielten, sondern diese mit fast selbstmörderischer Gewissenhaftigkeit gegen Italien durchführten. Die wenigen erfreulichen Ausnahmen bestätigten nur diese Grundeinstellung.

Als in Deutschland der Nationalsozialismus die Macht übernahm, und das deutsche Volk

unter der Führung Adolf Hitlers begann, seine Fesseln abzuschütteln, da wurde vom überwiegenden Teil der Presse des Nordens dieses Ereignis nicht etwa freudig begrüsst, sondern fast jeder Schritt zur deutschen Selbständigkeit und jede Tat des Führers zur Beseitigung des Versailler Friedensvertrages wurde einer hemmungslosen Kritik unterworfen.

Im Namen des Fortschritts und der Humanität, im Namen der Demokratie und des Liberalismus wurde Deutschland in Verruf getan, beschimpft und wirtschaftlich boykottiert. Es gab kaum einen Tag, an dem nicht zahllose Blätter der nordischen Staaten an irgend einer Handlung der deutschen Politik anmassende und beleidigende Kritik übten. Jede Aeusserung des Dritten Reiches wurde zu dessen Ungunsten ausgelegt und oft von den Blättern mit geradezu unverständlichen Angriffen begleitet. Bis in die massgebenden Kreise hinein ging die systematische Ablehnung dessen, was aus dem Dritten Reich kam, sodass von deutscher Seite nicht selten offizielle Wege beschritten werden mussten, um diesem unerträglichen Zustande entgegenzutreten.

6. Besonders auffällig zeigten sich die Folgen der systematischen Hetze gegen Deutschland in den nordischen Ländern, als Deutschland sich im Laufe dieses Jahres bereit erklärte, mit den kleinen Staaten des Nordens Nichtangriffsverträge abzuschliessen. Während mit Dänemark und den baltischen Staaten Verträge zum Abschluss kamen, waren es Schweden, Norwegen und Finnland, die sich desinteressiert zeigten. Schweden und Norwegen erklärten aus prinzipiellen Gründen ihre Desinteressiertheit. Finnland aber hat damals den Abschluss eines Nichtangriffsvertrages mit dem Reich abgelehnt, obwohl Deutschland nicht das erste Land gewesen wäre, mit dem Finnland einen solchen Pakt abgeschlossen hätte. Wenn auch damals den deutschen politischen Kreisen die finnische Haltung unverständlich war, so geht man nach den Erfahrungen der seitherigen Entwicklungen nicht fehl in der Annahme, dass der seinerzeitige finnische Entschluss in weitgehendem Masse von englischen Kriegshetzern beeinflusst war, von denen über andere skandinavische Politiker seither die lebhaftesten Fäden nach Helsinki gesponnen wurden.

7. Diese Länder haben damit zu erkennen gegeben, dass ihnen in Wirklichkeit trotz ständig wiederholter Neutralitätsbeteuerungen an einer entschlossenen und gleichmässigen Friedenseinstellung gegenüber allen Seiten nicht soviel gelegen war wie an der Hoffnung auf das politische Ueberwiegen jener Seite, mit der man aus allerhand unneutralen Gründen sympathisierte. Es ist in diesem Zusammenhang bezeichnend, dass gerade die skandinavischen Länder es waren, welche der Valenciaregierung nicht nur bis zum Ende, sondern über das Ende hinaus, als diese überhaupt nicht mehr existierte, ihre Anerkennung und

moralische Unterstützung gewährten, Franco die längst geschuldete Anerkennung dagegen noch zu dem Zeitpunkt verweigerten, als jedes Hinausschieben nur als einseitige Parteinahme gegen Franco, gegen Italien und gegen Deutschland ausgelegt werden konnte. Weiter ist bezeichnend, dass alle diese Länder bis zum heutigen Tage noch jenem Genfer Völkerbund angehören, dessen Artikel 16 noch nicht abgeschafft ist, jener berüchtigte Sanktionsartikel, durch den die kleinen Staaten für die Interessen Grossbritanniens eingespannt werden.

8. Seit Ausbruch des Krieges mit den Westmächten hat sich die Haltung der nordischen Länder nicht etwa geändert, sondern Deutschland, das keinerlei Differenzen mit den nordischen Staaten hat und von jeher in der Geschichte für deren Interessen eingetreten ist, musste wiederum erleben, dass es gerade die Staaten des Nordens waren, die in der Presse und in ihren Handlungen alles andere als eine wohlwollende Haltung gegenüber den deutschen Belangen einnehmen. Jedes Land möge seine Sympathie dort wählen, wo es ihm am besten dünkt. Es soll sich aber dann nicht darüber beklagen, wenn ihm seinerseits nicht jenes Mass an Sympathie entgegengebracht wird, auf das man bei ihm seit Jahren vergeblich gewartet hat. Dem deutschen Volk ist durch die britischen Kriegshetzer, die nicht zum wenigsten durch die skandinavischen Journalisten und Politiker unterstützt wurden, der jetzige Krieg aufgezungen worden. Es ist naiv und sentimental zugleich zu erwarten, dass das deutsche Volk im Kampf um seine Zukunft nun plötzlich allen kleinen Staaten beistehen soll, die sich vorher nicht genug tun konnten, Deutschland zu schmähen und zu verunglimpfen.

Jahrelang hat man Deutschland zumindest mit Gleichgültigkeit, ja mit höchster Ablehnung und oftmals aber mit schlecht verhüllter offener Feindseligkeit behandelt. Das Dritte Reich kennt sehr wohl die Verpflichtung der Dankbarkeit und Treue. Aber seine Freundschaft liegt nicht auf der Gasse, wo sich jeder nach Belieben sie wieder nehmen könnte, nachdem er sie vorher abgeschlagen hat. Das Dritte Reich hält denen die Treue, die ihm Treue halten. Das Dritte Reich steht denen bei, die ihm beistehen. Das Dritte Reich nützt dem, der ihm nützt. Das deutsche Volk hat nichts gegen das finnische Volk. Im Gegenteil, das deutsche Volk hat keinerlei Feindschaft gegen die Völker des Nordens. Es ist zu hoffen, dass die Leiter der Geschicke unserer nördlichen Nachbarn eines Tages sich darüber Gedanken machen und sich die Frage vorlegen werden, ob es besser ist wie in den vergangenen Jahren den Einflüsterungen englischer Völkerbundsapostel und Kriegshetzern williges Ohr zu leihen oder dem natürlichen Interesse ihrer Völker nach Freundschaft mit dem deutschen Volk sichtbaren Ausdruck zu verleihen.“

## Schwarze Listen 1914/1918

Englands Druck auf die Neutralen — Eine zeitgemässe Wiedergabe aus einer 1918 erschienenen norwegischen Veröffentlichung

Von sehr zeitgemässen Interesse ist das im Jahre 1918 erschienene, von einem Norweger geschriebene Buch „Das Schicksal des Nordens, eine europäische Frage“. Darin behandelt der Verfasser, der bekannte norwegische Politiker Dr. Hermann Harris Aall, u. a. das System der schwarzen Listen.

Die Formel, nach der jemand „blacklisted“ wird, ist diese: der Vertreter der britischen Regierung teilt mit, dass der Betreffende in „the statutory blacklist“ eingetragen oder „so-

cially notified“ ist, und verlangt die Erklärung des Grosshändlers, dass er sich verpflichtet, der betreffenden Handlung keine Waren zu liefern und seinen Käufern eine gleiche Verpflichtung aufzuerlegen, weder unmittelbar noch mittelbar Waren an die genannten Häuser zu verkaufen und zu diesem Zwecke das beiliegende Blankett zu unterschreiben.

Ein norwegischer Geschäftsmann war auf die Liste gekommen. Er wusste nicht warum und protestierte gegen jeden Grund dazu — vergebens, wieder und wieder verge-

### Irradiações especiais

para o Brasil em Lingua Portuguesa

das 18,50 às 23,00 horas pelas emissoras

DZC — 10290 Kiclos — 29,15 metros e

DJP — 11855 Kiclos — 25,31 metros

Transmissão do Noticiário de ultima hora

todos os dias às 20 e às 22 horas (hora local)

bens. Er reiste wiederholt nach England, und es gelang ihm, bis zu dem richtigen Sekretär im „Foreign Trade Department“ des „Foreign Office“, Lancaster House, St. James, vorzudringen. Hier wurde ihm eine Abschrift seines gesamten überseeischen Briefwechsels vorgelegt. Diese enthielt auch die Beweise für seine Verbindung mit deutschen Firmen. Das Haager Übereinkommen Nr. 21 ist von der englischen Regierung stillschweigend ausser Kraft gesetzt worden, sogar Neutralen gegenüber.

Eines der angesehensten Geschäfte unseres Landes wurde eines Tages von einem britischen Agenten besucht, der die Geschäftsbücher zu sehen verlangte. Das wurde abgelehnt — und dann zugestanden. Nach beendeter Prüfung verlangte der Agent auch die Haushaltungsbücher zu sehen. Und er erhielt sie.

Ähnliche Beispiele gibt es vollauf.

Eine Firma hatte beim Beginn des Krieges eine Ware für 1 1/2 Millionen Kronen aus einem überseeischen Hafen gekauft. Sie wurde zwangsweise nach England gebracht und dort zurückgehalten. Sie kommt vor ein Preisengericht, wird aber freigesprochen. Doch sie wird nicht ausgeliefert. Auf Anfrage wird erklärt, die Firma sei „blacklisted“. Der Besitzer ahnt nicht, weshalb, wendet sich an die Britische Gesandtschaft, das norwegische Auswärtige Amt, die norwegische Gesandtschaft in London, das „Foreign Office“ in London, reist selbst jedesmal hinüber, das Auswärtige Amt gewährt ihm seine eifrigste Unterstützung; er verlangt jedenfalls Aufklärung darüber, was er Schlimmes getan habe, welchen Grund man hat. Er wird vom „Foreign Office“ an die Britische Gesandtschaft in Christiania verwiesen, dort aber verweigert man die Aufklärung. Sie bedauert, ihm mitteilen zu müssen, dass sein Name nicht von der schwarzen Liste entfernt werden könne und dass es zu nichts führen würde, sich an die Vereinigten Königreiche zu wenden. Basta. Der Mann hat einige Hunderttausende bei der Sache verloren, seine Waren nicht bekommen und bekommt sie auch nicht; sein bedeutendes Geschäft ist bis auf den Grund vernichtet, und er will die betreffende Exzellenz vor Gericht fordern, um Entschädigung zu erlangen; er weiss nicht, dass der Gesandte eines fremden Staates über dem Gesetz steht. Er gibt nach mehreren Jahren den Kampf auf, und sein Geschäft, das eine grosse Anzahl Menschen beschäftigte, muss auflösen.

Ein Geschäftsmann sass nach Ausbruch des Krieges mit einer Partie Waren ohne „Klausel“ da und verkauft davon nach Deutschland. Er wurde blacklisted. Ein anderer Geschäftsmann hatte keine andere Verbindung mit ihm gehabt, als dass er von ihm gekauft hatte und bei einer Jagdgesellschaft mit ihm zusammengetroffen war. Ergebnis: auch dieser zweite wurde blacklisted. Und nun geschieht folgendes: Letzterer verkauft eine Warenpartie von einem früheren Bestande — an ein anderes Geschäft. Der Vorsitzende des Vereins der betreffenden Branche erfährt von dem Verkauf und wendet sich an die kaufende Firma mit einem Hinweis darauf, welchen Folgen die Firma sich dadurch aussetze, dass sie die Waren aus einem blacklisted-Geschäft entnimmt. Der Käufer wird ängstlich und besteht so nachdrücklich auf der Rückgängigmachung des Handels, dass der Verkäufer, um nicht einen guten Kunden nach dem erwarteten Friedensschluss zu verlieren, sich genötigt sieht, darauf einzugehen. Verlust: zwischen Fünfzig- und Hunderttausend.

Verschiedene alte Vertreter auswärtiger Firmen werden von diesen gekündigt, weil die Agenten auf die schwarze Liste gesetzt worden sind. Norweger, Direktoren norwegischer Gesellschaften, werden von diesen auf Verlangen der britischen Obrigkeit gekündigt, die damit droht, dass die Gesellschaften sonst auf die schwarze Liste kommen und ihnen Kohlen verweigert würden. Die in Rede stehenden Direktoren stehen in dem Verdachte, die englische Auffassung der „Zivilisation“ nicht zu teilen oder sich doch nicht offen zu ihr zu bekennen.

Eine deutsche Gesellschaft, die mehr als ein Menschenalter im Lande ein Geschäft besessen hat, ist Eigentümerin einer Schute hier, die unter Sturm an einer Küstenstadt antreibt und zerschellt zu werden droht. Das Ersuchen um Beistand wird abgeschlagen unter Hinweis darauf, dass die Firma blacklisted sei. Einige Fischer retten das Boot im letzten Augenblick. Sie wussten nichts von der Achtung.

Der Verfasser hatte die Erlaubnis des königlichen Norwegischen Proviantamtes erhalten, zwei Kilogramm Butter an zwei in Deutschland internierte Russen zu senden. Nach vergeblichem Versuch in sieben verschiedenen Geschäften Christianias, den Einkauf für die Versendung zu bewirken, fand sich endlich ausserhalb der Stadt ein Geschäft, das nicht die Verpflichtung übernommen hatte, den Verkauf zu solchem Zwecke zu verweigern. Das war eines Sonntags um 3 Uhr nachmittags. Am darauffolgenden Montag 9 Uhr früh erhielt das betreffende Geschäft von seinem Grosslieferanten das Ansuchen, freundlichst das übliche Verpflichtungsblankett gegen Verkauf zu unterzeichnen. Ich hatte niemandem den Kauf mitgeteilt.

Norwegische Fischer bei Island bringen ihren Fang heim. Er wurde für klausuliert erklärt, weil der Fischdampfer einmal wäh-

rend der Reise von einem englischen Wachtschiff angerufen worden war. Und die norwegische Regierung hat unsere Fischer in der Nähe von Island darauf aufmerksam gemacht, dass sie am besten täten, sich mit der Britischen Gesandtschaft zu verständigen, um ihren Fang ungestört ausüben zu können. Hier müssen sie dann eine Erklärung abgeben, worauf es ihnen erlaubt wird, ihre Ausbeute nach Norwegen zu bringen.

Die deutsche „Timandra“ havarierte bei Haugesund Anfang Dezember 1916 und sollte mit deutschen Stahlplatten in Haugesund ge-

## Putz umflog

Das Wichtigste der Woche  
Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Nema)

Berlin, 6. — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht meldet steigende Nervosität der Franzosen südwärts der Mosel. Der Feind führt dort erhebliche Schanzarbeiten durch und versucht durch Artillerie- und Gewehrfeuer die Aufmerksamkeit der deutschen Truppen abzulenken. — Britische Fliegerverbände wurden bei einem Anflug der friesischen Inseln rechtzeitig von der deutschen Küstenflak gestellt und drehten nach Norden ab, wobei sie dänisches Hoheitsgebiet verletzten.

Amsterdam, 6. — Deutsche Flugzeuge sind wieder überraschend an der ostenglischen Küste erschienen und statteten auch dem Gebiet der Themsemündung erneut ihre Besuche ab.

Berlin, 6. — Der britische Versuch, die Schuld an dem russisch-finnischen Konflikt Deutschland zuzuschreiben, wird von Berliner politischen Kreisen mit dem Hinweis auf die Moskauer Verhandlungen der Engländer und Franzosen widerlegt, die den ersten Anstoss zu einer ganzen Reihe neuer Ereignisse gegeben haben, wogegen es damals auch den Alliierten nicht gelang, Sowjetrussland in die deutsch-feindliche Front hineinzuzwingen.

Berlin, 6. — Der Führer und Reichskanzler besuchte Generalfeldmarschall von Mackensen, der in vollster geistiger und körperlicher Frische seinen 90. Geburtstag beging, auf dessen Erbhof Brüssow und überbrachte ihm seine Glückwünsche. Der greise Heerführer erwiderte, dass sein heissester Wunsch sei, den Sieg des deutschen Volkes noch miterleben zu können.

Amsterdam, 6. — Die bekannte Schiffsglocke von Lloyd's in London, die bisher den Untergang von Schiffen anzukündigen pflegte, wird wegen der grossen Verluste der britischen Handelsflotte in den letzten Monaten nicht mehr geläutet. Die Erfolge der deutschen U-Boote und Minen haben diese Glocke die von dem im Jahre 1799 an der holländischen Küste gestrandeten britischen Kriegsschiff „Luftine“ stammt, zum Schweigen gebracht. Die derzeitigen Schiffsverluste werden auf einer einfachen schwarzen Tafel bekanntgegeben.

Amsterdam, 6. — Winston Churchill, der Erste Lord der britischen Admiralität, erklärte in seiner letzten Unterhausrede, dass England bereits tausend bewaffnete Dampfer habe und demnächst sogar zehntausend mit Geschützen versehene Schiffe über die Meere fahren lassen wolle. Bezüglich der britischen Verluste gab er dem Unterhaus folgende Rechnung zu lösen: Die Zahl der versenkten und torpedierten Schiffe betrug im 2. Kriegsmonat nur noch die Hälfte der Verluste im ersten Kriegsmonat und im dritten Kriegsmonat wiederum nur zwei Drittel der Verluste des zweiten Kriegsmonats. Die Neutralen hätten dagegen im zweiten Kriegsmonat doppelt so viel wie im ersten und im dritten Kriegsmonat allein dreimal so viel wie im ersten verloren. Mr. Churchill wies zum Schluss auf die Schnelligkeit hin, mit welcher das Reich neue U-Boote baue und sie in Dienst stelle; Britannien würde jetzt auch zur serienweisen Herstellung übergehen.

Helsinki, 6. — Finnland begeht heute den 22. Jahrestag seiner Unabhängigkeit. — Die Kämpfe zwischen Finnen und Russen werden mit aller Hartnäckigkeit fortgeführt. In Helsinki liegt der Schnee, der die Kampfhandlungen naturgemäss beeinträchtigt, bereits 30 cm hoch.

Genf, 6. — Wie in Völkerbundsreisen erklärt wird, verspricht man sich von Sanktionen gegen Russland keinen Erfolg. Der Handel zwischen Russland, England und Frankreich sei schon lange gleich Null, und die UdSSR würde bei ungeschickter Behandlung durch die Westmächte auch militärisch an die Seite Deutschlands treten.

Newyork, 6. — Der am deutschen Generalkonsulat in Newyork tätige Konsulatssekretär Dr. Engelberg wurde in seiner Wohnung in Brooklyn ermordet aufgefunden. Von den Mördern des in einem Hause allein wohnenden deutschen Konsulatsangestellten fehlt trotz eifriger Fahndung der Polizei noch jede Spur.

Berlin, 7. — Der Hauptamtsleiter des deutschen Winterhilfswerks, Hilgenfeldt, schilderte einem deutschen Pressevertreter gegenüber die umfassende Tätigkeit der NS-Volkswohlfahrt in diesem Kriegswinter. Die soziale Betreuung dient in erster Linie den Frauen und Kindern der Einberufenen und im Kriegsgefallenen. Ebenso werden die Familien der Besatzungen von den in neutralen Häfen liegenden deutschen Schiffen in jeder Weise unterstützt. Alle Massnahmen stehen unter der Parole: Kampf der Unterernährung. Besondere Abteilungen für Kinderhilfe und Kindergärten wurden geschaffen. Im Einver-

einigkeit werden. Der englische Konsul verbot dies und drohte jedem, der es wagen sollte, die Platten zum Schiffe zu bringen, mit der schwarzen Liste: Niemand wagte es. Die Ausbesserung war unmöglich gemacht.

Der deutsche „Jupiter“ strandete bei Frederikstad im Januar 1917. „Norsk Bjergingselskap“ kam erst zu Hilfe, nachdem von der Britischen Gesandtschaft die Erlaubnis erteilt worden war — wahrscheinlich infolge Drucks unserer Regierung. Aber dem Schiff wurde auf Verlangen des englischen Konsuls der Proviant verweigert.

nahmen mit der Zentralstelle für die Volksgesundheit ist Vorsorge getroffen, dass die deutschen Kinder nicht wieder wie im Weltkrieg Opfer der Rachitis, der „englischen Krankheit“, werden. Hilgenfeldt erinnerte an die Feststellungen des Engländers Wiles, der im Jahre 1920 schrieb, dass in Deutschland infolge der britischen Blockade 800.000 Zivilpersonen starben und weit über eine Million Kinder für ihr ganzes Leben gesundheitliche Schäden davongetragen hatten.

Berlin, 7. — Der deutsche Heeresbericht meldet den Vorstoss deutscher Aufklärer über die Nordsee bis zu den Shetland-Inseln sowie einen Luftkampf zwischen Deutschen und Briten unweit der holländischen Insel Texel. Dabei stiessen ein deutsches und ein britisches Flugzeug zusammen und stürzten ins Meer. Die deutsche Besatzung wurde von einem Küstenschiff gerettet.

Brüssel, 7. — Die Antwerpener Zeitung „Metropole“ teilt mit dass in Syrien unter der Leitung des französischen Generals Weygand ein Hilfsheer der Alliierten aufgestellt wurde um einen vermeintlichen sowjetrussischen Angriff auf die östliche Türkei und Zentralasien abzufangen. Dieses Expeditionskorps rekrutiere sich aus Arabern, die unter Leitung von französischen, britischen und neuerdings auch polnischen Offizieren Dienst leisten müssen.

Berlin, 7. — Die „Berliner Zeitung am Mittag“ veröffentlicht in einem Aufsatz über den englisch-deutschen Krieg, der eine Auseinandersetzung zwischen Volkssozialismus und Geldherrschaft darstelle, interessante Angaben über die jüdischen Propagandakapitalisten. Nicht nur die amtlichen britischen und französischen Nachrichtenagenturen, sondern auch die wichtigsten Zeitungen in England und Frankreich werden von Juden beherrscht. Juden, die sich für einige Tausend Pfund den Adelstitel erkaufen, sitzen im britischen Oberhaus. Als im vergangenen Herbst der Legationsrat vom Rath bei der deutschen Botschaft in Paris von einem Judenjungem ermordet wurde, erhielten die französischen Zeitungen aus jüdischen Quellen 130 Millionen Franken für eine entsprechende Berichterstattung.

Berlin, 7. — Vom Volksgerichtshof wurden drei zum Tode verurteilte Landesverratler, die sich u. a. dem englischen Geheimdienst zur Verfügung gestellt hatten, hingerichtet.

Berlin, 7. — Die deutsche Presse hängt die britischen Behauptungen von der Verwundbarkeit des Zentrums der deutschen Schwerindustrie, das nur 240 Kilometer vom Westwall entfernt liege, tiefer, indem sie auf die Verlagerung der deutschen Industrie nach dem Innern des Reiches hinweist. So sei die europäische Rüstungsindustrie in besonderer Weise von dem oberschlesischen Kohlenbeken abhängig, das viel weiter von England entfernt liege als die britischen Industriegebiete von den Stützpunkten der deutschen Luftwaffe.

Berlin, 8. — Eine wichtige Wasserstrasse Ostdeutschlands, der Adolf-Hitler-Kanal wurde nach sechsjähriger Bauzeit für den Verkehr freigegeben. Der Kanal verbindet das oberschlesische Industriegebiet mit der Oder und soll in den nächsten Jahren mit dem Oder-Donau-Kanal verbunden werden, für welchen soeben der erste Spatenstich getan wurde.

Moskau, 8. — Die „Prawda“ schreibt zum imperialistischen Krieg der Westmächte gegen Deutschland, dass England diesen Wirtschaftskrieg schon seit langer Zeit vorbereitet habe. Die Briten wollen die deutsche Einfuhr und Ausfuhr von und nach den neutralen Ländern abschneiden und bedienen sich dabei völkerrechtswidriger Methoden; sie wollen sich der deutschen Märkte im Ausland und in Uebersee bemächtigen und benutzen die neutralen Länder, die am meisten geschädigt werden nur für ihre kapitalistischen Interessen.

Kopenhagen, 8. — In Dänemark ist die Zahl der Arbeitslosen im November von 28.000 auf 118.000 gestiegen.

Stockholm, 8. — „Aftenbladet“ zufolge stehen im europäischen Russland gegenwärtig fünf Millionen Mann unter den Waffen.

Berlin, 8. — Der Heeresbericht meldet nur leichte Spätruppentätigkeit und vereinzelt Maschinengewehr- und Artilleriefeuer. Deutsche Flugzeuge, welche regelmässig die Nordsee kontrollieren, wurden östlich des britischen Kriegshafens Firth of Forth von feindlichen Maschinen angegriffen. Beim Rückflug musste ein deutscher Apparat wegen eines Motorschadens auf offenem Meer eine Notlandung vornehmen. Die Besatzung rettete sich im Gummiboot und wurde von zu Hilfe eilenden Fliegerschutzstreitkräften aufgenommen.

Rom, 8. — Bei den Westmächten haben die Erklärungen Mussolinis auf der Sitzung des faschistischen Grossrates grosse Enttäuschung ausgelöst. Der Duce führte aus, dass Italien keinen Grund zur Aenderung seiner Haltung sähe die am 1. September durch den Beschluss des italienischen Ministerrats festgelegt wurde. Die Beziehungen zwischen Italien und Deutschland bleiben so, wie sie im militärischen Bündnisvertrag und im Mei-

nungsaustausch formuliert wurden, der in Mailand, Salzburg und später in Berlin stattgefunden hat. Italien sei an allen Balkanfragen unmittelbar interessiert, infolge seiner Vereinigung mit dem Königreich Albanien. Bezüglich seines Seeverkehrs werde Italien seine unbestreitbaren Lebensnotwendigkeiten zu wahren wissen.

Berlin, 8. — Die Berliner Presse pflichtet den Erklärungen der führenden Politiker vor dem italienischen Grossrat einmütig bei und betont, dass gerade Italien einen Hauptverdienst an der Begrenzung des europäischen Konflikts habe. Die „Deutsche Diplomatisch-Politische Korrespondenz“ fügt hinzu, dass Italien weiterhin unter den Waffen bleibe und damit einer Ausweitung des Kriegsschauplatzes entgegenarbeite.

Berlin, 8. — Auf der Generalversammlung der Technischen Maschinenbaugesellschaft wurde ein Bericht über die Industrie des deutschen Lokomotivbaues vorgelegt, aus welchem die hervorragende Stellung des Reiches in dieser Hinsicht klar hervorgeht. Mit dem Bau von 125.000 Lokomotiven steht Deutschland an zweiter Stelle hinter Nordamerika, wo 140.000 Lokomotiven hergestellt wurden. Von 1930 bis 1938 hat das Reich 300 Lokomotiven nach den südamerikanischen Ländern geschickt, das sind achtmal mehr als die USA. In Europa war jahrzehntlang England der schärfste Konkurrent. Deutschland hat aber die britische Produktion weit überflügelt.

Berlin, 10. — Zur Ergänzung des täglichen Heeresberichtes wird mitgeteilt, dass in der Nähe der englischen Küste und im Atlantik an jedem Tag weit mehr Schiffe durch Torpedo- oder Minentreffer versenkt werden, als von feindlicher Seite zugegeben wird. Wie ein Friedhof der britischen Schifffahrt wirken die zahllosen Wracks der Mastspitzen und Schornsteine, die allenthalben aus dem Wasser emporragen.

Berlin, 10. — Wie stark England auf die Nahrungsmittelversorgung vom Ausland abhängig ist, geht aus einer Untersuchung hervor, welche die Zeitschrift „Wirtschaft und Statistik“ veröffentlicht. Danach stammen nur 9 vH. der englischen Butterversorgung aus inländischer Erzeugung; Schmalz wird nur 20 vH. im Lande erzeugt, Weizen zu 23 vH., Zucker zu 26 vH.

Berlin, 10. — Der Ministerrat für die Reichsverteidigung erliess eine Verordnung, nach der mit dem Tode bestraft wird, wer bei Notzucht, Strassenraub, Bankraub oder anderen schweren Gewalttaten Schuss-, Hieb- oder Stosswaffen oder gleichgefährliche Mittel anwendet, oder mit einer solchen Waffe einen anderen an Leib und Leben bedroht.

München, 10. — Reichswirtschaftsminister Walther Funk sprach über „Deutschlands kriegswirtschaftliche Ueberlegenheit“, wobei er feststellte, dass das deutsche Volk auf jeden billigen Optimismus verzichte, aber mit seiner völligen Handlungsfreiheit nach Norden, Osten und Süden seinen Kampf mit sicherer Siegesgewissheit führe.

Berlin, 10. — Am heutigen Eintopfsontag wurden in der Reichshauptstadt 1,3 Millionen Mark, doppelt so viel als am gleichen Tage des Vorjahres, gespendet.

Bukarest, 10. — Im Gebiet der rumänischen Petroleumquellen und Raffinerien ereigneten sich in der letzten Zeit schwere Schadenfeuer und sonstige Sabotageakte. Die Regierung hat nunmehr die Militärkontrolle verstärkt und zunächst veranlasst, dass alle Emigranten das Petroleumgebiet verlassen müssen.

Moskau, 10. — Die Sowjetregierung hat in London einen sehr scharfen Protest gegen die englischen Blockademassnahmen für die von den Neutralen erworbenen deutschen Ausfuhrgüter eingelegt.

Berlin, 11. — Das Deutsche Naelrichtbüro gibt einen genauen Bericht über die in den ersten sieben Dezembertagen versenkten Schiffe um England. Insgesamt handelt es sich um rund 30 Schiffe mit 130.000 Tonnen. Mehr als die Hälfte waren englische Dampfer.

Berlin, 11. — Wie bekanntgegeben wird, ist bei der deutschen Artillerie ein neues weittragendes Geschütz eingeführt worden, dem ausserordentliche Möglichkeiten zugeschrieben werden.

Amsterdam, 11. — Die Briten wollen ihren immer wieder von deutschen Luftangriffen bedrohten Kriegshafen Firth of Forth jetzt durch Ballonsperren schützen.

Amsterdam, 11. — Die holländische Dampfschiffahrtsgesellschaft wird auf ihren Ostasienreisen die Häfen Singapur und Colombo durch ihre Schiffe nicht mehr berühren lassen, da die Briten dort schon wiederholt die für neutrale Länder bestimmte Post an Bord durchsuchten und beschlagnahmten.

Genf, 12. — Die Völkerbundsliga hat zur Behandlung des finnisch-russischen Konflikts einen besonderen Ausschuss gebildet, der an Russland die ultimative Forderung stellte, bis heute abend 18 Uhr die Feindseligkeiten einzustellen. Moskau hat von diesem Ansinnen überhaupt nicht Kenntnis genommen, wohl aber zu erkennen gegeben, dass es den Völkerbund verlassen und möglicherweise die Beziehungen zu England und Frankreich abbrechen wird, wenn man irgendwie einen Druck ausüben versuchen sollte.

Washington, 12. — Der gegenwärtig in USA weilende nordamerikanische Botschafter in London Joseph Kennedy, hat eine aufsehenerregende Rundfunkrede gehalten, in welcher er sich klar gegen eine amerikanische Beteiligung an europäischen Kriegen aussprach. Das Erstaunen des „Mannes auf der Strasse“ über diese Rede ist um so grösser, als sie nur mit Einverständnis des Präsidenten Roosevelt gehalten worden sein kann, der bisher seine offene Sympathie für die Alliierten niemals verheimlicht hat.

## A conquista do Canadá pela Inglaterra

Do decorrer do século XVIII, a Grã-Bretanha dilatou sua possessão colonial, continuamente, a custa de outras potências coloniais, tendo para isso se valido, com predileção, daquellas éras em que as potências continentais europeas se achavam empenhadas em guerras umas contra as outras (as guerras de sucessão hespanhola e austriaca, a guerra dos sete annos). Com a Guerra dos Sete Annos, de 1756 a 1763, coincide a conquista do Canadá.

A época de paz na Europa não significa, simultaneamente, para os territorios coloniais, o termo de todas as hostilidades. Assim foi que entre o Canadá francez e as colonias britannicas da Nova-Inglaterra romperam as hostilidades já antes de 1756, as quaes induziram a Inglaterra a juntar-se, no continente europeu, com o adversario da França, Frederico, o Grande, apoiando este, na guerra que então deflagrava, com soldados e, sobretudo, dinheiro, afim de fixar, deste modo, a potencia franceza na Europa. Por outro lado, a Grã-Bretanha aproveitou essa situação para resolver a questão canadense em seu beneficio.

Precedeu á guerra um acto bastante barbaro. Os habitantes da região limitrophe Acadia foram violentamente reunidos em setembro de 1755, por ordem do governador britânico Lawrence, incumbindo-se disso as tro-

pas inglezas, sob o commando do coronel Winslow. Os colonos francezes foram despojados de suas propriedades, com excepção do dinheiro e dos utensilios domesticos. Snas cascas foram incineradas, seu gado afugentado e a colheita, destruida. Elles proprios foram enxotados e isso pouco antes de um rigoroso inverno. A maioria desses infelizes pereceram em consequencia disso.

Logo depois foi declarada a guerra que, a principio, graças á capacidade militar do commandante francez de Montcalm, se desenvolveu, durante algum tempo, cheia de vicissitudes e mais pendia a favor dos francezes, mau grado a supremacia das forças empenhadas pelas colonias britannicas e o dominio do Atlantico pela frota ingleza. O conflicto entre o governador francez Vaudreuil e de Montcalm, bem como a preponderancia crescente das armas britannicas levaram, porém, finalmente, á victoria dos inglezes.

Em 8 de setembro de 1762, Vaudreuil capitulou perante os inglezes. Significava isso o fim do dominio francez no Canadá, definitivamente estabelecido pela paz de Paris de 1763, e a conquista do territorio pelos inglezes, em uma luta que se feriu, sem consideração para com os nativos, sim, que começou mesmo com um acto de uma crueldade sem par, simplesmente como luta de poderio entre as potencias coloniais europeas.

## Die Eroberung Kanadas durch England

Während des 18. Jahrhunderts hat Grossbritannien seine Kolonialgebiete ständig auf Kosten anderer Kolonialmächte erweitert, und zwar hat es mit Vorliebe diejenigen Zeiten benutzt, in denen die europäischen Kontinentalmächte durch Kriege gegeneinander (den Spanischen Erbfolgekrieg, den Oesterreichischen Erbfolgekrieg, den Siebenjährigen Krieg) beschäftigt waren. Mit der Zeit des Siebenjährigen Krieges 1756—63 fällt die Eroberung Kanadas zusammen.

Die Zeit europäischer Frieden bedeutet für die Kolonialgebiete nicht gleichzeitig das Ende aller Feindseligkeiten; und so waren zwischen dem französischen Kanada und den britischen Neu-England-Kolonien schon vor 1756 Feindseligkeiten ausgebrochen, die England veranlassen, sich auf dem europäischen Kontinent mit dem Gegner Frankreichs, Friedrich dem Grossen, zusammenzutun und ihn in dem ausbrechenden Krieg mit Soldaten und vor allem Geld zu unterstützen, um so die französische Macht festzulegen. Diese Situation benutzte Grossbritannien dann andererseits, um die kanadische Frage in seinem Sinn zu lösen.

Dem Krieg ging ein ziemlich barbarischer Akt voraus. Die Bewohner des Grenzgebietes Acedien wurden im September 1755 auf Anordnung des britischen Gouverneur Lawrence durch britische Truppen unter dem Befehl von

Colonel Winslow zusammengetrieben, ihr Eigentum mit Ausnahme des Geldes und der Haushaltsgeräte konfisziert, ihre Häuser verbrannt, ihr Vieh vertrieben, ihre Ernte zerstört und sie selbst vertrieben, und zwar unmittelbar vor Beginn eines strengen Winters. Die meisten der Unglücklichen kamen infolgedessen ums Leben.

Bald darauf wurde der Krieg eröffnet, der zunächst dank der militärischen Fähigkeiten des französischen Befehlshabers de Montcalm trotz der Ueberlegenheit der von den britischen Kolonien aufgetriebenen Kräfte und der Beherrschung des Meeres durch die englische Flotte eine Zeitlang ziemlich wechselvoll und eher günstig für die Franzosen verlief. Der Konflikt zwischen dem französischen Gouverneur Vaudreuil und de Montcalm sowie die zunehmende Ueberlegenheit der britischen Waffen führten indessen schliesslich doch zum Siege der Engländer.

Am 8. September 1762 kapitulierte Vaudreuil vor den Engländern; das bedeutete das durch den Pariser Frieden von 1763 endgültig festgelegte Ende der französischen Herrschaft in Kanada und die Eroberung des Landes durch die Engländer in einem Kampf, der ohne Rücksicht auf die Eingeborenen, ja beginnend mit einem beispiellos grausamen Akt gegen diese, lediglich als Machtkampf zwischen den europäischen Kolonialmächten ausgefochten wurde.

## Limites do Poder Naval Inglez

Existe uma série de indícios de que na Inglaterra se preocupam com a circumstancia de que, com o andar do tempo, a tonelagem disponível não seja sufficiente para garantir um abastecimento irreprensivel da Grã-Bretanha de mercadorias de importancia vital para sua economia. A razão disso deve residir, sobretudo, no facto de a Inglaterra possuir hoje navios mercantes com uma tonelagem que é 300.000 toneladas de registro brutas menor que no anno de 1913, a que accresce um ulterior desfalque, até á primeira quinzena de outubro, de 200.000 toneladas que foram afundadas por submarinos allemães; no mesmo tempo, porém, sua importação augmentou consideravelmente. Uma vez que, além disso, o navio cargueiro é hoje em média, consideravelmente maior em tamanho que antes da guerra mundial, o numero de cargueiros inglezes, dado que a tonelagem é maior, se vê hoje igualmente bem mais reduzido que no anno de 1914. Naquelle anno, a Inglaterra possuía 2813 navios de carga em serviço, contra 1740 unidades no anno de 1933. Este ultimo algarismo augmentou talvez, neste meio tempo, porém de modo algum consideravelmente.

Em contraste com esta diminuição da tonelagem mercante, a importação ingleza subiu de 56 milhões de toneladas, no anno de 1913, para 75 milhões, no anno de 1937. A importação cresceu, por conseguinte, de 34%, enquanto a tonelagem ingleza diminuiu, no mesmo periodo. Nada ha a admirar, portanto, se a Inglaterra se esforçou, nestes ultimos annos, verdade é que sem exito, no sentido de construir uma frota de reserva de navios mercantes a serem applicados somente em caso de guerra. Deante de todos estes motivos, a Grã-Bretanha se empenha por conseguir que os armadores de paizes neutros colloquem seus navios á disposição da Inglaterra para o aprovisionamento desta.

Entretanto, precisamente as noticias de data mais recente mostram, que nisso a Ingle-

terra topa continuamente com dificuldades. Ora as taxas de fretes sobem a casas excessivas, não apenas por causa dos elevados premios dos riscos de guerra, mas notadamente tambem devido ao receio dos armadores ante prejuizos totaes, como consequencia do con-

tra-bloqueio allemão, ora nem sequer se consegue reservar, em muitos casos, mesmo a taxas elevadissimas, praça para carregamentos com destino á Inglaterra. A navegação neutra tenderá a retirar-se das aguas occupadas por navios de guerra e infestadas por minas, preferindo cruzar os oceanos, como o Pacifico, onde poderá cuidar dos seus negocios, embora as menores, ao menos com risco mais reduzido. Ora, se o governo britannico nem mesmo conseguiu, que seus proprios navios sustentassem os fretes maximos estabelecidos, elle difficilmente terá a possibilidade de empregar, em condições de alguma forma razoaveis, se é que o logrará, a tonelagem dos paizes neutros, num volume mais amplo para o seu abastecimento. A capacidade productiva da tonelagem ingleza, que monta em 15,5 milhões de toneladas de registro brutas, vê-se reduzida ainda porisso que, na viagem para o Oriente, as embarcações seguem, cada vez mais, ao invés de atravessarem o Mar Mediterraneo, a longa rota em torno do Cabo da Boa Esperança. O transporte da mercadoria requer, naturalmente, um tempo consideravelmente mais dilatado. O mesmo pôde ser dito em relação ao assim chamado systema de comboio, pois um numero maior de navios cargueiros, escoltados por bellonaves, só consegue locomover-se, como é natural, mui vagarosamente. Tambem isso reduz excessivamente a productividade da frota mercante.

Estes poucos exemplos evidenciam, que o auto-abastecimento inglez não pôde, de forma alguma, ser effectuado de modo illimitado, mas que tambem ali se mostram enormes difficuldades que se tornam tanto maiores quanto mais navios forem postos a pique por submersiveis teutos. Só na guerra mundial a Inglaterra perdeu 2479 navios, portanto um numero consideravelmente maior de unidades do que reune hoje toda sua marinha mercante.

Graças ao accordo economico teuto-russo, pôde-se estabelecer um confronto que mostra, que para o lado léste a Alemanha tem á sua disposição um hinterland praticamente illimitado para seu proprio supprimento, e que a troca de mercadorias no Mar Baltico, que se encontra sob a protecção da Alemanha e consegue subtrahir-se ao bloqueio inglez, deu azo a um trafico maritimo já bem maior que o do Mar do Norte. Muitos navios já amigraram do Mar do Norte para o Mar Baltico, bem mais seguro. São unidades de que a Inglaterra não mais se poderá servir. Assim se vê tendo a impressão de que, pouco a pouco, se forma em torno da Grã-Bretanha um vacuo deixado pela navegação neutra. Na Inglaterra já se reflecte seriamente sobre esse andar das cousas, enquanto a Alemanha e os paizes neutros notam, cada vez mais, os limites que estão traçados ao poder naval inglez.

Wie erhielten einen Brief:

## Krisenstunden in Südafrika

Seit 1933 hat das Deutschtum in Südafrika eine stetige Stärkung erfahren, als Folge der Wiedererstarkung des Reiches. Jeder Erfolg in der Heimat brachte uns wieder ein Stück vorwärts in der Beseitigung von Missverständnissen und trug dazu bei, dass sich „jung und alt“ zusammenfand. Am besten liess sich diese Entwicklung erkennen an den hervorragenden Erfolgen des Winterhilfswerkes in Südafrika.

Während von seiten der Buren uns neidlose Freundschaft entgegengebracht wurde, zeigte ein Teil der englischen Bevölkerung eine langsame Abkühlung, die in der Hauptsache auf die Tätigkeit der Presse zurückzuführen war. So kam es auch, dass jeder Erfolg in der Heimat von diesen Kreisen dazu benutzt wurde, um gegen uns Stimmung zu machen, um Krisen zu schaffen. Wir überwandten sie alle und gingen unseren Berufen nach, bis der September dieses Jahres heran kam.

Noch am 2. September ahnten wir nicht, was für uns alle bevorstand. In Kapstadt hatten wir einen Filmabend im Deutschen Haus, der schon unter der Beobachtung der Geheimpolizei stand, ohne dass wir es wussten. Wir gingen alle friedlich nach Hause, denn noch war ja England nicht im Kriege mit Deutschland. Erst am 3. September mittags bekamen wir die Nachricht über das Radio, dass der Kriegszustand zwischen England und Deutschland bestehe.

Noch immer hatten wir die Hoffnung, dass Südafrika ausserhalb des Konfliktes bleiben würde, um so mehr als Regierung und ein grosser Teil der Bevölkerung gar nicht die Absicht hatten, sich in einen Krieg verwickeln zu lassen. Durch den Regierungswechsel wurde aber der Kurs geändert und binnen kurzer Zeit war unser Gastland zum Feindesland geworden.

In Johannesburg versuchten Tausende von Engländern und jüdischen Emigranten aus Deutschland das Deutsche Haus zu stürmen und nur mit einem grossen Aufgebot von

Polizei konnte die Belagerung, die einige Tage und Nächte dauerte, beseitigt werden. Ein Teil der Deutschen floh nach Lourenco Marques, während andere versuchten, aufs Land zu entkommen oder nach Kapstadt durchzufahren. Deutsche, die ihr Hab und Gut verkaufen mussten, wurden Opfer ihrer Zwangslage. DKW-Wagen, die 190 Pf. St. kosteten, wurden mit 5 Pf. St. verkauft; man konnte sich in einem deutschen Wagen auch nicht mehr sehen lassen, denn eine ganze Anzahl ist auf offener Strasse mit den Rädern nach oben aufgefunden worden. In Pretoria wurden die deutschen Arbeiter, die in dem dortigen staatlichen Stahlwerk beschäftigt waren, ins Konzentrationslager geschickt, und zwar mit Frauen und Kindern.

Dort leben die Leute in Baracken, bei guter Behandlung und leidlicher Verpflegung. Man verschafft auch Erleichterungen, wo man kann, aber Stacheldraht bleibt nun einmal Stacheldraht. Die Polizei besteht fast ausschliesslich aus „Afrikandern“, die in Wirklichkeit anders möchten, sie können aber gegen die Anordnungen der Smuts-Regierung nichts machen.

In dem Konzentrationslager, das sich in der Nähe von Pretoria befindet, sind auch die Offiziere und die Mannschaft des deutschen Dampfers „Hagen“ der Deutsch-Australischen Dampfschiffahrtsgesellschaft untergebracht. Der Dampfer löschte seit ungefähr dem 20. August in Durban eine Ladung Superphosphat und wäre normalerweise Ende August fertig gewesen. Man machte dem Kapitän aber soviel Schwierigkeiten und verursachte Verzögerungen, bis die neue Regierung Krieg erklärte und das Schiff beschlagnahmt werden konnte. Unter einem starken Polizeiaufgebot wurde die Besatzung verhaftet. Durban ist überhaupt die Hochburg der „Jingos“ das sind die Leute, die englischer sind als der Engländer in der Heimat. Uebertroffen wird der Engländer in Durban nur noch von dem Engländer in Rhodesien, der sich nicht scheute, gleich bei

ABSOLUTE  
Echtheit  
der Farben  
Widerstandsfähige Gewebe  
CASAS PERNAMBUCANAS

CORES MARCA INDUSTRIA BRASILIA REGIST. FIXAS

Ausbruch des Krieges die paar Deutschen in Bulawayo und Salisbury in Gefängnisse zu stecken, wo sonst Schwarze untergebracht sind. In Durban hätte man so etwas auch gern getan, aber ein grosser Teil der Deutschen war so schnell wie möglich nach Portugiesisch-Ostafrika geflohen und ausserdem musste man auch mit dem Afrikaner rechnen, der eine schlechte Behandlung der Deutschen nicht gutheisst.

In East London und Port Elisabeth haben sich die Ereignisse verhältnismässig ruhig abgewickelt. Ein Teil der Reichsdeutschen ging ins Innere, während andere wieder versuchten, vorläufig noch auszuhalten.

In Kapstadt trieb das Denunziantentum seine Blüten; keiner traute mehr dem andern, und Verhaftungen wurden vorgenommen von Leuten, die seit Jahrzehnten im Lande waren und keine Handlung begangen hatten, die zum Schaden des Gastlandes gewesen wäre. Die Frauen der ins Konzentrationslager gebrachten Deutschen erhalten pro Tag 1/-, was gerade für eine Tasse Tee und ein Brötchen reichen würde. Mit den Verhaftungen geht man nur langsam voran. Man ist gar nicht daran interessiert, grosse Kosten für die Konzentrationslager aufzubringen. Man hat ja genaue Vorschriften aus London erhalten, wie man vorgehen soll. Man verbietet ganz einfach die Beschäftigung von deutschen Arbeitern und Angestellten. Auf diese Weise gibt man die Deutschen der Strasse preis, sie können dann zusehen, wie sie sich ernähren. Aus dem Land heraus können sie ohne Erlaubnis auch nicht, und wenn man ihnen die Erlaubnis gibt, das Land zu verlassen, dann muss dies ohne Geldmittel geschehen. Durch diese Politik nimmt man auch den deutschen Firmen die Arbeitskräfte und schädigt sie. Ueberhaupt ist auf wirtschaftlichem Gebiet von London aus alles bis auf das genaueste vorbereitet gewesen. Die schwarze Liste erschien wieder und man lässt eben langsam absterben, was man für nötig hält. Man überwacht alles und greift erst zu, wenn man es für angebracht hält.

So geht man besonders in Kapstadt vor, weil dort das Afrikanertum durch die Stellenboscher Universität gut vertreten ist. Man will eben alles vereinen, was den Afrikaner vor den Kopf stossen könnte.

Im Weltkrieg befand sich die Südafrikanische Union in direkter Kriegshandlung mit Deutschland durch die Besetzung von Südwest. Damals zerstörte man alles Hab und Gut der Deutschen. Heute befindet sich die Union zwar im Kriegszustand mit unserer Heimat, ganz gegen den Willen des Afrikaners, nur auf Anordnung des Engländers. Deshalb muss man jetzt auch andere Methoden anwenden, das Endziel jedoch bleibt unverändert.

Die schweren Zeiten, die über Südafrika gekommen sind, haben aber auch viel Schönes entstehen lassen an Freundschaft und Opferfreudigkeit. So haben sich viele deutsche Familien zusammengeschlossen und helfen sich gegenseitig. Man versucht auch Gelder zusammenzubringen, um der grössten Not der Frauen und Kinder zu steuern. Auch an echten Beweisen tatkräftiger Hilfe seitens der Afrikaner fehlt es nicht. — Und trotz alledem ist nun einmal Südafrika für uns Deutsche zum Feindesland geworden...

Was das bedeutet, weiss man erst zu schätzen, wenn man nach schweren Wochen in die wunderschöne Bucht von Rio de Janeiro einfährt. Auch Kapstadt mit dem gewaltigen Tafelberg ist imposant, es kann aber doch an die Schönheiten der „Cidade Maravilhosa“ nicht heranreichen. Hier auf brasilianischem Boden fühlt man sich wieder als freier Mensch; von Südafrika kommt man hier wirklich in eine andere Welt. Alles ist grösser und gewaltiger, das Leben in der Stadt gleicht dem einer europäischen Grossstadt, und die Umgebung kann sich mit den schönsten Szenarien der Welt messen. Wenn wieder Frieden auf dem Erdball herrscht, dann sollte man unsern Südafrikanern mal erzählen, welch schönes Land ihnen gegenüber auf der anderen Seite des Teiches liegt.

Rio, den 4. Dez. 1939.

## Was birgt der polnische Wirtschaftsraum?

Natürliche Reichtümer ohne jüngeremäße Nutzung — Rohstofflager und Produktion im polnischen Raum

Während die deutschen Armeen noch im Herzen Polens kämpfen, haben die infolge einer umsichtigen Strategie zum grössten Teil unversehrt in deutsche Hände gefallenen Industriewerke Ostoberschlesiens ihre Produktion schon wieder anlaufen lassen. Polen war nach Deutschland und England der drittgrösste Kohlenproduzent Europas. Sein Export belief sich 1938 auf 11 Millionen Tonnen (England 49 Millionen Tonnen, Deutschland 38 Millionen Tonnen). Polens in der Hauptsache 1919 von Deutschland erbeutete Kohlenreserve wird auf 62 Milliarden Tonnen Steinkohle geschätzt, seine bisher kaum ausgenutzte Reserve an Braunkohle auf 17 Milliarden Tonnen.

Der zweite wichtige Rohstoff für eine Kriegführung, das Eisenerz ist im bisher polnischen Gebiet ebenfalls vorhanden. In der Nachbarschaft seiner Kohlengruben liegt ein Eisenerzvorkommen, das auf 165 Millionen Tonnen geschätzt wird. Gestützt auf Kohle und Eisen, konnte sich eine Hüttenindustrie entwickeln, die 1938 an Rohstahl bei einer Weltproduktion von 109,2 Millionen Tonnen, an der Deutschland mit 23,2 Millionen Tonnen beteiligt ist, immerhin 1,7 Millionen Tonnen produzieren konnte, während es bei einer Weltproduktion von 82,2 Millionen Tonnen Roheisen (davon Deutschland 18,6 Millionen Tonnen) mit 975.000 Tonnen beteiligt war.

Von besonderer Bedeutung für Deutschland sind die ebenfalls nach dem Weltkrieg geraubten, nun zurückgewonnenen Zink- und Bleierzvorkommen mit den auf ihnen basierenden Industrien. Hier wird die polnische Blei- und Zinkreserve auf 33 Millionen Tonnen mit einem Zinkgehalt von 15 vH. und einem Blei- und Zinkgehalt von 3,5 vH. geschätzt. Hier kann Deutschland, das 75 vH. seines Zinkbedarfes und 33 vH. seines Bleibedarfes aus eigenen Rohstoffen herstellt, bei Zink eine vollkommene, bei Blei eine teilweise Schliessung seiner Rohstofflücken auf diesem Gebiet erwarten.

Von besonderer Bedeutung ist für die Kriegswirtschaft das Erdöl. Deutschland hat mit seinen gigantischen Hydrierwerken seine Kapazität für die Treibstoffgewinnung so erweitert, dass es einschliesslich der deutschen und ostmärkischen Erdölausbeuten im Jahre

1938 schon 2,7 Millionen Tonnen Mineralöle aus deutschen Rohstoffen erzeugen konnte. Das sich am Nordfuss der Karpaten in einer Länge von 400 km erstreckende polnische Erdölrevier konnte zuletzt eine Förderung von 0,6 bis 0,7 Millionen Tonnen Erdöl aufweisen. Dabei kann die Kapazität des galizischen Erdölreviers erheblich gesteigert werden.

Trotz der oben erwähnten industriellen Rohstoffe muss Polen dennoch als ein Agrarland bezeichnet werden. Von der Landwirtschaft lebten in Polen 66 vH. der Bevölkerung, wie auch zwei Drittel der jährlichen Gesamtproduktion auf Agrarprodukte entfielen.

Während der Weizen aber nur in guten Erntejahren den Inlandbedarf deckt, ist Polen bei Roggen mit 14 vH. der Welternte, bei Kartoffeln mit 15 vH. der Welternte, bei Kartoffelflocken und Kartoffelmehl, weiter bei Zuckerrüben und Zucker, Gerste und Flachs ein ausgesprochenes Exportland. Das, obwohl nur in einigen Gegenden, insbesondere in den von deutschen Bauern stark besiedelten Gebieten, von einer intensiven Wirtschaft gesprochen werden kann.

Ein grosser Reichtum Polens besteht in seinen Wäldern, die mit mehr als 8 Millionen Hektar 22 vH. der Gesamtfläche bedecken. Sein Holzexport, der im Frieden überwiegend nach Deutschland und England ging, stellt etwa 25 vH. des gesamten Exportwertes dar. Im Zeitalter der Renaissance des Holzes, das als Bau- und Werkstoff, als Kraftstoff, als Zellulosestoff und auch als Nahrungsmittel und Futtermittel seine einstmalige Bedeutung voll wiedererobert hat, ist gerade der Holzreichtum Polens für die deutsche Wirtschaft von besonderer Bedeutung.

In der Aufzucht von Pferden belegt Polen in Europa die erste Stelle, in der Schweinezucht wie in der Rindviehzucht die dritte. Dementsprechend stellen Vieh- und Fleischprodukte den grössten Aktivposten in der polnischen Ausfuhrbilanz dar. Das gilt auch von der Geflügelzucht, die nicht nur mit Hühnern und Gänsen, sondern bei einer jährlichen Eierproduktion von etwa 2 Milliarden Stück auch mit Eiern einen grossen Anteil am Export hatte.

## Fraueneinsatz in der Landesverteidigung

Der Vergleich der heutigen Lage Deutschlands mit derjenigen zu Beginn des Weltkrieges zeigt die gewaltige Steigerung der Wehrkraft und der Sicherheit nicht nur auf militärischem, sondern auch auf wirtschaftlichem und sozialem Gebiet. Im ganzen genommen gehört zum wirtschaftlichen Gebiet selbstverständlich nicht nur die Wehrwirtschaft, sondern auch die gesamte Hauswirtschaft, — zum sozialen jegliche Art der Volksbetreuung, einschliesslich derjenigen für die Werkstätten an allen Arbeitsstätten. Auf diesen beiden Gebieten ist seit Beginn der Kampfhandlungen in breiter Front die Mitarbeit der deutschen Frauen eingesetzt worden, und zwar überall nach feststehenden Aufgaben und im Rahmen der vorhandenen Organisationen.

Diese äussere Lage ist völlig anders als während der Augusttage von 1914. Die

Frauen, die sich bei Ausbruch des Weltkrieges zum „Nationalen Frauendienst“ zusammenschlossen, handelten ganz spontan und sogar gegen die herrschende Auffassung, die „jeden irgendwie gearteten Dienst am Staat als dem Manne vorbehalten“ betrachtete. Die staatlichen Stellen hatten weder den Einsatz weiblicher Arbeitskräfte in die Kriegswirtschaft erwogen noch die Bedeutung der Hausfrau für die Volkswirtschaft erkannt. An eine wirtschaftliche Blockade war ja grundsätzlich nicht geglaubt worden.

Die heutige Lage zeigt eine bis auf die letzte Frage durchgestaltete fertige Organisation dieser Gebiete mit den Frauen als Hauptträger der Arbeits- und Hilfskräfte. Die Durchführung dieser Aufgaben liegt, mit Ausnahme der Arbeitsvermittlung durch die staatlichen Arbeitsämter, bei der Nationalsozialisti-

schen Partei. Die nationalsozialistische Frauenorganisation selbst ist unmittelbar Instrument der Volksführung. Sie hat nicht eine abgegrenzte Aufgabe, sondern sie stellt ihre Mitglieder überall dort zur Verfügung, wo Frauen als Hilfskräfte notwendig sind. Dazu kommt das grosse Aufgebot der jugendlichen Mitarbeiterinnen aus dem BdM und den jetzt auf 100.000 Arbeitsmädchen erhöhten weiblichen Arbeitsdienst.

Die gesamte soziale Volksbetreuung, ausser der betrieblichen Betreuung der Werkstätten, ist Aufgabe der NS-Volkswohlfahrt, bei ihr arbeiten die Frauen als pflegerische und helfende Kräfte für jeden nur denkbaren Notfall. Sie stehen im Dienste für die Familienfürsorge, in den Hilfs- und Beratungsstellen für die Mütter- und Kinderbetreuung.

Auf dem anderen Teilgebiet der Volkswirtschaft, der produzierenden Wirtschaft, besteht die weibliche Mitarbeit in der Werkstätten der Frauen und ihrer sozialen Betreuung. Hier liegt das grosse Aufgabengebiet des Frauenamtes der Deutschen Arbeitsfront.

Der Weltkrieg erwies die grundsätzliche Eignung der Frau auch für solche Industriezweige und Arbeitsvorgänge, die ihr unter normalen Verhältnissen verschlossen geblieben waren, ihre Fähigkeit auch in bestimmten Spezialarbeiten durchaus die männliche Leistung zu erreichen, ja, sie nach Verbesserung einzelner Herstellungsverfahren gelegentlich sogar zu übertreffen. Diese Bewährungsprobe bestanden die Frauen damals sogar unter den ungünstigsten Bedingungen. Das Eintreten der Frau für den Mann war nur in der Landwirtschaft ohne weiteres möglich. Die Kriegswirtschaft begann wegen der unzulänglichen weiblichen Berufsausbildung zum grössten Teil mit minderqualifizierten oder gänzlich ungeübten Frauen. Die heutige deutsche Wirtschaft verfügt über ein Millionenheer betriebs- erfahrener, angelernter und gelernter weiblicher Arbeitskräfte. Die Werkstätten der Betriebe sind eine jetzt zur Bewährung gelangte vielseitig ausgebildete Kerntruppe der weiblichen Gefolgschaften. Die soziale Betreuung durch die Partei ist in ihren Massnahmen seit langem so vollständig, dass auch bei zunehmendem Fraueneinsatz kaum neue Massnahmen erforderlich sind ausser der zahlenmässigen Verstärkung des schon bisher sehr grossen Kreises der weiblichen Hilfskräfte. Im übrigen besteht ganz allgemein eine Verbesserung der Arbeitsbedingungen gegenüber denjenigen der Kriegswirtschaft von 1914 bis 1918, sowohl in sozialer als auch in technischer Beziehung. Aus der Fabrikpflege, die sich während des Krieges als Form der Betreuung weiblicher Werkstätten herausbildete, ist inzwischen die Soziale Betriebsarbeit entstanden. Die schon sehr grosse Zahl der Sozialen Betriebsarbeiterinnen wird zurzeit durch Sonderausbildungen des Frauenamtes der DAF ständig weiter erhöht.

Insgesamt hat sich der Fraueneinsatz dieser Monate mit einer Planmässigkeit vollzogen, die dem Aussenstehenden beinahe unheimlich vorgekommen sein muss. Vielleicht haben nicht wenige erwartet, dass jetzt eine stürmische Betriebsamkeit einsetzen müsse zur Errichtung aller möglichen Stellen und Einrichtungen. Tatsächlich war aber bis in das kleinste Dorf und bis in den letzten Betrieb hinein jede notwendige Einrichtung bereits vorhanden und die ohnehin laufende Organisation lediglich durch die Heranziehung neuer Scharen von Hilfskräften zu verstärken. Auf dem gesamten Frauenarbeitsgebiet besteht aber an sich schon ein riesiger Vorrat weiblicher Arbeitskräfte, die auf Grund der jahrelangen Erziehung und Schulung durch die Frauenorganisation über tatsächliches Können verfügen und sofort dort eingesetzt wer-

den können, wo die geschulte Leistung notwendig ist.

Aber das alles sind nur äussere Gegebenheiten für den Einsatz innerer Kräfte, die stärker sind, als es auch die besten organisatorischen Massnahmen jemals sein könnten. Der Wunsch, mitzutun und mitzutragen, treibt die Frau an ihre „Front“. Dorthin, wo in der Begegnung mit Hilfsbedürftigen und Belasteten unmittelbare menschliche Liebestätigkeit geleistet werden muss. Es ist nur natürlich, dass die meisten Frauen sich für die Verwundetenpflege im Roten Kreuz und für die soziale Arbeit in der NS-Volkswohlfahrt zur Verfügung gestellt haben, — so viele, dass für die augenblicklichen Notwendigkeiten sogar ein erheblicher Ueberfluss an Hilfskräften besteht.



**DAS ABSTREICHEN  
EINES  
ZÜNDHOLZES  
KLINGT WIE EINE  
EXPLOSION!**

Durch Grosstadtlaerm und Arbeit ueberreizt streiken unsere Nerven oft. Adalina ist dann das sofort wirksame und dabei vollkommen unschaedliche Beruhigungsmittel.

In Tuben mit 10 Tabletten zu 0,5 gr.  
Neue Packung mit 6 Tabletten zu 0,25 gr.



Diese Bereitschaft ist nicht etwa das wahllose Erlebnisbedürfnis, einfach „mit dabei zu sein“. Der weibliche Einsatz wird fast ausschliesslich von Frauengruppen gestellt, die seit Jahren der nationalsozialistischen Frauenorganisation oder der Jugendorganisation angehören. Zu einem Teil auch von Frauen, die schon während des Weltkrieges mitgearbeitet haben. Sie haben alle nur einen Antrieb, den einfachen Pflichtgedanken, sich ohne Besinnen einzusetzen.

## Die Konsulatsabteilung der Deutschen Botschaft in Rio de Janeiro

Rua Pinheiro Machado 76, Tel. 25-7365, ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen, bzw. ihrer Nachkommen, zu ermitteln. Wer Auskunft über die Gesuchten geben kann, wird gebeten, der Konsulatsabteilung der Deutschen Botschaft Mitteilung zu machen. (Sprechstunden der Konsulatsabteilung der Botschaft sind werktätlich von 9 bis 12 1/2 Uhr).

Ahrend, Hans, geb. 13. 3. 1897 in Weinbergen bei Lemberg; Baur, Annita; Berger, Melita, ungefähr 20 Jahre alt; Bröcke, Albert; Brozensky, Margarita Maria Amalie, geb. Spitteller; Bühler, Siegfried; Carnevale, Cesar R.; Damasek, Mariechen; Geishardt, Marie, geboren in Nürnberg; Gliringer, Emil und Frau; Glückselig, Friedrich, geb. 16. 12. 1913 in Wien; Güttler, Hermann Josef, geb. 8. 9. 1914 in Peterswaldau; Haleine, Marcelle; Heim, Emma, früher in João Pessoa wohnhaft gewesen; Hesse, Horst; Heymann, Marcelle; Hofmeister, Paul Georg und Norbert; Hundt, Carlos; Jacobs, Carl, geb. 31. 5. 1916; Jakobus, Kurt, geb. 1. 8. 1902 in Osterode; Jansen, Emil Dietrich Georg; Jansen, Mand; Kahn, Werner; Kropmann(s), Peter, angeblich in Theresopolis, Pimenteira; Möller, Nis Bertelsen, geb. 16. 7. 1900 in Sünneberg, Dänemark; Mosse, Nathan, und Edith, geb. Weiss; Nordfalk oder Novacek, Francisco; Nowodworski, Emilie, Wilhelm und Wilhelmine; Oberdieck, Hans Robert, angeblich in S. Lourenço wohnhaft; Pflugbeil, Max Emil, früher in Presidente Prudente (São Paulo); Primavesi, Arnold; Reineke, Friedrich Wilhelm; Richter, Friedrich, früher in Colonia Raul Soares, Pará de Minas; Schacht, Albert; Scharfenberger, Hedwig; Schide, Direktor W. Th.; Schmid, Joseph, geb. 9. 12. 1916 in Basel; Schröder, Johannes; Schwarzenberger,

Ferdinand Karl, und Henriette, geb. Vogt; Seifer, Willi, geb. in Ehrang bei Trier, ca. 70 Jahre alt; Stadlmayr, Fritz, von Beruf Tapezierer, bis Ende 1938 in Cruzeiro; Stastny, Rudolf, geb. 21. 7. 1899 in Wien; Striebel, Willy, geb. 27. 1. 1913 in Bauwa

**Schenken  
macht Freude  
Richtig schenken  
ist eine Kunst**

Besichtigen Sie das Lager der  
**Metallurgica Sirius**

in der  
**Rua Seminario 139/43, Tel. 4-1197**

Sie finden dort  
**das passende Geschenk**  
für Ihre Lieben  
Prospekte werden gern zugesandt

(Kamerun); Thiel, August, geb. in Altona, am 20. 4. 1906; Valcarce, Germano; Voigt, Hildegard; Wicher, Karl Georg, geb. 9. 5. 1919 in Hagen; Wimmer, Roberto; Winterwerb, Werner; Würfel, früher in Taubaté wohnhaft gewesen.

TECHNISCHE ABTEILUNG:

Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstühle, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneidseisen, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schleblehren, Zirkel, Tourenzähler, Gewindemesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbürsten, Dampfpackungen, KLINGERIT Dichtungsplatten, Zylinderschmier-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandsgläser, Transmissionsgerätee, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen-Scheiben, Ringschmier-Lager, Kugellager, Gleitartikel wie Schmelzriegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörfelle, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Leinen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweissapparate mit sämtl. Zubehör, Metallsägeblätter für Hand- und Maschinenbetrieb, Stauffbüchsen, Stahlsäht - Seile, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzscheiben, usw., Holz-Industrie-Zubehör, Kreis-, Band- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw., Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Bielarzeniat Marke „BROMBERG“, Oel- und Trockenfarben, Zinkweiss, Leinöl usw., Elektrische Abteilung: Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Grösse, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate, Bügeleisen und Lötöfen, Widerstandsdrahte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchter, Sicherungen und Sicherungsdrahte aus Blei und Silber, Isolatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Lötpaste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Stern-dreieck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigte Schalter, Diaz-Sicherungen, — Abteilung landwirtschaftl. Maschinen: Traktoren „LANZ-BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Säemaschinen „RUD. SACK“, Mähmaschinen und Heurachen „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Ameisenlöcher, Pflanzenspreizen, Dreschmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörende Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“, — Oel-Abteilung: Oele für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Oele für allgemeine Maschinen-Schmierung, Oele für besondere Zwecke; Bohrlö, Eismaschinen-Oel usw., Fette in allen Arten, — Maschinen-Abteilung: Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzbearbeitung, Komplett-Einrichtungen für jede Industrie, — Ingenieur-Abteilung: Fried. Krupp A. G., Gussstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germania-Werft A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig, Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg, Lokomobilen, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberel-Maschinen.

BROMBERG & CIA.

SÃO PAULO AV. TIRADENTES NR. 32

CAIXA POSTAL 756 TELEFON: 4-5151

Deutsches Farbenhaus Henrique Zuehlke & Cia. S. Paulo, R. Christovam Colombo, Tel. 2-0671 Alleiniger Vertrieb der bekannten TEMPEROL-FABRIKATE (Lacke - Oelfarben - Lackfarben) Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntparben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Adolpho E. Müller & Cia. Flor. de Abru 172 Caixa postal 712 Telefon 4-2617 Generatoren für Gleich- und Wechselstrom — Elektromotoren für alle Zwecke — Ventilatoren — Werkzeugmaschinen — Hebezeuge — biegsame Wellen usw. — Zubehör für elektrische Kühleinrichtungen.

Advertisement for Farbstark and Copier CASTELL pens. Includes text: 'Farbstark - durch höchsten Farbgehalt', 'das bietet der Copier CASTELL von A.W. Faber - Der CASTELL gleitet zügig - man schreibt also schnell und ohne Ermüdung...', 'Copier CASTELL', 'für rasche, klare Schrift, zum schnellen, rechtsgültigen Unterschreiben...', 'A.W. FABER CASTELL Schreibkultur'.

Wie fordern Reims zur Übergabe auf

Rudolf G. Binding / Erschienen bei Rütten & Loening Verlag, Potsdam

(Fortsetzung.)

„Sie sind beobachtet worden“, sagt ein wohlbeleibter französischer General zu dem deutschen Hauptmann bei einer der Vernehmungen, die, wie es diesem scheint, in der Kasematte eines Forts stattfindet, — und der dabei stehende Adjutant protokolliert jedes Wort — „Sie sind beobachtet worden, wie Sie mit dem Fernglas sich über die Anmarschstrassen auf Reims, ihre Beschaffenheit, ihre Befestigung, über die Armierung der Forts, ihre Besetzung, über sich bewegende oder lagernde Truppen zu unterrichten suchten.“

„Ich hätte unbedingt“, verteidigt sich der Hauptmann, „bei dem ersten Ihrer Posten, den ich angetroffen hätte und nach dem ich ausschaute, haltgemacht und mir und meinen Begleitern die Augen verbinden lassen. Es standen aber keine Posten.“

„Oh! ich muss bitten! Ich habe die Posten selbst ausgestellt. Sie wussten sie nur zu umgehen. Sie sind ein sehr gewandter junger Mann von guter Erziehung. Aber es tut mir leid, Sie ohne Ausweis und nach Ihrem Benehmen für einen Spion erklären und dementsprechend behandeln zu müssen.“

„Ich habe Ihre Posten nicht gesehen! Ich kann auf mein Offizierswort versichern ...“ „Ein Spion hat kein Wort“, endet der General.

Bei dieser Eröffnung überläuft es den Generalstabsoffizier kalt. Seine und seiner Begleitung Position ist sehr schwach. Wenn man seinen Worten nicht glaubt, ist er verloren und seine Gefährten wahrscheinlich mit ihm. Der Ausweis als Parlamentär, den der misstrauische General verlangt, ist nicht zu beschaffen und alle Geschütze der deutschen Armee, auf die er sich nach der Meinung des ihn entsendenden Generals berufen kann, können ihn nicht retten.

In diesem Augenblick weiss er, dass nichts ihm beistehen wird als sein Offiziersstum. Eine unheimliche, kühle und stolze Ueberlegtheit reckt sich in ihm auf. Er wird die Legitimation ausspielen die in ihm liegt. Er hat keine andere. „Ich denke, ein preussischer Hauptmann ist vor dem Feinde Legitimation genug“ — dies Wort seines Kommandierenden Generals fällt ihm ein; und wenn es auch nur auf eine Vergnügungsfahrt gemünzt war, es ist für den bittersten Ernst gut genug.

Die Nacht wird kalt. Man stösst, schleppt, fährt sie vorwärts. Schliesslich werden sie, kaum noch wach, einem Gendarmekommando übergeben, das den Befehl erhält sie für den Rest der Nacht in Verwahrung zu nehmen und in der Frühe an eine geheime Bestimmung weiterzubefördern. Sie seien keine Parlamentäre, sie seien Gefangene, sagt man

ihnen, als sie sich wehren, dass man sie fesseln will. Sie werden getrennt gesetzt. Man kettet ihnen die Hände zusammen — ganz nahe, fast einander berührend, weil längere Ketten nicht vorhanden sind. In dieser grausamen Stellung erlaubt man jedem wie er da ist stehend auf ein Strohlager zu sinken.

Aber sie werden bald wieder hochgerissen. Mit verbundenen Augen in einen offenen, kremsartigen, von zwei Pferden gezogenen hohen Wagen genötigt — jeder einen Gendarmen zu seiner Bewachung auf dem Sitz gegenüber — werden sie in den noch eisigen Morgen gefahren der dieser Nacht gefolgt ist.

Die Gendarmen schweigen. Sie haben wohl Befehl zu schweigen. Nur manchmal wirft einer dem anderen ein Wort in ihren eigenen Angelegenheiten zu. Auch die Deutschen schweigen. Sie haben das instinktive Gefühl, sich verdächtig zu machen, wenn sie sich in ihrer eigenen Sprache unterhalten — und es ist ihnen nicht danach. Aber die in Eisen geschlossenen, gestauten Handgelenke reden ihre Sprache. Sie schwellen an, beginnen zu

rennen und werden zu einer Folter wilderster Art. Da beugt sich einer der Gendarmen vor und deckt den Rand seiner Pelierne, der ihm die Knie wärmt, über die erfrierenden Hände des Kriegsfreiwilligen, der ihm in seinen Qualen gegenüber sitzt.

So fahren sie lange. Keiner weiss wie lang. Endlich hinter einem Ort, dessen Name ihnen nicht genannt wird, hält der Wagen gegen die Mittagszeit vor einem hübschen Schloss in einem weiten Park. Man führt sie, noch mit verbundenen Augen, fast erdrückt von den Handtüchern der Soldaten, als die sich ihre Binden erweisen, in das Haus. Die Gendarmen in ihren weissen Silberhelmen — wie sie nun erkennen — nehmen ihnen die Fesseln ab und befreien ihre Augen. Ihre Tritte sind tastend und unbeholfen, ihre Finger blau und lahm, ihr Anzug verdreht, ihr Haar verwühlt, ihr Gesicht nur notdürftig abgewischt mit den Tüchern, die noch heiss sind von ihren pochenden Schlä-

fen, als sie die breiten und niedrigen Treppen zu einem grösseren Raume emporsteigen. Aher sich blicken wieder um sich. Sie sehen einander. Ihre Hände sind frei. Ihr Schritt wird auf jeder Stufe sicherer. Oben — das wissen sie — werden sie wieder sie selbst sein.

Oben, vor der Tür des Saales, legt der Generalstabsoffizier seinen Mantel ab. Er fühlt sich fast leicht. Niemals standen die Dinge klarer vor seinem Auge. Er fühlt eine seltsame stählerne Unüberwindlichkeit in sich wiederkehren, die ihn nur in Augenblicken äusserster Gefahr überkommt. Seine Spannung, die Gefahr, der Boden einer unmittelbaren Entscheidung lassen ihn aufatmen.

Noch auf der obersten Stufe des Treppenteppichs hat sich der Hauptmann mit einem klaren, ruhigen Blick nach denen umgedreht, denen seine Entschlossenheit und seine Zuversicht gilt. Nun betritt er, gefolgt von seinen Begleitern, den Saal.

Sie sehen sich einer grossen Zahl von hohen Offizieren gegenüber. An einem langen Tisch sitzt ein älterer General, ein hagerer ruhiger Mann, dessen Gesicht nichts

einem lautlosen Schweigen, ohne eine einzige Frage oder auch nur ein Wort, mit der von dem Tisch sich aufhebenden Hand das Zeichen und die Aufforderung erteilt, zu reden.

Darauf spricht der Hauptmann. Er spricht die Sprache seiner Feinde. Die Zuhörer bemerken kaum, dass die Klarheit seiner Worte in ihrer Sprache vollkommen ist. Es ist zwar ein Dolmetsch da, aber er wird nicht benötigt.

Der Hauptmann spricht kurz. Die Zuhörer erfahren von ihm nicht mehr als den Inhalt seiner Mission und sein und seiner Begleiter Verhalten dabei. Der Bescheid des Gouverneurs, die Rückführung zur Front und ihre Gefangennahme: er streift sie kaum mit einem verlorenen Wort. Kein Plaidoyer, keine Rechtfertigung, keine Aufklärung ist vonnöten. Hier endet alles allein in einer soldatischen Forderung, die er als Offizier stellt und die ihn sein Offiziersstum stellen lässt.

„Ich verteidige nicht“, schliesst der Hauptmann die wenigen Sätze, die er an den General richtet, „dass ich mit unverbundenen Augen nach Reims hineingefahren hin und damit — da es der angerufenen Husarensergeant zuliege — eine für Parlamentäre vorgesehene Vorschrift verletzt habe. Aber wir sind keine Spione. Daher fordere ich als Offizier gleichwohl — indem ich mein Verhalten zu beurteilen Ihnen überlasse — für mich und meine Begleiter als Parlamentäre, nach den Regeln des Kriegs- und Völkerrechts die für sie gelten, die sofortige Freilassung und freies Geleit.“

Niemand weiss, welche Erwägungen den General leiten: ob ihm mehr über die Unterhändler hekannt ist als was er eben vernommen hat; ob für seine Entscheidung von Bedeutung ist, dass inzwischen der Befehl ergangen war, die Festung Reims nicht zu verteidigen, und dass also das, was die Deutschen dort gesehen als belanglos und kaum als Geheimnis anzusprechen ist; ob er in diesem Augenblick schon weiss, dass die Sachsen des Generals von Hausen im Anmarsch auf die Stadt sind und somit alle Meldungen, die die Unterhändler noch an den Feind bringen könnten, sich als verspätet und gegenstandslos erweisen würden; oder ob er allein dem Wort des deutschen Offiziers die Ehre gibt.

Jedenfalls hat der General, während eines erwartungsvollen Schweigens, das der Rede des deutschen Generalstabsoffiziers folgt, die Deutschen der Reihe nach einen nach dem andern lange angesehen. Danach hat er — als ob es sich für ihn um wichtigere Dinge handele —, sich schon erhebend, mit grosser Ruhe gesagt: „Sie sind zu ihren Linien zurückzubringen.“

Nach diesem Bescheid, den die Deutschen salutierend entgegennehmen, werden ihnen — zwischen den sich schon bewegenden und bedrohenden Offizieren — von den Gendarmen aufs neue die Augen verbunden. Sie werden die Treppen hinunter in einen Wagen gebracht. Gaffende Soldaten umringen sie. In wenigen Minuten fahren sie eilig nach Norden davon.

Confeitaria

Aeltestes und vornehmstes Haus



Biennense

Nachm. und abends gutes Konzert

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo

reissen und werden zu einer Folter wilderster Art. Da beugt sich einer der Gendarmen vor und deckt den Rand seiner Pelierne, der ihm die Knie wärmt, über die erfrierenden Hände des Kriegsfreiwilligen, der ihm in seinen Qualen gegenüber sitzt.

So fahren sie lange. Keiner weiss wie lang. Endlich hinter einem Ort, dessen Name ihnen nicht genannt wird, hält der Wagen gegen die Mittagszeit vor einem hübschen Schloss in einem weiten Park. Man führt sie, noch mit verbundenen Augen, fast erdrückt von den Handtüchern der Soldaten, als die sich ihre Binden erweisen, in das Haus. Die Gendarmen in ihren weissen Silberhelmen — wie sie nun erkennen — nehmen ihnen die Fesseln ab und befreien ihre Augen. Ihre Tritte sind tastend und unbeholfen, ihre Finger blau und lahm, ihr Anzug verdreht, ihr Haar verwühlt, ihr Gesicht nur notdürftig abgewischt mit den Tüchern, die noch heiss sind von ihren pochenden Schlä-

verrät, die Offiziere seines Stabes hinter ihm in den Fensternischen und an den Wänden stehend.

Die Deutschen salutieren. Sie haben ihre Waffen und ihre volle Ausrüstung wieder, die man ihnen für ihr Auftreten an dieser Stelle nachgeführt und zurückgegeben hat. Der Hauptmann steht, seinen Trompeter, den Kriegsfreiwilligen mit der weissen Fahne neben sich, in Reihe mit seinen Offizieren.

Man betrachtet sie mit Hochachtung. Die kariuotierten Streifen des deutschen Generalstabes und der Ruhm der Waffe tun ihre Wirkung. Keiner der Teilnehmer an dieser Begegnung — und es haben sich, von der Einzigartigkeit des Ereignisses angezogen, durch die offenen Türen hinter den Deutschen noch zahlreiche Offiziere aller Gattungen, Franzosen und Engländer, die wohl den in dem Ort liegenden Truppen angehören oder aus anderen Gründen zufällig anwesend sind, in den Saal begeben — kann die Würde und Korrektheit des Vorgangs in Abrede stellen, zu dessen Beginn der General in

# Zu den Mahlzeiten...



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot, Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

## Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.

**AO PINGUIM** H. Hillebrecht  
 RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128  
 E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2  
 São Paulo  
 Telefon:  
 Bar 4-5507  
 Gruta 4-2626

Ausgezeichnete Küche Jeden Sonnabend: Feijoada completa  
 Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Extra Fino



Rua  
das Palmeiras  
274  
Tel. 5-4429

Damen-Schönheits-Institut

„ELSE“

Dauerwellen (elektrisch u. nicht elektrisch), Ondulation u. Wasserwellen, Maniküre, Färben u. Massage  
 Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c  
 Telephon 7-5480,

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

**Casa Brasil**  
 Damenschuhe  
 bis zur Nr. 40

Abfah Louis XV., japanische Form 40\$000, 45\$000  
 Das Haus, welches bestes bedient und reelle Preise hat.

Rua Santa Efigenia 285  
 nahe der Rua Aurora

## Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!  
 Qualitätswerkzeuge!

Eigene Härtestube  
 mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft!

### Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curityba - Belem do Pará - Bello Horizonte  
 Bahia

In anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires Montevidéo  
 Santiago de Chile

## Deutsche Brombeeren

Bestellungen werden entgegengenommen  
 frei ins Haus - 5 Kilo - Rs. 15\$000

Rua Santa Efigenia 64 / Tel. 4-1087

## Livraria Delinee

Aelteste deutsche Buchhandlung  
 Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo  
 Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Man erzählt sich noch, der Hauptmann habe, nachdem sich der General schon entfernt hatte, einem hohen Offizier des Stabes zum Ausdruck gebracht, er wüschte als deutscher Soldat, da jene Husarenpatrouille ihn und seine Begleiter unter grosser persönlicher Gefahr vor der Wut einer erhitzten Volksmasse geschützt habe, dem französischen Soldaten als seinem Gegner Achtung und Dank auszusprechen.

Erst später erfahren die Deutschen, dass sie vor dem Oberkommandierenden der französischen Nordarmee, dem General Langrezac, gestanden haben.

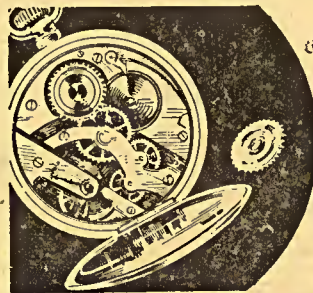
Aber der Wagen, der sie fährt, hat nur Befehl, sie bis in das Bereich der Forts von Reims zurückzubringen. Von dort sollen Truppenteile der Vorposten die Weiterbeförderung übernehmen. Die Wut der Bevölkerung, die sie wiedererkennt, bewirft sie auf ihrem Wege mit Schimpfen und Geschrei. „Vaches! espions! boches! (nie zuvor gehört) renards! filous! à mort! sur le mur!“ schallt es um sie her und nochmals trifft sie aus zielsicheren Schlünden klatschend der Speichelwurf alter Weiber und knoblauchstinkender Männer.

Als sie den Wagen verlassen und ihnen die Binden abgenommen werden, sehen sie sich — durch Zufall oder Absicht, als ob sie ihm vom Schicksal ausgeliefert seien — zu ihrem Erstaunen wieder dem dicklichen misstrauischen General gegenüberstehen, der sie gestern den Gendarmen übergeben hat.

Sie blicken sich verwundert und wie in ein Märchenspiel verstrickt an. Während sie aber noch dieser Wiederbelebung kaum mehr Bedeutung für sich zumessen als die eines seltsamen Missgeschicks, über das sie schon zu lachen beginnen, sehen sie es vor ihren Augen plötzlich und unvermutet in einen fürchterlichen und kriegerischen Ernst umschlagen.

„Was?“ sagt der kleine General, „da sind Sie wieder? Und ich soll Sie zu Ihren Li-

nien zurückführen lassen! Das ist doch wohl eine Zumutung seltener Art. Es wird mir niemand meine gut begründete Ueberzeugung nehmen können, dass Sie Spione sind, auch wenn sich ein anderer General darin irrt.



... weil ihr komplizierter Mechanismus verschmutzt ist! Sie muß unbedingt einer gründlichen Reinigung unterzogen werden.

Die Harnwege sind ebenso fein ausgearbeitet wie der Mechanismus einer Uhr; sie müssen daher auch von Zeit zu Zeit gereinigt werden. Machen Sie deshalb eine gründliche innere Desinfektion mit den HELMITOL-Tabletten.

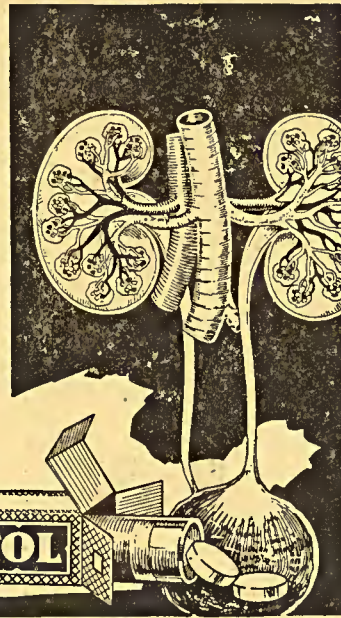
Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen.

Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



**HELMITOL**

## Diese Uhr geht nicht mehr!



Es gibt in der französischen Armee Gerichte, die das Urteil über Spione finden, welchen Gerichten Sie zur Untersuchung und Entscheidung zuzuführen der General den Sie mei-

henden lebhaften Manne. Sie wissen nicht, dass sie ihm in einem Augenblicke zu Weiterbeförderung und Geleit nach den deutschen Linien übergeben sind, da ihm aus mancherlei

nen unterlassen hat. Ich werde mich dieser Verfehlung nicht schuldig machen und weigere mich, Sie freizulassen.“

Die Deutschen stehen betroffen vor dem in einer unbegreiflichen Wut auf und ab ge-

Anzeichen und Befehlen klargeworden ist, dass die Absicht zu bestehen scheint, Reims nicht zu verteidigen. Er schreibt diese Absicht — mit anderen Offizieren der Armee, die in diesen Wochen von der Unfähigkeit französischer Generale sprechen —, wie vieles, was damals an der französischen Front geschieht oder vielmehr nicht geschieht, dem General Langrezac zu.

„Dass ein militärgerichtliches Verfahren gegen Sie nicht eingeleitet ist“, schreit er voll Zorn, „ist eine der vielen Unterlassungen dieses allzu vorsichtigen Generals, die uns den Krieg kosten werden.“

Le général doit être limogé! Man muss den General nach Limoges schicken, wohin Frankreich alle seine gemassregelten Generale schickt. Warum übergibt er Sie, die Sie zu fünf mit unverbundenen Augen durch unsere Linien fahren, die Vorposten zu umgehen wissen, überall Ausschau halten, durch keinerlei Ausweis als Parlamentäre legitimiert sind, nicht der militärischen Gerichtsbarkeit? Ich werde zu Ehren Frankreichs diese Missachtung der Machtmittel des Krieges durch einen General nicht gutheissen. Sie stehen vor mir als Spione und wenn der General Sie als solche erkennt, so ist das nicht meine Sache. Das Verfahren mag widerlegen, dass Sie Spione sind und wird Ihren Beweis zulassen, dass Sie es nicht sind. Ich aber verhafte Sie unter dem Verdacht der Spionage und verfare danach mit Ihnen.“

„Gegen die Entscheidung des Generals, die eben über uns ergangen ist und dem auch Sie unterstehen?“ fragt der Hauptmann scharf, finster und schneidend und hält zugleich mit einer Handbewegung den Rittmeister zurück, der, rot und heiss vor Erregung, herausfordernd auf den General zugetreten ist.

„Nicht im mindesten!“, erwidert der General gelassener und fast höflich; „nur: die Entscheidung kann ohne ein Verfahren und eine Beteiligung der obersten Kriegsgeschichte in diesem Falle gar nicht getroffen werden. Diesem Verfahren werde ich Sie —

Vor  
**Annahme falschen Geldes**  
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr  
Eröffnen Sie ein Konto beim  
**Banco Allemão**  
**Transatlantico**  
RUA 15 NOVEMBRO 268  
und zahlen Sie Ihre Rechnungen  
**per Scheck!**

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

**Dres. Leheld und Coelho**  
**Dr. Walter Hoop**  
Rechtsanwälte  
São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,  
Telef.: 2-0804 - 2. Stock, Zim. 11-16 - Postfach 444

**Dr. Max Rudolph**  
Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe  
Röntgen-Bestrahlungen  
Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576  
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337  
Sprechstunden von 3-5, Sonnabends von 11-1 Uhr


**Dr. Mario de Fiori**  
Spezialarzt für allgemeine Chirurgie  
Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 2-3.  
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

*Gepflegte Menschen*

haben nicht nur ein sympathisches und gesundes Äußeres, wozu auch schönes, volles Haar gehört, sondern sie sind auch von einem feinen Duft des Gepflegtseins umgeben. Diese wunderbare Note von Gesundheit und duftender Frische erhält das Haar durch das Naturprodukt  
**Dr. Dralle's Birken-Haarwasser**

Überall zu haben

**Dralle**



**Dr. Erich Müller-Carioba**  
Frauenheilkunde und Geburtshilfe  
Röntgenstrahlen - Diathermie  
Ultraviolettrahlen  
Konz.: R. Aurora 1018 von 2-4,30  
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua  
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

**Dr. G. H. Nick**  
Facharzt  
für innere Krankheiten.  
Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr  
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371  
Privatwohnung: Telefon 8-2263

**Erwin Schmied**  
Dentist  
Umgezogen nach  
Largo Santa Efigenia 1  
3. Stock, App. 32  
(Eingang von der Brücke)  
Sprechstunden  
von 8.30-18.30 Uhr, Sonn-  
abends: bis 12 Uhr mittags

**Deutsche Apotheke**  
**Ludwig Schwedes**  
Rua Libero Badaró 45-A  
São Paulo / Tel. 2-4468

**Deutsche Apotheke**  
In Jardim America  
Anfertigung ärztlicher Re-  
zepte, pharmazeutische  
Spezialitäten - Schnelle  
Lieferung ins Haus.  
RUA AUGUSTA 2843  
Tel. 8-2182

wenn Sie erlauben: zur Vervollständigung jener Entscheidung - zuführen."

Die Deutschen sind allzu überrascht und enttäuscht, um sich von ewig gleichen Gegenstellungen etwas zu versprechen, und ergeben sich ratlos der neuen Ungewissheit, die sie umfängt.

Wieder verfinstern umgelegte Binden ihre Augen und wieder geht es durch den kalten Abend in umgekehrter Richtung, der Marne zu. In einem kleinen Ort, im stinkenden Ortsgefängnis, erwarten sie stehend ihre Weiterführung, da der Ekel ihnen verbietet, mit ihren Leibern den Boden zu berühren. Am späten Abend erscheinen französische Gendarme, schließen sie mit Handsehlen zu zweien und dreien aneinander und fahren sie in eine grössere Stadt, wie es ihnen scheint, das Marnetal aufwärts. Noch in der Nacht werden sie einem französischen Militärjuristen vorgeführt werden.

Während dieses ganzen langen Tages, der für sie mit der Auslieferung an die französische Militärjustiz endet, werden die drei deutschen Offiziere und ihre Begleiter an ihrer eigenen Front vermisst. Der General, der sie entsandte, seine Parlamentäre nicht gewährend, hat zwar am Frühmorgen seine Verbindungsreiter ausgeschiedet, soweit sie nach rechts und links ausgreifen können. Aber weder der kleine Benzwagen noch seine Insassen sind irgendwo gesichtet worden.

Gegen Mittag lässt der General deswegen Reims mit einigen Batterien beschossen. Indessen setzt er dadurch nur die Sachsen des Generals von Hausen, die in die Stadt eingeschwärmt sind, in Ungelegenheiten, was ihr Verhältnis zu den Preussen nicht verbessert. Ueber seine Parlamentäre ist nichts zu erfahren.

Im weiteren Verlauf der Angelegenheit erschien am 4. September ein Offizier des Stabes des Generals von Bülow in der Stadt und forderte von dem zurückgelassenen Platzmajor die Herausgabe der Emissäre. Der Platzmajor hatte von ihnen nicht einmal etwas gehört.

„Gut“, wurde ihm geantwortet; „wenn sie nicht in einer Stunde gefunden sind, wird die Stadt mit schwersten Kalibern muserer Geschütze belegt und Sie mit zehu Geiseln werden erschossen; ausserdem wird von der Stadt eine hohe Busse gefordert werden.“

Des weiteren wird erzählt, der deutsche Kaiser habe, als er Kenntnis von dem Ausbleiben der Parlamentäre erhalten, gedroht, dreihundert gerangene französische Offiziere erschossen zu lassen, falls den Parlamentären etwas angetan würde.

Diese Drohungen - soweit sie überhaupt erfolgt sind - haben kein Blut erfordert. Nur die Stadt Reims hat bluten müssen, indem ihr eine Busse von hundert Millionen Franken für die verschwundenen Parlamen-

täre auferlegt wurde, von denen der Platzmajor nichts wusste.

Inzwischen ist den fünf Deutschen in der Gendarmereikaserne, wo sie die bewachenden Gendarmen vor ihrer Vernehmung zunächst unterbringen, als Gegenstand besonderer Untersuchung alles abgenommen worden, was sie besitzen: Waffen, Geld, Briefschaften, Karten, Gläser, die Ausweispapiere des Kriegsfreiwilligen und des Fahrers, die weisse Fahne und das Horn.


„Der Säbel meines Grossvaters!“, sagt der Rittmeister, von einem herben Schmerz erfasst, zu dem Gendarmen, als er sich vor der geliebten Waffe trennen soll, um sie ohne Stiel und Hieb rumlos in Feindeshand zu geben. „Le sahre du vainqueur de Metz!“, stammelt er wehmütig.

überführt und einzeln jeder in einer der regelrechten Gefangenenzellen, wie sie in allen französischen Gefängnissen zu finden sind, zu ebener Erde mit dem Hof, in weitem Abstand voneinander untergebracht.

„Das weitere ordnet Heilbronner an“, hören sie den Ohergendarm zu der Wache im Hof sagen, ehe er sie verlässt.

Nach etwa einer Stunde erseht der Kriegsgerichtsrat der französischen Armee Heilbronner, der offenbar einen grossen Ruf geniesst. Er ist ein schneller, geschäftiger und eifriger Mann, der aus dem Auto heraus, das ihn herbeigebracht hat, eilig in einem grösseren Zimmer neben der Wachstube Platz nimmt, wobei er Akten und Gesetzbücher vor sich hin und her schiebt, bis sie einen ihm genehmen Ort auf dem Tische einneh-

**PEBECO**  
verschafft Ihnen den  
Vorzug eines  
gesunden  
Mundes



FA 380

Er spricht nicht allzu gut Französisch und vermag das Verhältnis der Waffe zu seinem Grossvater nicht genauer auszudrücken als er es tut. Aber diese Ehre wenigstens soll nach seinem Willen seinem Säbel werden.

„... du vainqueur de Metz!“ wiederholt der Gendarm flüsternd, fast andächtig und hält ihn in der Hand. Bewundernden Auges betrachtet er nachdenklich die einfache Waffe: „Le sabre du vainqueur de Metz!“

Nach Abnahme der Waffen und Sachen werden die Deutschen in das Stadtgefängnis

Sie keine anderen Beweise Ihrer Unschuld haben - und es steht Ihnen frei sie beizubringen - als Ihre haltlose Behauptung Sie seien Parlamentäre, Sie als Spione erschossen werden. Die übereinstimmenden Berichte der Truppenteile, die Sie beobachtet haben und die mir hier vorliegen, der Mangel jeden schriftlichen Ausweises für einen Auftrag von solcher Wichtigkeit wie Sie ihn behaupten, lassen keinen Zweifel zu. Es ist mir nicht erlaubt, auf Grund der vorliegenden Beweise zu einem anderen Urteil zu gelangen. Auch würde die Exekution bei der Klarheit des Falles sofort stattfinden - das will nach der Handhabung dieses Wortes sagen: morgen um fünf Uhr früh.“

Der Kriegsgerichtsrat macht eine Pause. „Ich möchte nun“, sagt er etwas weniger straff und eindrucksvoll zu dem Wachhabenden, „die Deutschen nach ihrem Rang einzeln vernehmen. Wer ist der älteste der Offiziere?“

Von ihren Schliessern gefolgt, die sie an den kurzen Ketten, die Handgelenke umschlossen, vorgeführt haben, werden der Hauptmann und der Leutnant des Automobilkorps, der Kriegsfreiwillige und der Fahrer in ihre Zellen verbracht.

„On ira vous fusiller!“, sagt gutmütig erklärend der Schliesser des Kriegsfreiwilligen zu ihm und zuckt etwas an der Kette, wie bei einem Hund, den man aufmerksam machen will: „Man wird Sie erschossen.“

Der Rittmeister mit der roten Gesichtsfarbe bleibt allein vor dem Tische des Kriegsgerichtsrats stehen.

„Sie sind nicht der Führer dieser angebliebenen Parlamentärsgruppe?“ fragt der Franzose, einige Aktenblätter umwendend, um eine bestimmte Aufzeichnung zu suchen. „Wenn Sie nicht der Führer sind, welches Amt, welche Funktion versehen Sie innerhalb Ihrer behaupteten Mission? Es gibt im allgemeinen bekanntlich nur einen Parlamentär!“

Der Rittmeister bestätigt, dass der Generalstabsoffizier die Gruppe führe und der eigentliche Parlamentär sei. Er selbst habe keine Mission als Parlamentär. Er sei nur mitgefahren, weil sich die Gelegenheit bot, nach Reims herinzukommen.

„Also zu Zwecken der Spionage!“ beharrt der Kriegsgerichtsrat mit forschendem Blick; „oder aus welchem anderen Grunde denn?“ Der Rittmeister zuckt die Achseln: „Ich bin nur so mitgefahren - ich kann Ihnen das nicht erklären.“

„Sie sind mit unverbundenen Augen gefahren? Sie sind mit unverbundenen Augen, nur so mitgefahren.“ Für den Kriegsgerichtsrat ist der Fall klar. Dabei hat er eine gewisse Hochachtung vor dem deutschen Offizier, der sein Verbrechen eingesteht, wenn es ihm auch das Leben kostet.

„Sie werden die Folgen Ihres Verhaltens auf sich nehmen müssen“, sagt der Kriegs-

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

**OTTO BENDER**

Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705

Zeichenmaterial A. Nestler, Lahr und Gebr. Haff, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

**„Zum Hirschen“ Hotel und Restaurant**

Rua Victoria 186 - Tel. 4-4561

São Paulo Inh.: Emil Russig

**Anzüge** macht gut und billig

**Henrique Dietsch**

Av. S. João 345 - App. 2 - Tel. 4-3196

**VIGOR-MILCH**

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

**Fabrica de Productos Alimenticios „VIGOR“**

Rua Joaquim Carlos 178

Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt

**„Saxonia“**

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396 und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Das schönste

**Weihnachts-Geschenk ein deutsches Fahrrad**

Automobile / Motorräder / Fahrräder

**Willi Hosang / São Paulo**

Caixa postal 3168 / Telephone: 4-3825 und 4-2451

**KRANK?**

Dann lassen Sie sich

**homöopathisch** behandeln. — In dem

**Dispensario Homöopatico São Paulo**

Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—13,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

**unentgeltlich**

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Eben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Familienpension

**CURSCHMANN**

Rua Florencio de Abreu 133, Sobr. (bei Bahnhof)

Telephon: 4-4094

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenie 225

Ausführung aller ins Fachschlagenden Arbeiten

**Hermann Radelsberger** (früher Heinrich Lutz)

**João Knapp**

Klempnerei, Installation.

Regist. Rep. de Aguas und Esg. — Rua Mont. Paffa-laqua 6. Telefon 7-2211.

**Hugo Lichtenthaler**

Rua Aurora Nr. 135

**Antestas deutsches Möbelhaus**

Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzeilmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebrauchten Möbelstücken

**Jorge Dammann**

Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Ypiranga 183, Tel. 4-2320

**Josef Hüls**

Erstklassige Schneiderei. — Mäßige Preise. — Rua Dom José de Barros 266, Sobr., São Paulo, Telefon 4-4725

Wer sein Geld stets in der Tasche trägt, gibt es aus.

Legen Sie jeden Monat nur einen kleinen Betrag auf

**Sparkonto**

an, so erleichtern Sie sich das Sparen, und das zurückgelegte erhöht sich um Zins- und Zinseszinsgewinn.

**Banco Germanico da America do Sul**

São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda) Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5 Santos, Rua 15 de Novembro 114

Bevorzugt bei Einkäufen unsere Lieferanten!

**Farben-Lacke-Pinsel**

und alle übrigen Bedarfsartikel für Hausanstrich und Dekoration

**Emilio Müller, R. José Bonifacio 114**

gerichtsrat kurz. Es scheinen ihm keine weiteren Fragen erforderlich.

Hierauf wird der Rittmeister abgeführt und der Hauptmann vorgeführt.

„Sie müssen doch wohl selbst zugeben, dass Ihr den parlamentarischen Gebräuchen widerstrebendes Verhalten schon an sich ganz ungläubhaft macht dass Sie ein Parlamentär sind.“

„Ich bin aber ein Parlamentär“, erwidert der Hauptmann; „ich bin als solcher abgesandt.“

„Wenn Sie und Ihre Begleiter Parlamentäre wären, so hätten Sie sich als solche benommen“, erwidert der Franzose scharf. „Sie müssen ferner selbst zugeben“, fährt er, nach einem Suchen in seinen Akten aufblickend, fort, „dass es grotesk ist sich vorzustellen, Sie seien ohne jede Legitimation als Parlamentär mit einer so wichtigen Mission beauftragt worden.“

Der Hauptmann stutzt. Angesichts des Kriegsgerichtsrats muss er dies plötzlich in seinem Innern zugeben. Es ist grotesk.

„Der Sie begleitende Rittmeister behauptet nicht einmal ein Parlamentär zu sein“, führt der Kriegsgerichtsrat seine Sache weiter. „Er verachtet — zu seiner Ehre sei es gesagt — die Ausrede, die Sie gebrauchen, da er nunmehr vor der Unerbittlichkeit steht, seine Handlungsweise verantworten zu müssen. Was können Sie dem gegenüber anführen? Es ist doch wohl nicht angängig zu glauben, dass ein deutscher General seinen Parlamentär mit einem Spion in denselben Wagen setzt und so sein Leben gefährdet.“

Nein, das ist nicht angängig zu glauben, sagt sich der Hauptmann. Aber er vermag nichts Schlüssiges und Beweisendes gegen die Unwiderleglichkeiten des Kriegsgerichtsrats vorzubringen. Kann er dem Franzosen klarmachen, dass gestern fünf deutsche Männer mit einem Jauchzen ohnegleichen über die Brücke von Berry-au-Bac gefahren sind? dass jedes Mannes und jedes Offiziers Vertrauen zu seiner Sache in diesen Tagen grenzenlos war? dass die Begeisterung jedes Besinnen überflügelte und die Zuversicht jede Legitimation unnötig machte?

Soll er das dem Feinde preisgeben? Soll er das Lüge nennen lassen, was in ihnen allen glühte? Es kommt ihm plötzlich wie ein Verrat an sich selbst vor, wenn er es täte; fast Verrat eines grossen militärischen Geheimnisses: des Geheimnisses unerhörter Leistungen. Er will es nicht preisgeben, dieses sie alle durchlodende Feuer. Er kann nicht. Aber besonders: er will nicht.

Er ist es zufrieden, dass es für einen deutschen Offizier Dinge gibt, mit denen man sich nicht verteidigen kann.

ben würde und mit Anstand die Kugel hinnehmen, die ihm gebührt. Ich aber nehme sie nicht hin: für mich nicht und für meine Begleiter nicht. Wir sind keine Spione. Ich widerspreche. Die Kugeln, die Sie uns zudenken, gehören uns nicht — verstehen Sie! — deswegen wehren wir uns. — Aber das können Sie ja nicht verstehen.“

daran, dass die Offiziere Parlamentäre seien und der Kriegsfreiwillige der dem Parlamentär beigegebene Trompeter und Fahnenträger.

Auch dies sei ungläubhaft — wie alles andere, ausser dem klaren Geständnis des Rittmeisters — dass ihm die Art der Fahrt nicht ganz genau bekannt sei, wendet der Kriegsgerichtsrat dem Leutnant ein, ohne auf des-

den Fahrer noch hören. Dieser, ein kleiner geduckter Oberschlesier, weiss nicht viel zu sagen. „Was Offizier sagt, is richtig“, stolpert er hervor, schlägt die kurzen Beine aneinander so gut es gehen will und erhält ein nachsichtiges Nicken des Kriegsgerichtsrats, der nicht mehr von ihm erwartet.

Nachdem die Vernehmung beendet und auch der Dolmetscher entlassen ist, ist es lange sehr still in dem Zimmer, in dem der Kriegsgerichtsrat allein sitzt. Die Schärfe, die er bei den Verhören anzuwenden pflegt, hat ihn verlassen. Er überprüft nochmals die gesamten Erhebungen: diese nicht wegzuleugnenden Tatsachen, diese übereinstimmenden Berichte verschiedener Truppenteile, diese Aussage des Rittmeisters, dieses Fehlen jedes greifbaren oder verfolgbaren Anhaltspunktes für die Parlamentär-Eigenschaft des Hauptmanns. Man kann nicht sagen, dass er es sich leicht macht. In seinem Gesicht ist Hoffnungslosigkeit und Strenge seines Amtes zugleich. Schliesslich ermannt er sich. Es ist Mitternacht lange vorüber, als er den Kerkermeister ruft: „Lassen Sie den Spionen sagen, sie mögen sich zum Tode vorbereiten. Man kann auch jeden noch eine Karte an seine Angehörigen schreiben lassen — aber nichts Tatsächliches, verstehen Sie! Das Urteil wird zweifellos auf Grund der Berichte der Truppen, die vollständig ausreichen, und nach dem Ergebnis der hiesigen Vernehmung unverzüglich rechtmässig im Grossen Hauptquartier herbeigeführt werden. Die Vollstreckung wird durch den Generalissimus jedenfalls sofort befohlen werden. Es sind noch vier, fünf Stunden Zeit; gut: veranlassen Sie das zur Hinrichtung Erforderliche.“

Der Kerkermeister weiss schon. Er führt die Anordnungen des Kriegsgerichtsrats selbst aus.

Die Deutschen nehmen seine Mitteilung wie etwas entgegen, wozu nichts mehr zu sagen ist. Nur der Kriegsfreiwillige hat etwas in heftigem Französisch zu lamentieren, das der Kerkermeister nicht ganz versteht und das ihn den Kopf schütteln macht.

Man hat noch jedem aus seiner Kartentasche oder seinen Sachen durch den kleinen Schieber in der Zellentür eine Feldpostkarte gereicht — die er schreiben mag oder nicht. Wachtposten ziehen vor jedem der Gelasse auf. Dann sind die Deutschen in ihren Zellen dem Alleinsein überlassen und selbst der Rittmeister kann, entgegen seinen Gepflogenheiten, trübe Gedanken nicht ganz vermeiden.

In der Morgendämmerung hört man das schwerfällige Eisentor des Gefängnishofes sich öffnen, den hellen Hufschlag eines Pferdes und das Gepolter eines schweren Karrens, der den Hof in seiner ganzen Länge durchquert.

(Schluss folgt.)

**„Sublime“**

die beste Tafelbutter

**Theodor Bergander**

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Das schönste Weihnachtsgeschenk!

**Prata Wolff**

FEINE BESTECKE  
FEINE METALLWAREN

IN ALLEN GUTEN FACHGESCHÄFTEN GANZ BRASILIENS

„Wenn ich nur eine einzige glaubhafte Angabe über die Ihnen von mir vorgelegten Fragen hätte, der ich nachgehen könnte!“ ruft der Kriegsgerichtsrat, der nichts ununtersucht lassen will. „Aber Sie setzen mich ausserstande, zu einer anderen Entscheidung zu gelangen als der, welche Sie kennen.“

„Offiziere Ihrer Armee haben mir auf mein Wort geglaubt!“ versetzt der Hauptmann noch einmal fest.

„Offiziere! Offiziere! Sie stehen vor einem mit dieser besonderen Mission beauftragten Beamten der französischen Kriegsjustiz, der die vorliegenden Beweise zu werten hat — nicht das, was Offiziere glauben.“

Da der Kriegsgerichtsrat keine neuen Ergebnisse mehr von der Vernehmung des Hauptmanns erwartet, lässt er ihn abführen. Der nun vorgeführte Offizier des deutschen freiwilligen Automobilkorps kann nichts zur Aufhellung der Art ihres Unternehmens vorbringen. Er hat Befehl erhalten, mit seinem Wagen zu einer Fahrt nach Reims zur Verfügung zu stehen. Er könne nicht glauben, dass er Spione gefahren habe, glaube vielmehr heilig

sen Aussage grösseres Gewicht zu legen. —

Die Vernehmung des kriegsfreiwilligen Unteroffiziers verspricht nicht viel, sieht der Kriegsgerichtsrat voraus, als an diesen die Reihe kommt.

„Sie sind doch nur mitgeschleppt — vielleicht unschuldig. Wissen Sie etwas von dem angeblichen Auftrag des angeblichen Parlamentärs?“

„Sein Auftrag sei, die Stadt Reims zur Uebergabe aufzufordern, sagte er mir.“

„Natürlich!“ flicht der Franzose ein. „Er wird Ihnen nicht gesagt haben, dass es nichts weiter ist als Spionage was er treibt.“

„Ich bin nicht mitgeschleppt“, wehrt der Unteroffizier ab, „ich bin freiwillig und gern mitgefahren. Und wenn der Hauptmann ein Spion ist, bin ich auch einer.“

„Sie sind ein anständiger Kerl, dass Sie das sagen. Aber Sie können sich ja den Schluss selbst machen.“ —

Der Kriegsgerichtsrat überblickt, dass er in der Sache nichts weiter gewinnen wird. Nur ordnungshalber — sozusagen für die Vollständigkeit des Verfahrens — wird er

**Dralle Birkenwasser**

enthält natürlichen Birkensaft

„Sie werden uns erschossen“, sagt er; „gut! Aber Sie werden keine Spione erschossen. Ich kann Ihnen eben nicht klarmachen, dass ein deutscher Spion — wenn anders er ein Soldat ist — sich in sein Schicksal erge-



# Die Sprache des jungen Deutschland

Ab und zu bringen Schiffe auch in diesen Tagen noch Briefe und Zeitungen aus der deutschen Heimat. Sie sind meistens schon einige Wochen alt. Ihre Tagesnachrichten und Betrachtungen zur Lage sagen uns nur in seltenen Fällen etwas Neues. Wir sind durch die Telegramme und Berichte der vorurteilsfreien Presse, mehr aber noch durch den stichhaltigen aufklärenden Dienst des Deutschen Kurzwellensenders über den Gang der europäischen Ereignisse gut unterrichtet. Und dennoch entdeckt man bei genauer Durchsicht der Heimatblätter so manchen aus unserer Zeit für die Ueberzeitlichkeit geschriebenen Beitrag: Ein Gedicht, einen Aufruf, ein Lied, oft nur einige Verse. Kriegsdichtung? Jugendliche Begeisterung? Neuaufgabe der Gedanken, die schon 1914-18 zu Papier gebracht wurden? Wir sind alle mit dem deutschen Schicksal zu sehr verkettenet, um auf diese Fragestellungen sachlich und mit lehrhafter Zergliederung zu antworten. Das junge Deutschland von heute erlebt seine Zeit gewiss bewusster als die Generationen der vergangenen Jahrhunderte. Wir wollen darum auch nicht sagen, dass seine Sprache weniger Kraft und Gehalt hat als jene der Dichter des Weltkrieges, der Freiheitskämpfe von 1813 der Zeiten des grossen Preussenkönigs Friedrich, der mittelalterlicher Bauernrevolutionen, der Ritterzüge zur deutschen Ostlandkolonisation. Der Kampf um des Reiches Einheit und Macht ist kein Problem unserer Tage. Dieser Kampf ist über 1000 Jahre alt und ist es auch grundsätzlich im Sinn der deutschen Lieder und am meisten im Gedicht der harten entscheidungsvollen Jahre leuchtendes Ziel geblieben. Es gibt kein zweites Volk auf dieser Erde, das auch mit der Waffe in der Hand den Ehrentitel „Volk der Dichter und Denker“ mit grösstem Recht tragen darf. Diese Feststellung soll mit nachstehenden kleinen Gedichten und Liedern unterstrichen werden, die genau so aneinandergereiht wurden, wie sie uns zu Gesicht kamen, also nicht im geringsten ausgewählt wurden. Ihre Verfasser sind ausnahmslos junge deutsche Menschen, die in diesem dem Reich aufgezwungenen Krieg idealbeseelt, gläubig und einsatzfroh an seinen Fronten stehen.

## Die graue Front ist überall

Nicht nur im Westen steht der Wall,  
Nicht nur aus Stahl und Stein geschichtet:  
Die graue Front ist überall  
In unsren Herzen aufgerichtet!

Ganz Deutschland sei als Schild und Schwert  
In unsres Führers Hand gegeben!  
Wer sich versagt, der ist nicht wert,  
In dem verschwornen Bund zu leben!

Nicht nur im Westen steht der Wall —  
In uns ersteh' er stets auf's neue!  
Die graue Front ist überall,  
Und fordert unsre letzte Treue!  
Heinrich Anacker

## Kamerad!

Nun sind wir wieder  
Eine graue Front geworden!  
Du im Süden ich im Norden!  
Und die alten, wilden Lieder,  
Die im Kampf die Väter sangen,  
Die den Todesweg gegangen,  
Sind auch unsres Herzens Sprache.

Kamerad!  
Die grosse Sache  
Ist das leuchtende Fanal:  
Deutschland! Freiheit! Ewigkeit!  
Und das Reich von dieser Welt!

Kamerad!  
Wer von uns fällt,  
Du im Süden, ich im Norden  
Wird ein Teil der Ewigkeit,

Die da leuchtet fordert, zwingt  
Dass der Enkel einmal singt,  
So wie wir, die ausgezogen  
Und im Kampf ihr Herz gewogen:  
Deutschland! Freiheit! Ewigkeit!  
Und das Reich von dieser Welt!

Kurt Eggers  
(Geschrieben im Felde, Sept. 1939)

## Füge unser Volk zum Ganzen!

(Dieses Gedicht schrieb eine junge Arbeiterin aus einer Kammgarnspinnerei zu Kaiserslautern)

Schmied! Nun lass den Hammer kreisen,  
Gib ihm Form, dem starren Eisen.  
Leg die Stücke in die Flammen,  
Schmied' zur Einheit sie zusammen,  
Leg der Kette rost'ge Glieder,  
Auf den schweren Amboss nieder,  
Schlage zu, bis sie sich biegen,  
Nützend sich dem Ganzen fügen. —

Schmied! Lass kreisen deinen Hammer,  
Schlage tot die Not, den Jammer.  
Lass ihn kreisen, lass ihn tanzen,  
Füge unser Volk zum Ganzen,  
Form' das Hoffen und das Streben,  
Füg' und forme unser Leben,  
Form' veredelnd die Gedanken,  
Schlage nieder alle Schranken,  
Schweisse, binde, füge, zwinge,  
Schlage, dass die Welt erklinge  
Lass sie zittern, diese Erde,  
Schmiede, bis sie Einheit werde.

## Herbststurm 1939

Der Herbststurm singt ein brausend Lied —  
Soldaten singen mit;  
Durch fahles Laub die Strasse zieht —  
Soldaten ziehen mit.

Grauwolken jagen tief und schwer —  
Flugstaffeln jagen mit.  
Ein Volk brach auf, ein einzig Heer —  
Wir alle kämpfen mit.

Stehn Mann um Mann, Der Sturm heult Krieg,  
Die Neider heulen mit.  
Soldaten stürmen, Jubeln: Sieg! —  
Wir alle jubeln mit.

Und sank manch welkes Blatt herab —  
Sank mancher Held wohl mit,  
Er träumt im stillen Heidegrab —  
Sein Geist stürmt weiter mit.

A. Espey

## Alle tragen dieselbe Not

Wir alle durch Blut und Boden verwandt,  
Wir pflügen alle dasselbe Land.  
Wir essen alle dasselbe Brot,  
Wir tragen alle dieselbe Not.

Wir kämpfen alle mit gleichem Schwert  
Für unseren Acker, für Hof und Herd.  
Ein Hassen, ein Lieben ein heisses Gebet,  
Ein Glaube, der alle Stürme besteht.

Ein Wille, der all unser Schaffen beseelt,  
Ein Herz, das in Leid und Entbehrung gestählt;  
Wir alle sind eins, Und ist keiner mehr „Ich“.  
Ein Leben, ein Sterben, mein Volk für dich!  
Anne Marie Köppen

## Der deutsche Reiter

Löst mir den Helm von der Stirne  
erst nach gewonnener Schlacht,  
sehen will ich die Firne  
des Himmels vom Siege umlacht,

leben will ich die Erde,  
Blume, Falter und Wind  
und mich bücken von Pferde  
nach einem blühenden Kind

wenn die Wolken zerstoben  
sind und das rufende Land  
sich befreit erhoben  
hat unterm Schwert meiner Hand.

Dann, ja dann will ich weilen,  
Herz, aufrüste dich voll,  
mit ihm die Freuden zu teilen,  
die niemand mehr rauben soll.

Heute bin ich vom Hesse  
angefüllt, und im Kleid  
blanker Ehre erfasse  
ich herrlich die Zügel der Zeit.

Herbert Böhme

## Unsere Tagesparole:

In die Mitte der Welt  
auf den härtesten Stand,  
hat Gott dich gestellt,  
mein Vaterland.  
Und du hast nur die Wahl:  
Bist du zerrissen und schwach,  
spielen die Nachbarn Schach  
auf deinem Feld.  
Hämmerst du hart dich zu Stahl,  
bist du die Achse der Welt.

Will Vesper

## Bermächtigung eines gefallenen Dichters: „Unseren Toten“

Und nun schweigen die Fanfaren  
Und die endelosen Scharen  
Stehen still, wie festgebannt.  
Und die Fahnen sinken schweigend,  
Denen ehrfurchtsvoll sich neigend,  
Die da starben für das Land.

Alle stehen schweigend stille,  
Fühlen, dass ein heil'ger Wille  
Sie in diesen Ring gespannt.  
Und erfüllt von tiefer Ahnung  
Denken sie der Toten Mahnung,  
Reichen sie sich stumm die Hand.

So hat sich das Volk gefunden,  
Und für wenige Sekunden  
Wird das Herz der Stärksten weich.  
— Doch nun höher die Standarten!  
Deutschland soll nicht länger warten,  
Stehe fest, du heil'ges Reich!

Gerhard Seeger-Ahlert

Gerhard Seeger-Ahlert fiel vor einigen Wochen an der Ostfront. Der 23jährige junge Dichter gehörte dem Kulturamt der Reichsjugendführung an. Dieses Gedicht wählte Baldur von Schirach vor Jahren für eine Sammlung bester junger Lyrik aus. Nun lebt der junge Dichter selbst in der unsterblichen Gemeinschaft toter deutscher Soldaten weiter, denen er diese Verse schrieb.

## Mahnung

Solange ein Volk  
noch Krieger gebiert,  
ist es gerecht.  
Solange ein Volk  
sich zum Kampfe bekehrt,  
wird es nicht schlecht.  
Doch wenn ein Volk  
vom Paradiese träumt,  
fällt es in Not.  
Und wenn ein Volk  
sein Schwert zerbricht,  
ruft es den Tod.

Kurt Eggers

# Deutsche Musik in aller Welt

Dass die deutsche Musik Weltgeltung hat, kann nicht geleugnet werden. Mag man Italien als das Mutterland der Tonkunst bezeichnen, in Deutschland hat diese Kunst ihren höchsten Flug genommen, hier erst ist sie über allen schönen Schein hinaus Offenbarung des Unausprechlichen, Metaphysischen geworden. In den Konzertsälen in Paris und London, in Kopenhagen und Stockholm, in New York und Buenos Aires, in Kapstadt, Sidney und Tokio erklingt die Musik von Händel und Bach, Mozart, Beethoven, Schubert und Brahms; in allen Opernhäusern des Auslandes stehen Wagners Werke im ständigen Spielplan. Die deutsche Musik umspannt in ihrer Auswirkung den ganzen Erdball. Und wie steht es um die Ausnutzung der musikalischen Bildungsmöglichkeiten, die Deutschland gewährt? Noch bis vor wenigen Wochen strömten die jungen Musiker aus aller Herren Länder nach Deutschland, um zu lernen: Engländer, Skandinavier, Slawen, Romanen, Amerikaner, Inder und Japaner. Es gab und gibt erstaunlich-viele Komponisten, Dirigenten und Lehrer, die der deutschen Musik Entscheidendes verdanken. Auch den Erzeugnissen des deutschen Instrumentenbaues — Orgeln, Klavieren und Harmonikas — begegnet man in der ganzen Welt.

Aber die Wirkung der deutschen Musik geht noch tiefer. Sie hat in vielen Ländern Schule gemacht, und erst durch sie sind zahlreiche Nationalmusiken in der Welt entstanden. Das zeigen gleich die europäischen Nordstaaten. Der Dichter Jens Baggesen sagte einmal: „Die deutsche Schule hat Dänemark die erste dänische Musik gebracht, und zwar so tief vom Grunde der Quelle, dass kein Däne sie so lauter bringen wird.“ Der bekannte deutsche Liederkomponist J. A. P. Schulz und nach ihm F. L. A. Kunzen, C. E. F. Weyse und Fritz Kuhlau waren es, die um 1800 herum in Dänemark für Oper, Lied

und Instrumentalmusik eine nationale Sprache schufen. Auch J. P. E. Hartmann, ein Hauptvertreter der dänischen Oper zur Zeit der Romantik, war deutscher Abkunft, und sein Schwiegersohn N. W. Gade, der dänische unter diesen Komponisten kommt aus dem Kreise der Leipziger Komponisten und war begeisterter Schumannianer. Aber der Einfluss Robert Schumanns beschränkt sich nicht nur auf die Nordstaaten, sondern ist auch sonst in europäischen Auslande spürbar und wird später nur durch den Richard Wagners übertroffen.

Die neuere Musik Norwegens, Schwedens und Finnlands ist der deutschen gleichfalls stark verpflichtet. E. Grieg, Ch. Sinding, J. Svendsen und H. Kjerulf waren Schüler des Leipziger Konservatoriums und folgten den Spuren Schumanns oder Wagners. Auch der Norweger G. Schjelderup, der schliesslich ganz nach Deutschland übersiedelte, ist Wagnerianer. In der schwedischen Musikgeschichte begegnen uns deutsche Meister: I. G. Naumann und Abt Vogler. Sie waren als Organisatoren und Opernkomponisten vor 1800 in Stockholm tätig. C. M. Bellmann, der geniale Improvisator, und F. Berwald, bekannter Instrumentalkomponist, sind deutschen Gebüts, und neben Hallström waren es wieder drei Musiker Leipziger Schulung, die eine national-schwedische Musik begründeten: A. J. Södermann und A. Hallén, beide begeisterte Anhänger Liszts und Wagners. — Die Väter der finnischen Nationalmusik sind die Deutschen F. Pacius und R. Faltin, jener in Hamburg, dieser in Danzig geboren. M. Wegelius und R. Kajanus, die ihnen folgten, bildeten sich gleichfalls in Deutschland, vornehmlich in Leipzig, aus, und der Grossmeister der finnischen Musik, J. Sibelius, hat in Berlin und Wien studiert.

Als erster bewusst russischer Komponist gilt der um 1830 wirkende M. Glinka. Er

Zwei Bildausschnitte vom Marsch- und Walzerabend in Rio, über den wir bereits in der letzten Ausgabe berichteten.



Links: Der Tisch der deutschen Botschaft während des grossen Konzerts im Deutschen Heim in Rio de Janeiro (In der Mitte der deutsche Botschafter Dr. Prüfer). Rechts: Das in Rio berühmte Orchester des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen unter Stabführung des jungen Meisters Georg Hering-Marschal

war Schüler von S. Dehn in Berlin und erhielt von diesem die Anregungen zu seiner in Russland epochemachenden Oper „Das Leben für den Zaren“. Als gereifter Künstler reiste er noch einmal zu seinem hochverehrten Lehrer nach Berlin, um sich mit ihm über die Harmonisierung der russischen Volkslieder und geistlichen Gesänge zu beraten und so, wie er meinte, „den abendländischen, (d. h. deutschen) Fugestil mit den Grundbedingungen der russischen Musik durch die Bande einer legitimen Ehe zu verknüpfen“. Es war die Zeit der deutschen Romantik, die in ganz Europa eine Besinnung auf das Volkische in Kunst und Leben heraufführte. Die schöpferischen Anregungen der deutschen Musik zeigten sich in Russland weiterhin vor allem an Tschaiowsky und Rimsky-Korsakow. Jener bekennt sich zu Schumann und Liszt, dieser zu Liszt und Wagner. Dass Polen hinsichtlich seiner Musik fast als ein Kolonialland Deutschlands angesehen werden kann, ist in diesen Tagen öfter dargetan worden. Als Schöpfer der polnischen Nationalmusik wird der in Schlesien geborene J. Elsner angesehen. Er war auch Lehrer der beiden betont polnischen Komponisten F. Chopin und St. Moniuszko. Chopin sagte in den letzten Tagen seines Lebens zu seinen trauernden Freunden: „Als Andenken an mich spielt Mozart.“

In Böhmen und Mähren haben sich deutsche und slawische Musik von jeher gegenseitig durchdrungen, wobei die deutsche durchwegs in der Führung war. F. Smetana, der als erster eine national-böhmische Tonkunst schuf, erfreute sich der Gönnerschaft Liszts, und seine vaterländischen sinfonischen Dichtungen zeigen ihn als Komponisten in der Nähe seines Meisters. A. Dvorak, der zweite grosse böhmische Musiker, wurde von Brahms gefördert.

Von Ungarns Musik wissen wir das meiste durch Brahms' „Ungarische Tänze“ und die „Ungarischen Rhapsodien“ Liszts, der seinerseits auf F. Erkel, einen der bedeutendsten einheimischen Musiker und Schöpfer nationaler Werke, starken Einfluss hatte. In E. Dohnányis Schaffen begegnen sich Wagnerische und Brahmsche Einflüsse. Im übrigen gibt es eine lange Reihe von deutschen Meistern, die vorübergehend in Ungarn weil-

ten und ihre Werke schufen. Sie reicht von Haydn und Schubert bis zu R. Volkmann. — Wie stark auch in den südslawischen und den Balkan-Ländern die Bindungen zur deutschen Musik sind, hat sich gerade in den letzten Jahren gezeigt. Als Kuriosum sei erwähnt, dass die Nationalhymnen Rumäniens, Lettlands, Finnlands, Estlands und sogar auch Japans von Deutschen stammen.

Wechseln wir zu den Westromanen hinüber, so zeigt sich der Mitschöpfer der spanischen Nationaloper, F. Pedrell, als begeisterter Wagnerianer. In Lissabon haben mehrfach deutsche Musiker als Lehrer gewirkt, z. B. E. Humperdinck. Eine der einflussreichsten Persönlichkeiten im Musikleben Portugals, J. Vianna da Motta, war Schüler Liszts und Büllows. Die Namen Gluck und Händel sind ein Beweis dafür, dass auch die französische und englische Musikentwicklung zeitweise stark unter deutschen Einfluss stand. Glucks Reform, begonnen durch den Pariser Sieg seiner „Iphigenie“, wies der französischen Oper neue Wege, und Händel, der England seine Oratorien schenkte, eröffnete die Reihe der grossen deutschen Musiker, die, gastweise in London weilend, das englische Musikleben stark anregten. Chr. Bach, J. Haydn, C. M. von Weber und M. Bruch sind die bedeutendsten unter ihnen.

Welche grosse Rolle die deutsche Musik in Uebersee spielt, das erfahren wir am besten durch die Berichte der reisenden Virtuosen. Man muss etwa die Pianisten Kempff oder Backhaus erzählen hören, wie begeistert man drüben in Amerika oder in Japan die Kunst Bachs und Beethovens, Mozarts und Schuberts aufnimmt, wie ernstlich man bemüht ist, sich mit ihrer Tonwelt vertraut zu machen und damit Brücken nach Deutschland zu schlagen.

Mit besonderer Genugtuung dürfen wir nach diesen Ausführungen und gleichsam zu ihrer weiteren Bestätigung auf die grosse Zahl der hervorragenden Konzerte des Fritzsche-Quartetts (Dresden) hinweisen. Selten haben in Südamerika und vor allem hier in Brasilien deutsche Künstler mit ihrer grossen Mittlerrolle für die Werke unsterblicher deutscher Musikschöpfer eine verständnisvollere Aufnahme gefunden (D. Schriftflg.).

Dr. Erwin Kröll.

Das aber ist der Dichter Beruf.

Trotzdem bleibt die Frage offen: Ist zeitgeschichtliche Dichtung möglich?

Vermag der Dichter ein Geschehen, das zweifellos einmal Geschichte sein wird, mitten im Fluss, in Form zu fassen? Vermag er, mitten im Geschehen das ihn selbst mit einbegreifend, durch seine Kunst Geschichte zu machen?

Man stelle die Frage wie man will man wird immer Beispiele finden, die bezeugen: Ein Schiller, mit seiner „Kabale und Liebe“ und hundert andere, sie haben es vermocht. Und man wird immer die Antwort finden: Es war ein Wagnis. Es war eine Tat. Mancher hat sich die Finger verbrannt, der in das glühende Metall griff, das fließende, wenn er es auch zur Form zwang.

Und nun verstehen wir erst vollends den mahnenden Ruf, das Eisen zu schmieden, solange es noch warm ist. Nun verstehen wir ihn als Anruf, die Tat nicht zu scheuen, auch in der Kunst, das Wagnis zu wagen; auch das gewagte.

Und das Wagnis war nie so gefährlich wie im Schmelzfluss dieser Zeit, da wahrhaftig alles fließt, in diesem urgewaltigen Unguss der bis in die Elemente alte Formen glühend einschmilzt.

Da mag mancher es ehrlich vorziehen, um den heissen Brei herumgehend, lieber die Hand davon zu lassen.

Wer will ihn schelten? Sind wir denn nicht gewitzt und gewarnt, nicht einzugreifen in einen Prozess, den wir als politisch verstehen? Geschichte — und dieser Unguss ist doch Geschichte! — geschieht ja nicht von ungefähr. Sie wird gemacht von einem Mann. Und dieser Mann vollzieht den Unguss. Er vollzieht ihn nach einem Ratschluss, von dem der Dichter nicht wissen kann, wohin er die glühenden Ströme weist. Der Politiker macht Geschichte.

Und der Wissenschaftler schreibt sie.

Was also will dabei der Dichter?

Darauf ist nur dies zu sagen: Weil der Dichter weder Wissenschaftler ist, noch Politiker, ob er auch „politisch dichte“, darf er ruhig Geschichte dichten. Auch Zeitgeschichte. Selbstverständlich.

Es liegt einzig an der Kritik, dass sie begreife: Er dichtet ein Gleichnis. — Er greift nicht dem Wissenschaftler vor, noch greift er in die Politik ein, wenn er wahr sagt, was er sieht. Er sieht als Seher. Er sieht sein Sinnbild und stellt es hin. Er stellt es hin in einer Form, die dem Bereich der Kunst angehört nicht dem Bereich der Wissenschaft, noch dem Bereich der Politik. So — und nur so — behält er Spielraum für eine Kunst, die heiter bleibt, mitten im tödlichen Ernst des Ablaufs. So — nur so — widerlegt ihn der Tag nicht, widerlegt ihn die nächst unerwartete Wendung des politischen Genies nicht. So und nur so mag sein Werk, das nicht für den Tag erdacht ist trotz allem, was er nicht bedacht, unwiderlegt, da es Gestalt ist, unter hundert Wechselfällen seine Gleichniskraft bewahren.

Wäre es anders, so hätten wahrhaftig die Künste zu schweigen, nicht nur, wo die Waffen sprechen.

Es wird also viel auf die Form ankommen. wieweit der Dichter sinnvoll zupackt. Wir sind sehr gewissenhaft geworden, vielleicht zu gewissenhaft. Das Gewissen des schaffenden Künstlers muss aber künstlerisches bleiben, nicht etwa wissenschaftliches werden. Hätte Schiller seinen „Tell“ hätte Goethe seinen „Faust“ wissenschaftlich „richtiger“ gedichtet, sie hätten ihr Gedicht zerstört. Das Kunstwerk lebt aus einem Gesetz, das nicht das der Wissenschaft ist. Wir lesen letzthin mancherlei Vorwort, in dem Schriftsteller erläutern, warum sie sich Raffungen gestatten, die der historische Stoff nicht aufweist.

Der Dichter hat es nicht nötig. Zu raffen, ist nicht nur sein Recht; es ist sein Beruf, es ist seine Pflicht. Wir kennen die Tüftelarbeiten derer, die nie einen Wald gemalt, aber hunderttausend Blätter. Wir kennen die leblosen „Schlachtenbilder“ auf denen „porträtmäßig“ jeder Kopf und jeder Knopf haarscharf hingepinselt ist. Alles stimmt. Es fehlt nur die Schlacht.

Nein, es ist Unfug einem Bildhauer nachzuweisen, Flavius habe rotblondes Haar, nicht-

aber marmorines Haar gehabt. — Eine „Hermannsschlacht“ ist nicht „erledigt“ weil darin... auf die Römer geschimpft wird.

Die grosse Gewissensforschung des Volkes ist uns in die Glieder gefahren. Wir sind so gewissenhaft, ja wir sind etwas ängstlich geworden. Wir können uns Erschütterungen, die unseren Verlagsvertrag zerrütten, wir können uns Rückschläge, Nackenschläge — schon wirtschaftlich — einfach nicht mehr leisten. Und wir wollen um Gottes willen der Führung nicht ins Handwerk pfuschen. Sollen wir uns da an Würfe wagen, mit denen wir uns von vornherein dem Tadel nicht nur der Wissenschaftler, sondern auch der Politiker und einer „Konjunktur“ aussetzen, die höchstwahrscheinlich eben umschlägt, wenn wir mit unserem Werk erscheinen. Die Kameraden von der Zunft beäugen an sich misstrauisch — als Künstler — jede solche Tat.

Und doch ist es das Wesen der Tat, dass sie gewagt wird. Nicht der dient der Blutvorsorge am reinsten, der vor lauter Skrupeln und Zweifeln sein Kind nicht mehr zu zeugen wagt. Die Zeit der Dichterstürmen ist um. So souverän aber wie der Schmied, der hinhaut, dass die Funken stieben, muss der Künstler denn doch bleiben. Die bündige Antwort also lautet: Möglich ist das, was vermocht wird, und erlaubt ist, was du musst.

Wir werden also trotz alledem weiterhin unsere Würfe wagen. Wir rechnen dabei auf die Grossmut derer, die uns Vorbilder der Tat sind, wie auf die Langmut der Wissenden, die wissen, dass Lebendiges wächst. Auch die Zeit hat ihre Gezeiten.

Das andere aber will auch gesagt sein: Jeder Künstler, was er auch wage, durchbricht immer erst den Feuerwall lodender Lohe vorzudringen zur Gestalt, ob sie nun Brunhilde heisse oder Standbild einer Zeit. Berufen hat ihn von jeher der Warnruf: „Wer meines Speeres Spitze fürchtet, durchschreite das Feuer nie!“ Er schweige denn in Poesie.

Richard Euringer

## Ist zeitgeschichtliche Dichtung möglich?

Von Mal zu Mal ergelbt an die deutschen Dichter der Ruf, nicht ins Vergangene zu flüchten, sondern — auch mit ihrem Schaffen — mitten in der Zeit zu stehen.

Nun ist diese Zeit auch den deutschen Dichtern ja nicht einfach vom Himmel gefallen. Man blättere einmal ein Nachschlagewerk wie das im Zentralverlag erschienene Buch „Deutsche Dichter unserer Zeit“ durch: da findet man einen: fünfmal verwundet, ob seiner Leistung in der Tankschlacht bei Cambrai im Reichsarchivwerk rühmend genannt. Einen andern als Kapp-Putschisten, Freikorpskämpfer, dann Landwirt und schliesslich Sendeleiter. Der dritte lag vor Verdun und Douaumont, studierte hierauf Staatswissenschaften und leitete im Reichswehrministerium eine „Deutsche Soldatenzeitung“. Ein vierter, ebenfalls Frontsoldat, schlug sich als Angehöriger der Garde-Kavallerie-Schützendivision tätlich mit Spartakisten herum, war später Schriftleiter beim „Angriff“ ist heute SA-Standartenführer. Wieder ein anderer hat als Pressechef der „Nationalen Nothilfe“ den Kampf um die Amnestierung der „Fememörder“ mitgeführt ist Intendant des Deutschlandsenders. Noch ein anderer, im Weltkrieg Batterieführer, war Staatsanwalt, ehe er „zu dichten anfangt“. Einer schrieb geopolitische Schriften, Bücher wie „Der Donaauraum“, „Deutschland kämpft für Europa“ oder „Grossmächte unter sich“. Und so könnte man weiterblättern. Und man fände, Mann um Mann, lauter Männer, die geblutet, die rebelliert die recht und schlecht um sich ge-

schlagen, die alles, nur eines nie gewesen: spitzwegische Dachstübchenpoeten. Dass sie denn selber darauf brennen, so prall erfüllt vom Erlebnis der Zeit, dieser Zeit ein Denkmal zu setzen, ist nicht weiter wunderbar.

Und sie haben denn auch bereits einen Block Schrifttum hingesetzt, der vor zwanzig Jahren nicht da war, und der, mindestens in seiner Substanz Jahrhunderte überdauern wird.

Wenn trotzdem, auch in dieser Zeit gewaltiger Erneuerungen, sich eindeutig die Neigung erweist, in die Geschichte zurückzugreifen, so ist das wieder nur natürlich. Wer aufhaut — sagen wir, ein Haus —, der schachtet vorerst einmal den Grund aus. Wir forschen heute unsern Ahnen tiefer nach als je zuvor. Zur Wissenschaft der Ahnenforschung gesellt sich natürlich auch die Kunst. Revolutionen wälzen ja nicht nur die Zukunft der Völker um, nein, erst recht ihre Geschichte. Wir haben nun ja den Schlüssel erst, so dünkt uns doch zur Weltgeschichte. Wir flüchten nicht in die Historie, wenn wir das angeblich Historische in einer nie gesehene Schau noch einmal in Gestaltung bannen. Auch sieht den Dichter ja das Gleichnis, das Sinnbildliche der Bilder an. Sein Feld ist die Welt, auch die der Zeiten. Kleist, der von Franzosen verhaftete Kleist, schrieb kein Stück „Napoleon“ nein, er schrieb „Die Hermannsschlacht“. Er flüchtete damit nicht in die Geschichte, sondern rief sie zum Zeugen auf wider einen Usurpator. Er fand das Gleichnis und prägte es zum Sinnbild.

**Bald kommt der Weihnachtsmann!**



Da darf ein schöner Kuchen und knusperiges Weihnachtsgebäck nicht fehlen. Am besten gelingt alles mit

**Dr. Oetker's "Backin" FERMENTO ALLEMÃO**

Nicht vergessen: Dr. Oetker's Vanillinzucker!

IN QUALITÄT UNVERÄNDERT ERSTKLASSIG!

**Wichtig!** Sie brauchen zum Backen Dr. Oetker's "Backin" — Fermento Allemão, Dr. Oetker's Vanillinzucker und "Gustin" feinsten Maisstärke-Puder (in der blauen Packung) Erhältlich in allen besseren Lebensmittelgeschäften

Alleinhersteller in Brasilien:

**WALTER HUSMANN, Nahrungsmittelfabrik**  
São Paulo, Caixa Postal, 2599

**„FÜR DIE FEIERTAGE“**

UND AUCH AN SONSTIGEN TAGEN

Wünschen Sie einen schnell gedeckten Tisch, so besuchen Sie die

**CASA SANTO AMARO**

ALEXANDRE EDER & CIA.

Spezialhaus in Wurst-, Fleisch- und Räucherwaren / F.F., der bekannte Saftschinken Santo Amaro

ALLE PRODUKTE VOM FRIGORIFICO SANTO AMARO

Schnelle, reelle Bedienung

**RUA ANHANGABAHU' 78 - TELEPHON 4-2017**

# Das U-Boot und seine Kampfweise

Einige Aufklärung über die Bauart dieser Schiffe, ihre Ausrüstung und ihre Mannschaften

Die grossen Erfolge der deutschen U-Boote sind um so höher zu bewerten, als sie von einer Waffe errungen wurden, die man mit Recht als jung bezeichnen kann. Deutschland durfte ja erst nach der Zerstückung des Versailler Diktats wieder U-Boote besitzen, während andere Seemächte inzwischen ihre U-Boot-Waffe auf Grund der deutschen Erfahrungen und glänzenden Erfolge im Weltkrieg verbesserten und ausbauen konnten! Nur auf wenigen Traditionen fussend, wurde die deutsche U-Boot-Waffe aus dem Nichts heraus neu geschaffen. Das bedeutet nicht nur den Bau und die Entwicklung neuer U-Boot-Typen, sondern vor allen Dingen auch die Heranbildung tüchtiger U-Boot-Kommandanten und zuverlässiger Besatzungen. Erst allmählich konnte der Serienbau von grösseren U-Booten betrieben werden.

Der Ungewöhnliche kann sich nur schwer einen Begriff machen von den Einrichtungen und der Kampfweise des U-Bootes. Der Gedanke, Kriegsschiffe zu bauen, die den Gegner ungesehen unter Wasser angreifen können, ist sehr alt. Aber erst die fortgeschrittene Technik des neunzehnten Jahrhunderts erlaubte seine Verwirklichung. Ein brauchbares Fahrzeug und Unterwasserkampfmittel wurde das U-Boot erst, als ein Schwerölmotor erfunden war, der die Betriebssicherheit der bis dahin über Wasser mit Leichtölmotoren und Dampfmaschinen (und unter Wasser durch Akkumulatoren) angetriebenen Boote so erhöhte, dass die neue Waffe das zu werden versprach, was Tirpitz von ihr verlangte: eine Hochseewaffe, die sich nicht auf den Küstenschutz zu beschränken brauchte. Damit ist auch schon das Verwendungsmittel des U-Bootes angedeutet: es kann seine Angriffswaffen unbemerkt in beliebige Seegebiete tragen, in denen es angreifen will, und sich dort unbemerkt lange Zeit aufhalten. Der Gegner muss stets und überall mit der Anwesenheit von U-Booten rechnen. Diese Allgegenwärtigkeit des U-Bootes sowie die Fähigkeit, sich durch Tauchen unsichtbar zu machen und beim Angriff den Gegner zu überraschen, macht die Stärke des U-Bootes aus.

Die meisten und vor allen Dingen die grösseren U-Boote sind als sogenannte Zweihüllenboote gebaut. Ein solches U-Boot besteht aus einem druckfesten, zylindrischen Innenkörper, der sich nach vorn und hinten zu verjüngt, und einer nicht druckfesten Aussenhaut. Zwischen Druckkörper und Aussenhaut liegen die Fluträume oder Tauchtanks (bei gefluteten Tanks ist der Druck auf beiden Seiten der Aussenhaut gleich, diese braucht also nicht druckfest zu sein). Das U-Boot taucht durch Einlassen des Seewassers in die Tauchtanks. In 30 bis 40 Sekunden kann es unter der Wasseroberfläche verschwunden sein. Es hält sich dann dynamisch mit Tief- und Antrieb auf der gewünschten Tiefe. Wenn Gefahren drohen, wenn also z. B. von einem feindlichen U-Boot-Jäger Wasserbomben geworfen werden, kann das U-Boot auch grosse Tiefen aufsuchen.

Damit das U-Boot bei der Unterwasserfahrt sehen kann, „fährt“ es das aus dem Kommandoturm herausragende Sehrohr nach oben aus, und zwar so weit dass das Objekt des Sehrohrs eben über die Wasseroberfläche hinausragt. Am unteren Ende des schwenkbaren Sehrohrs im Kommandostand steht der Kommandant, der alles beobachten kann, was über Wasser vor sich geht. Neuerdings hat man ein sogenanntes Fahr-

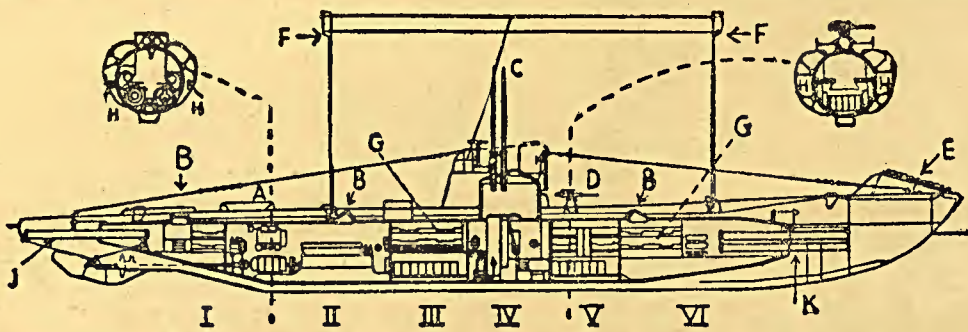
stuhlsehrohr eingeführt, das den beobachtenden Offizier mit dem Sehrohr maschinell auf und nieder bewegt und damit den Vorteil bringt, dass auch bei grösseren Tiefenschwankungen, z. B. bei Seegang, ununterbrochen beobachtet werden kann. Hat das U-Boot einen Gegner erspäht, so macht es natürlich von dem Ausfahren des Sehrohrs möglichst wenig Gebrauch, denn die aus dem Wasser ragende Sehrohrspitze hinterlässt auf der Wasseroberfläche einen Schaumstreifen, der leicht zum Verräter werden kann, wenn der Gegner geübte Ausguckposten hat. Will das U-Boot wieder auftauchen, um über Wasser seine Fahrt fortzusetzen, so steuert es mit Hilfe des Tiefenruders — das sind horizontale Ruderblätter, ähnlich wie beim Luftschiff — nach der Wasseroberfläche, indem es gleichzeitig die Tauchtanks durch Pressluft ausbläst.

Wie schon gesagt, wird das U-Boot bei der Ueberwasserfahrt durch Dieselmotoren angetrieben. Grosse U-Boote erreichen dabei eine Geschwindigkeit von etwa 18 bis 20 Seemeilen. Während der Ueberwasserfahrt werden die elektrischen Batterien für die Unterwasserfahrt aufgeladen. Unter Wasser erreicht das U-Boot eine sehr viel geringere Geschwindigkeit.

Die Hauptangriffswaffe des U-Bootes ist der Torpedo. Grosse U-Boote haben vorn und hinten mehrere fest in den Druckkörper eingebaute Torpedo-Ausstossrohre, aus denen die Torpedos durch Pressluft in der Kierrichtung nach vorn oder hinten hinausgeschossen werden. Um auch über Wasser kämpfen zu können, gibt man den grösseren U-Booten eine Kanone mittleren Kalibers sowie Flak-Maschinenwaffen bei, die auf dem Oberdeck aufgestellt sind.

Die Kampfweise des U-Bootes erfordert eine besonders sorgfältige Ausbildung der gesamten Besatzung. Mut, Ausdauer, Fähigkeit im Ertragen von aussergewöhnlichen Strapazen: das sind die Eigenschaften, die jeden U-Boot-Mann in höchstem Masse auszeichnen müssen. Unter Wasser auf einem Posten, wo er den Feind nicht einmal zu Gesicht bekommt, muss der U-Boot-Mann pflichtschuldig seinen Dienst versehen. Der Kommandant am Sehrohr ist der einzige, der den Feind im Auge behält. Auf seiner Beobachtungsgabe, Geschicklichkeit und Entschlusskraft beruht der Erfolg seines Angriffes. Wenn er am Tage z. B. ein feindliches Kriegsschiff sieht, so versucht er mit seinem Boot in die Kursrichtung des Gegners zu gelangen, und zwar vor den Gegner. Diese Stellung ist für den Angriff des U-Bootes notwendig. Er versucht dann, auf Sehrohrtiefe fahrend (also etwa 5 bis 6 Meter unter Wasser), eine möglichst günstige Schlussposition zum Feinde zu erreichen. Hierbei wird er mit allen Mitteln danach streben, unbemerkt zu bleiben und seinen Angriff so nahe wie möglich an den Feind heranzutragen. In günstiger Schlussposition und nicht zu grosser Entfernung gelingt der Angriff, wenn er den ahnungslosen Gegner überraschend trifft. So wird sich wohl auch der Angriff gegen den englischen Flugzeugträger „Courageous“ abgespielt haben. Das U-Boot wird freilich nicht immer einen Gegner angreifen können, den es in Sicht bekommt, nämlich dann nicht, wenn er in einer Lage in Sicht kommt, die es dem an Geschwindigkeit unterlegenen U-Boot nicht erlaubt, sich in eine passende Stellung zu manövrieren.

Wir zeigen heute unseren Lesern einen Schnitt durch ein U-Boot, aus dem ersichtlich ist, was sich alles in dieser „Röhre“, wie der U-Boot-Fahrer sein Boot nennt, zusammengedrängt.



- I Hecktorpedoraum
- II E-Maschinen- und Dieselsraum
- III Wohnraum
- IV Zentrale, darüber der Kommandoturm
- V Offizierswohnraum
- VI Bugtorpedoraum
- A Beihoot
- B Einsteigeluken
- C Sehrohr
- D Geschütz
- E Netzabweiser mit Säge
- F klappbare Antennenmasten
- G Schlafkojen
- H Ballasttanks
- J Hecktorpedorohr
- K Bugtorpedorohr

## Das Auge des U-Bootes

Das Periskop beobachtet die Meere — Es gibt drei Arten von Sehrohren

Dem Laien erscheint es immer wieder als Wunder, dass ein U-Boot auch während des Tauchens jederzeit in der Lage ist, die Meeresoberfläche nach allen Richtungen hin abzusuchen und den Torpedo gegen einen Feind zu richten, ohne dass dieser überhaupt von der Nähe des U-Bootes etwas ahnt.

Wir erinnern uns, dass der Held von Scapa Flow, Kapitänleutnant Prien, sogar um Mitternacht in der Lage war, die Schatten der verankerten britischen Kriegsschiffe zu erkennen. Das Periskop ist es, das eigentlich das wichtigste Ausrüstungsstück des U-Bootes bildet ein Spezialfernrohr, das bei der Unterwasserfahrt mit seinem Ausblick über die Wasseroberfläche emporgeführt wird und da-

durch dem getauchten Boot einen Ueberblick über den See- und Luftraum und besonders beim Angriff eine Beobachtung des Gegners gestattet. Es ist aufgebaut auf dem Prinzip der mehrfachen Spiegelung eines Bildes.

Dem Verwendungszweck nach unterscheidet man drei Arten des Periskops: Das Angriffsehrohr, dessen oberster, aus dem Wasser ragender Teil möglichst dünn und unauffällig ausgeführt ist, um vom Gegner nicht bemerkt zu werden, das Beobachtungs- oder Luftzielsehrohr, mit dessen Hilfe nicht nur die Wasseroberfläche sondern der gesamte See- und Luftraum bis zum Zenit abgesehen werden kann, und das Nachtsehrohr das in der Dunkelheit verwendet wird. Jedes Peri-



Praktisch denken — nützlich schenken!

Die richtigen

# Weihnachts-Geschenke



Teppiche in bewährten Qualitäten

Bouclé Adua, 1.ª Qual.		Smyrna Libia, aus Wölle	
Geschmackvolles Blumendessin, in beige, mattgrün, blau und terracotte		hochflurig, einfarbig mit Kante in fraise, blau, grün	
60/120	— für 54\$000	60/120	— für 70\$000
140/200	— für 210\$000	90/180	— für 175\$000
170/240	— für 310\$000	140/200	— für 275\$000
200/300	— für 450\$000	200/250	— für 490\$000
250/350	— für 675\$000	200/300	— für 590\$000
<b>Tournay Vilton</b>			
hervorragende Qualität, in ausgeführten schönen Persermustern			
60/120	— für 92\$000		
140/200	— für 360\$000		
170/240	— für 525\$000		
200/300	— für 780\$000		
250/350	— für 1:125\$000		

## Kleinmöbel

grosse Auswahl ausgesuchter Modelle

- Satztische in verschiedene Modellen für ..... 220\$ 225\$ 365\$
- Tische, rund und eckig, diverse Grössen..... 215\$ 240\$ 295\$
- Bücherregale, moderne Ausführung ..... 250\$ 350\$ 395\$
- Teewagen, gut rollend ..... 170\$ 178\$ 240\$
- Hausbar in praktischer Ausführung ..... 495\$
- Einzelstessel, gediegene Typen ..... 200\$ 225\$ 350\$

## Taffia-Möbel für Terrassen, Wintergarten etc.

- Einzelstessel ..... 90\$ 110\$ 135\$
- 4 teilige Gruppe ..... 345\$ 435\$ 490\$
- Kissen in geschmackvoller Ausführung aus Cretonnes, Chintz oder Plüsch ..... 25\$ 35\$ 60\$
- Nachtschlampen m. Craqueléschirmen, div. Mod. 28\$ 32\$ 40\$

Ferner

Rauchständer / Schmiedeeiserne Leuchter  
 Kissenplatten / Tisch- und Wandgongs  
 zu wirklich vorteilhaften Preisen

ABTEILUNG INNENDEKORATION

SCHÄDLICH, OBERT & CO. RUA DIREITA 162-190

# CONFEITARIA ALLEMÃ

Wilhelm Beurschgens  
 Matriz: Praça Princesa Isabel 2/2a  
 Filiale: Rua Antonio de Godoy 121 - Tel. 5-5028

Für die Feiertage  
 empfehle ich an Spezialitäten:

- |                           |                          |
|---------------------------|--------------------------|
| Baumkuchen                | Honig- und Pfefferkuchen |
| Mohn- und Christstollen   | Speculatius              |
| Obst- und Cremetorten     | und vieles andere        |
| Streussel-, Käse und      | Bäckerei:                |
| Butterkuchen              | Täglich viermal frische  |
| Dessert, Weine, Teegebäck | Brötchen                 |
| usw. usw.                 | Wienergebäck, Roggen-,   |
|                           | Schwarz-, Schrot- und    |
|                           | Vollkornbrot             |

Verkauf auch an Wiederverkäufer



**Haushaltsgegenstände**  
 Reichhaltiges Lager, vorteilhafte Preise. Ebenso Werkzeuge, Farben, Gartengeräte etc. Feste Preise.

## FREDERICO WITTE

RUA DO SEMINARIO 81  
 Tel.: 4-5237

## Meyer's Konversationslexikon

6. Auflage 1909, 20 Bände mit 4 Ergänzungsbänden 1910/12 und 3 Bänden Kriegs-Nachtrag, zu verkaufen. - Vorzüglich erhalten, zum äussersten Preis von 800\$000. - Rua Teixeira da Silva 54, von 3-5 Uhr.

## Der große Brockhaus

Konversationslexikon, 21 Bände, letzte Ausgabe, ganz neu, in Leinen gebunden, preiswert zu verkaufen.

Rua Teixeira da Silva 54, von 3-5 Uhr

skop ist mit Hilfsgeräten ausgerüstet, mit denen man die Entfernung, die Geschwindigkeit sowie den genauen Kurs auf das Ziel bestimmen kann, um auf Grund dieser Angaben einen Angriff erfolgreich durchzuführen. Nach der Seite können die Schrohre in jede beliebige Richtung gedreht werden. Die gewünschte Höhenrichtung wird durch Verstellung eines Kipp-Prismas im Ausblick erzielt. Das Periskop wird mit einer optischen Länge (Einblick bis Ausblick) bis zu 10 Meter hergestellt. Die Ausfuhränge, um die das Schrohr aus seiner eingezogenen Stellung in die Gebrauchsstellung ausfahren kann, beträgt bis zu 5 Meter.

Die Herstellung des Schrohres erfordert ein

unerhörtes Mass von Präzisionsarbeit. Beim Tauchen, ganz besonders beim Tieftauchen, hat das Periskop einen genau so starken Wasserdruck auszuhalten, wie der übrige Bootskörper. Darum muss es in druckdichten Hüllen gelagert sein. Ferner bedarf es einer eigenen Vorrichtung zum Trockenhalten der Objektive, der Reflektoren und der Linse, bei der man sich im wesentlichen angewärmter Luft bedient. Das Objektiv der Schrohre muss sich im Kreise drehen lassen, ohne dass der im Platz sehr beengte Kommandant im Innern des U-Bootes seine Stellung zu verändern braucht. Alle diese konstruktiven Erfordernisse sind von der deutschen Technik glänzend gelöst worden.

fangenenlager nach Deutschland zurückzuschlagen, nur um genauen Bericht über diesen Falltrick erstatten zu können.

Der harte Kampf zwischen Fallen und deutschen Tauchbooten verhärtete sich natürlich nach solchen Erfahrungen. Im übrigen verwandte man nicht nur Fischereifahrzeuge und kleine Segler mit starker Bestückung als Fallen, sondern auch recht grosse Schiffe. Die kleinste von einem deutschen U-Boot versenkte Falle umfasste 34 Tonnen, die grösste 4348 Tonnen. Durch Fallen erzielten die Engländer den bedeutenden Er-

folg der Versenkung von achtzehn U-Booten; diese selbst liessen mindestens 30 Fallen in die Tiefe sinken.

Von den 199 U-Booten, die vor dem Feinde blieben, wurden nicht wenige durch die eigene Mannschaft gesprengt wenn sie untauglich geblieben waren; andere liefen auf Minen, wieder andere gerieten in starke Stahlnetze, gegen die wohl sehr wirkungsvolle, von den U-Boot-Kommandanten dankbar gelobte Schneidvorrichtungen erfunden wurden die aber doch keine Rettung brachten, wenn die Netze mit Minen gekuppelt auftraten.

## Ruhige Nacht zwischen feindlichen Minen

Wie in der Luft und auf der Erdoberfläche oder, genauer gesagt in den Grabenlöchern, standen auch die Seesoldaten auf verlorenem Posten immer mutig ihren Mann. Darüber gibt es zahllose romanhafte Abenteuerberichte obwohl Romanhaftigkeit hier wahrlich nicht nötig ist: denn jede noch so

sen und Netzen zum Suchen und Schnappen reichlich oft gestört. Aber an diesem Liegeplatz war es merkwürdig ruhig. Als „U 27“ dort nachts wieder einmal auftauchte, entdeckte die Besatzung zu beiden Seiten des Bootes in Abständen von je 500 Metern fünf schwarze Gefässe, die nur bei härterem Seegang an der Wasseroberfläche tanzten. Der Wachoffizier Oberleutnant z. S. von Ahlefeldt sprang vom Boot in die See und kämpfte sich durch hohen Seegang an eines dieser Gefässe heran. Dann umwickelte er es mit einer Stahllitze, die vom U-Boot aus gezogen werden konnte. Das Tauchboot zog die Leine an. Das Gefäss kippte, und dann gab es eine wuchtige Explosion mit einer Wassersäule von mindestens 30 Meter Höhe.

Da lag also des Rätsels Lösung. Es waren Minen. „U 27“ hatte Ruhe inmitten einer britischen Minensperre gefunden. Der Sprung des Wachoffiziers in die See hatte darüber eine völlig erschöpfende Aufklärung gebracht. Nun brauchte niemand mehr darüber nachzudenken, weshalb sich weder tags noch nachts hier feindliche Fahrzeuge zeigten, und der U-Boot-Führer beeilte sich nun keineswegs, aus dieser gefährlichen Gegend ebenfalls zu verschwinden, sondern entschloss sich, diese Gegend zu einem ständigen Schlafplatz für sein Boot zu machen. Die Stelle war leicht zu finden, weil die Gegner die Freundlichkeit hatten, von ihren Hafensplätzen namentlich von Dümkirchen und Calais aus, die üblichen Blinkfeuer über die See zu schicken; danach konnten sich die U-Boot-Leute mit Sicherheit an die richtige Stelle peilen.

Etwas Raum schafften sie sich durch Maschinengewehrfeuer, mit dem sie eine Anzahl Minen zur Explosion brachten. Gemessen an den Kriegsverhältnissen war es eine geradezu gemüthliche Gegend; das Boot konnte dort neun Nächte hintereinander völlig ungestört Erholung finden und nahm mit aufgerichteten Masten sogar mehrfach den Zeitungsdienst von Norddich, aus der fernen Heimat, funkentelegraphisch auf. Dabei war das Wetter oft so schlecht, dass das Boot dort selbst auf dem Grunde der See unerträglich schlingerte.

Die beste Arbeit, die es verrichtet hat, war die Versenkung des englischen Flugzeugmuttersschiffs „Hermes“. Die U-Boot-Leute selbst glaubten, einen englischen Kreuzer zur Strecke gebracht zu haben. Der Kommandant Kapitänleutnant Wegener, gab über den schönen Erfolg, durch den sich Führung und Mannschaft für vieltägige Mühen und unsägliche Gefahren reich belohnt fühlten, diesen Bericht: „9.27 Uhr. Rohrschuss! 1,5 Meter Tiefe eingestellt. Schneidungswinkel 90 Grad. 10 sm geschätzte Gegnerfahrt, 16 Sekunden Luftzeit, etwa 300 Meter Schussentfernung. Detonation gehört, Heck des Gegners schien tiefer zu liegen. Er bläst stark Dampf ab, sonst keine Veränderung.“

Ich entschloss mich, einen zweiten Torpedo zu schießen, lief in der ungefähren Schussrichtung ab und drehte mit hart Ruder nach BB, um den Gegner wieder in die Visierlinie zu bekommen.

9.32 Uhr 4. Rohrschuss! 3 m Tiefe eingestellt. Schneidungswinkel 90 Grad, 1 Minute 10 Sekunden Luftzeit, etwa 1300 m Schussentfernung, stärkere Detonation gehört. Am Gegner keine Veränderung, er schien jedoch Boote auszusetzen. Ich liess ein Bugrohr bewässern, um gegebenenfalls einen dritten Schuss zu schießen, aber nach der Detonation eilten von allen Seiten Zerstörer in hellen Scharen herbei, 2 in unmittelbarer Nähe von „U 27“ dass ich auf 20 gehen musste um das Boot nicht überlaufen zu lassen. Ich bin aber überzeugt, dass mein Schrohr weder vor noch nach der Detonation gesehen worden ist.“

Etwa 10.30 Uhr vormittags hörte ich wieder einen Zerstörer. Ich ging auf 10,5 m und beobachtete, dass er mit Gegenkurs von

## Vom Treibtorpedo zum Maschinentorpedo

Im Seekrieg mit England haben sich die deutschen Torpedos als eine wahrhaft furchtbare Waffe erwiesen. Eine Reihe der stolzesten Schlachtschiffe Albions sanken, von deutschen Torpedos getroffen, so blitzschnell in die Tiefe dass sich nicht einmal die Mannschaften mehr retten konnten. Die Geschichte dieser Unterwasserangriffswaffe, in deren Handhabung sich Deutschland seinen Gegnern weit überlegen erweist, beginnt mit dem Jahre 1850. Die ersten Treibtorpedos, mit Sprengstoff gefüllte Schwimmkörper, die einfach der Wasserströmung überlassen wurden, kann man als die Vorläufer der heutigen Torpedos bezeichnen. Freilich waren die Treffaussichten dieser Waffe sehr gering. Wesentlich bessere Ergebnisse erzielte man schon mit dem Spieren- oder Stangentorpedo, der im amerikanischen Sezessionskrieg 1861-65 und im Russisch-Türkischen Krieg 1877-78 zur Anwendung gelangte. Er bestand aus einem Sprengkörper, der an einer langen Stange am Bug schnell fahrender kleiner Schiffe befestigt, von diesen an das feindliche Ziel herangebracht und dann durch einen elektrischen Strom entzündet wurde. Der auf dem Raketenprinzip beruhende Raketenorpedo besass zum erstenmal bereits eine eigene im Innern des Torpedokörpers befindliche Treibkraft, ist aber über das Versuchsstadium nicht hinausgekommen. Der geistige Vater des heutigen Maschinentorpedos ist ein Deutscher, der österreichische Kapitän Luppius. Seine Pläne wurden von dem Maschinenfabrikanten Rober Whitehead in Fiume aufgegriffen, der 1872 den ersten brauchbaren Torpedo („Whitehead-Torpedo“) schuf. Die Erfindung des Geradlaufapparates durch den Oesterreicher Obry brachte eine wesentliche Erhöhung der Schussweite - von 400 auf 800-1200 Meter. Bedeutende Verbesserungen schuf weiterhin die Torpedowerkstätte der Firma Schwartzkopff in Berlin. In der deutschen Marine wurde der Torpedo bereits im Jahre 1884 eingeführt. Eine planmässige Verwendung erfuhr er erstmalig im Russisch-Japanischen Krieg, um dann im Weltkrieg, besonders im U-Boot-Krieg, zur höchsten Wirksamkeit zu gelangen.

Der Torpedo hat die Form einer Zigarre und bei einer Länge von 7-8 Metern ein Gewicht bis zu 1600 Kilogramm, wovon die im Kopf befindliche Sprengladung allein bis zu 200 Kilogramm wiegt. Die Antriebsmaschine, in der Regel eine vierzylindrige Kolbenmaschine, besteht aus einem reinen Pressluftmotor. An den hinteren Enden sitzen die beiden Propeller, die den Torpedo vorwärtstreiben. Am Schwanzstück befindet sich

endlich eine besondere Leitvorrichtung mit beweglicher Tiefensteuerung, die das Geschoss meist in einer Tiefenlage von 3-4 Metern



### Für die Weihnachtsfeier!

**Honigkuchen und Lebkuchen**  
 in Weihnachtspackung von 800 reis an

**Pfeffernüsse, Weihnachtspackung**  
 1 Kilo 8\$000 - 1/2 Kilo 4\$000

**Weihnachtsmänner**  
 in schützender Zellstoffpackung von 600 rs. an

**Glücksschweinchen aus Marzipan**  
 von 1\$000 an

**Speise-Marzipan**  
 (reine Mandelmasse) in Rollen von 1\$ und 2\$

**Marzipan-Kartoffeln**  
 100 Gramm 2\$000

**Für den Tannenbaum:**  
 Schokoladen- und Zuckerkringel, Goldkörbchen zum Füllen, Herzen aus Schokolade und Lebkuchen

Besuchen Sie unsere **Weihnachts-Ausstellung** in den Läden:  
 Rua 15 de Novembro 112 - Ecke Largo Thesouro  
 Avenida São João 223 - gegenüber der Post  
 Rua da Boa Vista 250 - neben Hotel d'Oeste

# Sönksen

hält. Der Geradlaufapparat dient dazu, einen geraden Lauf des Torpedos auf das Ziel zu gewährleisten.

nüchterne Tauchbootfahrt gestaltete sich in Wirklichkeit romanhafter als die menschliche Phantasie es erfinden kann. Wir werden auch über diese Waffe Geschichten herausgreifen, wie sie sich gerade bieten. Es ist also bewusst davon Abstand genommen, etwa die kühnsten und besten U-Boot-Führer besonders herauszuheben.

Das gilt denn auch von der Geschichte des Kapitänleutnants Wegener von „U 27“ der später fiel. Sein U-Boot gehörte zu jenen, die von der flandrischen Front angefordert wurden, um die Landtruppen von der Beschussung durch englische Kriegsschiffe zu befreien. Es genügte das Auslaufen von drei deutschen U-Booten in den Kanal von Dover, um den Landtruppen Luft zu schaffen. Mutig mussten die U-Boot-Führer und ihre Mannschaften allerdings sein. Gerade hier stellte die Ueberwindung besonders der Minensperre die denkbar höchsten Ansprüche.

Bei seinen Streifen im Kanal hatte „U 27“ herausgefunden, dass es an seinem Nachtliegeplatz niemals gestört wurde. Dabei waren die U-Boot-Leute im Kanal eigentlich niemals ihrer Ruhe sicher, sondern wurden von Scheinwerfern, Schnellbooten, bewaffneten Fischdampfern, U-Boot-Fallen, von Schiffen mit tief in das Meer hinreichenden Tros-

## U-Boots-Fahrer und U-Boots-Fallen

Auf verlorenem Posten, bedroht aus der Luft vom Wasser und unter dem Wasser durch feindliche Einwirkungen urgewaltigster Art. Das war der Dienst der deutschen U-Boote. Sie waren die täglichen Blockadebrecher. Sie konnten wegtuchen. Gewiss! Aber auch U-Booten drohte das Minenschicksal. Vielleicht war das das ungeklärte Schicksal des U-Boot-Führers Georg Haag, der mit U 07 sozusagen mit der Regelmässigkeit eines Postbootes allwöchentlich zum U-Boot-Minenlegen in die Themse ging und von einer solchen Fahrt im Juli 1916 nach Ausfuhrung seines Auftrages nicht zurückkehrte. Als er einige Zeit später auf der See treibend aufgefunden wurde bestatteten ihn seine Kameraden auf See in seinem Oelanzug durch Versenkung.

Auch U-Boote konnten wie blockadebrechende Handelsschiffe vor die Torpedorohre von U-Booten kommen. Das englische Tauch-

boot C 24 liess sich von einer U-Boot-falle an einer Stahlleine mitziehen und kam zum Schuss genau auf die Mitte von U 40 als dieses sich mit einem Fischdampfer beschäftigte.

Das deutsche Boot sank. Nur der Unteroffizier und der Kommandant wurden gerettet, der nach einem englischen Bericht dem Mann auf der anderen Seite, der über ihn triumphierte, trocken erklärte: „Nun, da bin ich ja einem ganz gemeinen Trick zum Opfer gefallen.“

Das englische U-Boot C 27 erreichte auf die gleiche Weise einen doppelten Torpedoschuss auf U 23, das ebenfalls sank wobei nur der Kommandant, zwei Offiziere und vier Mann der Geschützbedienung davonkamen. Die Engländer fischten sie auf.

Bald aber gelang es einem der Gefangenen vom erstgenannten Boot, sich aus einem Ge-

### Ein gut bedienter Kunde

wird stets ein Freund meines Hauses sein!

Garantierte Reparaturen - Kompl. Modifikationen - Scharfste Syntonisierungen mit Präzisionsapparaten - Verbesserungen an modernen Geräten auf grössere Stabilität, höhere Empfindlichkeit, Tropensicherheit - Antennen

### Officina de Radio, Max Becker

Ex-Chefe Técnico da Radio-Officina TELEFUNKEN

Rua Miguel Couto 47, 1.º - Entrada Optica Tyroleza  
Tel. 43-7710



### DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

**THEODOR WILLE & CIA. LTDA.**  
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

### Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock  
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendbisch auch nach der Karte  
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

### Bar und Restaurant VICTORIA

Rua 1.º de Março 33 - Tel. 23-4347

Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT

MITTAG- UND ABENDESSEN

1.ª Küche Brahma-Chopp

Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

Preiswert Kölnisch Wasser Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

### Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

### Rio-Besucher

befucht

### DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert

Im ersten Stock Tanz

### Haut- und Geschlechtskrankheiten

### Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912

Sprechstunden: 9-12 und 3-6

Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

### Hotel „Lutecia“

Inhaber: Jakob Christ

Modern eingerichtete und vollständig separate Appartements mit Saal, Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro, Rua das Laranjeiras Nr. 486

Telefon: 25-3822

### Dr. Fridel-Schöpfe

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5  
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung:  
Tel. 22-9930

### BAR UND RESTAURANT CIDADE HEIDELBERG

GUTE BRASILIAN. UND DEUTSCHE KÜCHE

Sonntags geschlossen

Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag

Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO  
Tel. 23-0658

### Bar und Restaurant FISCHERKLAUSE

Rua Th. Ottoni 126 RIO - Tel. 43-5178

Deutsche Küche - Brahma-Chopp

Inhaber: Fritz Schade

### Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO

Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. - Wunderschöne Lage. Grosser Garten. - Mässige Preise.

Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098

Inh. N. Neubert

### Uebersetzungen

### Dr. Bruno Zander

Bereidigter Übersetzer

Rua 13 de Maio 37, 1. St.

Tel. 42-4668 - Rio.

### Bertretung in Rio de Janeiro



befindet sich

Rua dos Andradas 84

2. Stock, App. 23

Telefon 23-4977

Franz Kurlin

„U 27“ abließ. Der Kreuzer lag noch an derselben Stelle, hinter ihm ein Lazarettsschiff und etwa 10 Zerstörer, kein Boot längsseit. Nach wenigen Minuten hatte sich das Bild nur insofern geändert, als der Kreuzer nicht mehr zwischen den Zerstörern lag. Eine erspriessliche Weiterarbeit konnte für diesen Tag nicht mehr erwartet werden. Ich beschloss daher, auf meinen Ladeplatz zurückzukehren, zumal der Strom dafür „günstig lief.“

„Ladeplatz“ bedeutet in diesem Falle jene ruhige Stelle inmitten der englischen Minensperre, Geladen werden sollte die Akkumulatorenbatterie. Das war bei dem Tauchboot nur in der Ueberwasserlage möglich, weil eben die Maschinen für die Gewinnung von elektrischem Strom eingesetzt werden mussten. Mit dem Wort „Strom“ ist in dem Be-

richt nicht der elektrische sondern die Meeresströmung gemeint, die in der Nordsee und dem Kanal von den Schiffen die denkbar stärkste Beachtung verlangte, weil infolge Versetzungen durch den Strom aus dem errechneten Kurs verhängnisvolle Gefahren erwachsen können.

Das Flugzeugmuttersschiff „Hermes“ war mit Wasserflugzeugen von Portsmouth nach Duenkirchen abgegangen und erhielt gleich nach dem Wiederauslaufen von Duenkirchen auf dem Wege nach Dover die Warnung „Dringende U-Boot-Gefahr“ mit dem Befehl, nach Duenkirchen zurückzukehren. Knapp 10 Minuten nach dem Rückrufzeichen musste der britische Zerstörer „Liverpool“ schon die Meldung ausgeben, dass das Flugzeugmuttersschiff torpediert und nach Rettung des grössten Teiles der Besatzung gesunken sei.

Vorträge der Hohnerschule, der Spitzentanz „Schneeball“, ausgeführt von Frä. Edith Iken, die Vorträge des Herrn Leonhard Schad, sowie der Lilliputaner. Dankbare Zustimmung errieten die Schattenbilder, vor allem das Menuett, ausgeführt von zwei jungen Mädchen der deutschen Kolonie, und die humoristischen Bilder.

Das Orchester des B. d. s. R. unter Leitung von Herrn Hering-Marschal spielte unermüdlich in den Pausen, abwechselnd Märsche, frohe Weisen oder Weihnachtslieder und sorgte damit ebenfalls für die nötige Stimmung.

Alles in Allem stand diese sehr gelungene Veranstaltung ganz im Zeichen der Volksgemeinschaft. Sowohl von Seiten der Mitwirkenden wie auch von Seiten der zahlreichen Besucher aus der Deutschen Kolonie, wurde der diesjährige Weihnachtsmarkt zu einem schönen Erfolg geführt und dadurch dem Deutschen Hilfswerk Mittel an die Hand ge-



RUA MIGUEL COUTO, 42-44, TRUEN: RUA dos OURIVES, RIO de JANEIRO

geben, um der grossen Aufgaben, die noch vor ihm liegen, gerecht zu werden.

F. K.

### Bund der schaffenden Reichsdeutschen, Rio de Janeiro

Am 7. Dezember fand im Deutschen Heim zu Rio de Janeiro die Generalversammlung des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen statt, die von den Mitgliedern zahlreich besucht war. Der Vorsitzende gab einen umfassenden Bericht über die Tätigkeit des Bundes, der von allen Anwesenden mit Spannung gehört wurde. Gleichzeitig wurde die Rechnung abgelegt über die verflossene Geschäftszeit, die von der Prüfungskommission in Ordnung befunden worden war. Im Wesentlichen wurde der alte Vorstand wiedergewählt, was wohl das beste Vertrauensvotum für die Tätigkeit des Bundes darstellt. Besonders gern stellen wir fest, dass es trotz mannigfacher Schwierigkeiten gelungen ist, alle gestellten Aufgaben durchzuführen, die sich in letzter Zeit noch ganz besonders gemehrt haben, da doch viele Volksgenossen in Not geraten sind.

Im Anschluss an die Generalversammlung fand eine Wiederholung des „Marsch- und Liederabends“ vom 2. Dezember statt, der wiederum einen ausserordentlichen Zuspruch

hatte. Man kann wohl sagen, dass heute in Rio jeder Deutsche weiss, dass eine musikalische Veranstaltung unter Leitung Herrn Hering-Marschals zu einem Genuss wird. Das Orchester gab sein Bestes, und verschiedene Stücke mussten wiederholt werden, wie z. B. der Hindenburgmarsch, eine Komposition des Dirigenten. Ebenfalls musste die Violinsolistin, Frä. Enaura Mello ihren Czardas wiederholen, da das Publikum stürmisch danach verlangte. Zu erwähnen ist noch, dass auch die vom G. V. Lyra vorgetragenen Lieder denselben begeisterten Beifall bei den Zuhörern fanden wie beim ersten Liederabend. Es zeigt sich immer wieder, dass es eine sehr glückliche Fügung war, dass Herr Hering-Marschal auch den Dirigentenstab im G. V. Lyra führt.

Damit kann der B. d. s. R. wieder auf eine sehr gelungene Veranstaltung zurückblicken, für die ihm jeder Volksgenosse dankbar sein wird. Wir hoffen, bald wieder über einen ähnlichen Erfolg berichten zu können.

F. K.

### Ein deutsches Turn- und Sportfest in Rio de Janeiro

FK. - Der Turn und Sportverein von 1909 hatte am vergangenen Sonntag die deutsche Kolonie nach seinen vorbildlichen Anlagen in Lins Vasconcellos eingeladen. Bei prachtvoller Wetter wurde das grosse Programm wie am Schnürchen abgewickelt, und die zahlreichen Zuschauer hatten an dem frischen, frohen Treiben der Turner und Sportler, in denen besonders die Jugend mit ihrem herrlichen Schwung alle Anwesenden begeisterte, ihre reine, ungetrübte Freude. Die Wettkämpfe überzeugten von der systematischen Körperziehung und Ertüchtigung, und manch junger Bursche und manches Mädel konnten Begabung, Disziplin und Können unter Beweis stellen. Besonders genannt seien die Handballspiele der Jungturner, die Bodenübungen, das Raufballspiel, die Pendelstaffel der Turner und Jungturner, die trotz Wiederholung unentschieden ausging, und nicht zuletzt die hervorragenden Tennis-Wettbewerbe.

Nach einem trefflich vorbereiteten Imbiss und kameradschaftlicher Unterhaltung wurde vom Präsidenten des Turn- und Sportvereins, Herrn Luick, die Sieger bekanntgegeben. Einleitend schilderte Herr Luick in einem kurzen Ueberblick die Arbeit innerhalb des Vereins, die von den Eltern der Jugend am besten durch den erfreulichen Besuch gewürdigt wird. Der Sport sei in den tropischen Ländern noch mehr angebracht als „drüben“ in der Alten Welt, so führte er aus, da hier im heissen Klima die Kräfte des Körpers schneller verbraucht werden, die zielklare, sportliche Betätigung aber die Menschen und vor allem die Jugend physisch, seelisch, insgesamt also charakterlich anfrechterhalte und sie zu gesunden leistungsfähigen Menschen aufblühen lasse. Herr Fischer, der technische Leiter des Vereins, nahm dann die Preisverteilung vor, bei der zum erstenmal besondere Plaketten

an die Preisträger verliehen wurden, die wir der Punktzahl nach abschliessend nennen. Das Sportfest wurde in seinem ersten Teil mit dem gemeinsam gesungenen Liede „Turner, auf zum Streite“ abgeschlossen. Dann begann mit kameradschaftlichem Zusammensein und Tanz der zweite, der reinen Unterhaltung gewidmete Teil der Veranstaltung, bei dem es im vertrauten Schein bunter Gartenlampchen bis in die Morgenstunden gar lustig und vergnügt herging.

Dreikampf: Kugelstossen, Weitsprung und 100 Meterlauf (Rasen).

Männer: Klasse „A“ - 1. Carlos Woebcken, 65 Punkte; 2. Gustav Borghoff 63; 3. Horst Roessel 56, Fritz Zinck 56; 4. Benno Schupp 42; 5. Paul Denkwitz 39, Joseph Schrader 39 Punkte.

Männer: Klasse „B“ - 1. Max Laille 59 Punkte; 2. Carlos Bohrend 56; 3. Gerhard Hanstein 47; 4. Hans Mueller 43; 5. Otto Mueller 40; 6. Fritz Fuchs 39; 7. Leopold Michalsky 37; 8. Ralph Kersanach 35 Punkte.

Jugend: Klasse „A“ - 1. Voevolet Mirsky 68 Punkte; 2. Klaus Hanstein 60; 3. Rudolf Langrock 55; 4. Werner Mueller 50; Fritz Barowsky 50; 5. Wolf Helms 47; 6. Siegfried Vorbau 39; 7. Hans Foitzig 29 Punkte.

Jugend: Klasse „B“ - 1. Heinrich Brandt 74 Punkte; 2. Gregor Scheer 72; 3. Willy Edel 54; 4. Fritz Edel 45; Kurt Treu 45; 5. Rudolf Brandt 44; 6. Karl Schleicher 41; 7. Alois Cerlitzky 37; 8. Jurgens Stoltz 35; 9. Heinz Freund 30; 10. Robert Reini-ger 25; 11. Karl Schjabel 22 Punkte.

Mädel: Freübungen, Barren, Pferd, Reck, 50-Meterlauf, Hochsprung, Schlagballwurf.

Klasse „A“ - 1. Elfriede Roetzsch 131 Punkte; 2. Erika Alberti 130; 3. Dora Bre-

### Weihnachtsmarkt und Bunter Abend des BdsR., Rio de Janeiro

Am 9. Dezember veranstaltete der Bund der schaffenden Reichsdeutschen in den Räumen der Gesellschaft Germania einen Weihnachtsmarkt verbunden mit Buntem Abend zu Gunsten des Hilfswerks der Deutschen Kolonie.

Die Frauengruppe hatte die Organisation in die Hand genommen und es sei hier festgestellt, dass sie diese Aufgabe glänzend und in der zufriedenstellendsten Weise gelöst hat. Reichlich waren auch von den Firmen und Einzelpersonen Spenden eingegangen, sodass eine sehr zugkräftige Tombola zusammengestellt werden konnte, die einen grossen Zuspruch fand. Besonders hervorzuheben ist das Handarbeitszelt, wo Handarbeiten verkauft wurden, die von der Frauengruppe herge-

stellt worden waren. Ebenfalls waren alle Spielsachen Handarbeit, hergestellt von Angehörigen der deutschen Kolonie. Die Bedienung hatten ebenfalls Damen der deutschen Kolonie übernommen, die ihre Aufgabe glänzend lösten. Ebenso glücklich lösten alle anderen Mitwirkenden ihre Aufgabe, sei es nun am Angelbrunnen, oder in der Würfeldecke, in der Weinstube oder der „Wurst-Maxe“ am Schiessstand usw. Und die fliegenden Händlerinnen mit Zigarren und Zigaretten waren überall zur Stelle, wenn jemand gerade etwas zum Rauchen bräunte.

Eine Fülle ansprechender, munterer Darbietungen, die nicht in ihrer Gesamtheit aufgezählt werden können, brachte das Programm. Starken Beifall fanden besonders die

zing 116; 4. Nuta Barowsky 114; 5. Mangelsdorf 113; 6. Waldtraut Jung 106; 7. Hedel Söhnchen 101; 8. Regina Meister 86; 9. Ruth Rohrich 76 — Summa 857 Punkte.  
 Klasse „B“ — 1. Hilda Nieling 111 Punkte; 2. Fruzig 97; 3. Hindemeier 96; 4. H. Brezing 90; 5. Konrad 88; 6. Margret Moeller 76; 7. Sauer 71; 8. Fr. Amsler 66; 9. Blumberg 64 — Summa 883 Punkte.  
 Vereinsmeisterschaft im Tennis — Herren-

Einzel — Engel x Than 7:5, 6:4, 2:6, 7:5. Sieger: Engel.  
 Gemischtes Doppel — A. Staudacher/Than x E. Bengel/Abeling 6:3, 6:1. Sieger: A. Staudacher/Than.  
 Hervorzuheben sind die Leistungen von Fritz Zinck im Weitsprung mit 7 Meter und 100-Meterlauf in 12 Sekunden auf Rasen, ausserdem der Kugelstoss von Gustav Borghoff, der 11,36 Meter erreichte.

denen wir auch den deutschen Generalkonsul, Herrn Dr. Walther Molly, nebst Gemahlin und den Legationsrat bei der Deutschen Botschaft in Rio, Herrn H. H. von Cossel, sahen, kleine Geschenke und Süßigkeiten. An

die einzelnen Schüler gelangten dann, meistens in Buchform, im weiteren Verlauf der Feier zahlreiche Prämien zur Ausgabe. Der zweite Teil der Feier stand im Zeichen des Tanzes und der Unterhaltung. ep.

### Deutsche Märchenpiele in São Paulo

Der Bund der schaffenden Reichsdeutschen hatte seinen Mitgliedern und zahlreichen Freunden in der deutschen Kolonie S. Paulos eine wirkliche Weihnachtsfreude versprochen. Er hat sein Wort gehalten. Fröhlicher und heimatlicher als in der wundererfüllten Zauberwelt der „Prinzessin Allerliebste“ geht es gewiss auch drüben überm Meer beim Träumen, Ersinnen und Erleben der scheinbar so geheimnisvollen Weihnachtszeit nicht zu. Der Spielschar des Bundes war hier eine dankbare und durchaus nicht einfache Aufgabe gestellt. Ihre lebendigen Märchenbilder sollten in gleich verständnisvoller Art nicht nur zu Kindern sprechen, denen die Reiche des Wurzelkönigs und der Waldfrau ungeahnte sagenhafte Eigentümlichkeiten erschliessen, sondern ebenso zu den Eltern und Erwachsenen, die mit den Kindern gemeinsam weit zurück ins bunte Kinderland wandern und sich dabei vielleicht erinnerten, vor wie vielen Jahren und auf welcher grossen Reise sie einst in dieses sonnenhelle, überall sprisende, üppige,

Königssaal und Zauberwald beginnen konnte. Bei der Darstellung der Märchenwelt sind die Kulissen nicht nur Kulissen, denn hier müssen sie gleichsam handelnd mitwirken. Vom Schleier der Geheimnisse müssen sie abweicht sein, Stimmung schaffen, bevor die einzelnen Personen und Wesen überhaupt erscheinen. Das ist wichtig und dreimal wahr, und das mache den fleissigen, erfindungsreichen Bühnengestaltern des Bundes irgendeine andere Gemeinschaft von Männern und Kameraden einmal nach! Eigentlich erübrigt sich dieser besondere Hinweis: Ohne Idealismus, ohne Hingabe, ohne Fleiss und ohne echte, im Herzen verankerte Lust und Liebe zur Arbeit an und auf der Bühne wäre diese ausserordentlich bedeutungsvolle, eindruckstarke Darstellung der Märchenbilder gar nicht möglich gewesen.

Wir haben von jeher diese aus der Kraft der Gemeinschaft unter selbstlosem Verzicht auf persönliche Verdienste wachsende Leistung der Theater-Laienpielschar des Bundes gewürdigt. Ebenso anerkennen wir das uneingeschränkte Vertrauen der vielen Besucher dieser Aufführungen. Mit welcher ehrlicher Begeisterung folgten am vergangenen Sonntag nachmittags und abends fast 2000 Menschen Heino dem Ilirten auf seinem abenteuerreichen Weg zu Prinzess Allerliebste, liessen sich in die Geheimnisse des wundersamen Regenschirms einweihen, verwünschten alle den listigen Verrat des sprechenden Fliegenpilzes und waren dann mit dem gesamten spassigen Hofstaat des Königs Olemann und seinem herrlich gelungenen Laubfrosch glücklich, als die Welt, vom Regen erlöst, im strahlenden Licht des Tannenbaums erscheint. Die sanfte Weise von der „Stillen Nacht“ klingt durch den weiten Saal und bannt wie immer gross und klein, alt und jung.

Wir wollen an dieser Stelle heute bewusst keine Namen und Sonderleistungen hervorheben. Die Liste der Mitarbeiter ist gross, und die Verantwortung jedes einzelnen war ebenso ein Teil des ganzen Spiels, wie die glitzernde Edelsteingrotte des Wurzelkönigs, wie der „echte“ Regen, der grosse Waldvogel, die Elfen, die Prinzen, das Original-Schlüfchen und alles, alles, was an Gestalten, Bildern, Licht und Geräuschen im deutschen Märchen-vorstellbar ist. Nimmt es da Wunder, dass auch für die Aufführungen am nächsten Sonntag ein riesiger Andrang aus allen Kreisen der deutschen Kolonie und ihrer Freunde zu erwarten ist? ep.

### Gemeinjamc Weihnachtsfeier BdfM-Lyra

In São Paulo findet am nächsten Sonntag, abends 8,30 Uhr, im Lyra-Saal eine Weihnachtsfeier der beiden deutschen Vereinigungen statt, zu denen Kinder unter vierzehn Jahren nicht mitgebracht werden dürfen. Der Bund bittet seine Mitglieder, möglichst voll-

zählig zu erscheinen und ein kleines Geschenkpaketchen mitzubringen, da der Weihnachtsmann auf einen allgemeinen Liebesgaben-austausch bei der grossen Zahl der Besucher angewiesen ist.

### Weihnachtsfeier im Deutschen Sport-Club D. T. D.

Morgen nachmittag ab 4 Uhr veranstaltet der D. T. D. sein diesjähriges Kinder-Weihnachtsfest. Vor Beginn der eigentlichen Feier werden verschiedene Belustigungen für die Kinder stattfinden. Anschliessend wird eine Kaffeetafel die Kinder vereinigen, um sie für die Ankunft des Weihnachtsmannes vorzubereiten, der mit allerlei Ueberraschungen auf-

warten wird. Die schon seit einigen Tagen getroffenen Vorbereitungen bürgen für einen schönen und würdigen Verlauf dieses so deutschen Festes.

Am Sonntag bekommt der D. T. D. Besuch aus der Hafenstadt Santos. Nachmittags werden Handballspiele gegen zwei befreundete Santenser Mannschaften stattfinden.

## Wochenschau hierzulande

Der Einwanderungsüberwachungsstelle in Corumba' (Matto Grosso) gelang in Zusammenarbeit mit der Staatspolizei und Zollbeamten die Verhinderung des Grenzübertrittes von zahlreichen ehemaligen Bürgern mittel-europäischer Staaten, die aus politischen Gründen ihre dortigen Aufenthaltsländer verlassen haben. Die meisten heimlichen Einwanderer kamen aus Bolivien und Peru. Viele benutzten bis zur Grenzstadt Puerto Suarez das Flugzeug.

In der Stadt São Paulo entstehen durch die private Bautätigkeit jährlich 7000 Häuser.

Im Heim des Presseverbandes in Rio de Janeiro wurde in Gegenwart des Aussenministers, Herrn Oswaldo Aranha, ein Bild des Präsidenten Roosevelt feierlich enthüllt. Der Aussenminister erklärte in seiner Ansprache, dass Präsident Roosevelt nicht nur ein aufrichtiger grosser Freund Brasiliens, sondern auch ein überzeugter Vertreter des Panamerikanismus und des Friedens sei. Zur Einlei-

tung hatte der Präsident des Verbandes, Herr Herbert Moses, das Wort ergriffen.

Der Eisenbahnverkehr von Rio Grande do Sul nach São Paulo ist wegen der grossen Ueberschwemmungen des Rio Peixe unter-

**D. T. D.**  
 Deutscher Sport-Club - Turnerschaft - Donau

Morgen, Sonnabend, den 16. Dezember,  
 nachmittags 4 Uhr:

## Kinder-Weihnachten

mit Kinderbelustigungen, Befcherung, Kaffeetafel und sonstigen Ueberraschungen  
 auf unserem Sportplatz in Caninde'

wuchernde Land kamen, wo der Wald so ganz anders ist als in Deutschland.  
 Es gab eine Menge technischer Fragen zu lösen, bevor das Spiel auf der Bergwiese, im

### Weihnachtsfeier der Deutschen Sprachkurse in São Paulo

Der grosse festlich geschmückte Saal im Heim der Gesellschaft Germania, der sein weihnachtliches Gepräge durch einen prachtvollen Tannenbaum erhielt, hatte am vergangenen Sonntagabend einen recht interessanten Besuch aufzuweisen. Träger der Veranstaltung waren die deutsch-portugiesischen Sprachkurse, die zahlreichen Gäste aber waren die brasilianischen Teilnehmer an diesen Kursen, ihre Familien und Freunde. Das soeben von seiner Konzertreise nach Curitiba, Joinville und Blumenau zurückgekehrte Fritzsche-Quartett (Dresden) stellte sein grosses Können auch in diesem Kreis unter Beweis. Die einzelnen Darbietungen sahen die Schüler aller Jahrgänge in Front. Es wurde ein erstaunlich gut gewähltes und geschickt aufgebautes Programm geboten, bei welchem alle Mitwirkenden bewiesen, dass die Sprachkurse nicht nur um ihres Namens willen existieren, sondern eine überaus wertvolle praktische Arbeit leisten. Fleiss und Einfühlungsvermögen der Brasilianer in die Eigenarten der deutschen Sprache war überall zu verspüren, sei es nun bei der Darstellung der Weihnachtsszene vom verlassenen Tannenbäumchen, sei es bei den Gedichten, Liedern oder Vorlesungen. Besonders gaben die gemeinsam gesungenen deutschen

Weihnachtslieder allen in dieser Gemeinschaft von Brasilianern und Deutschen zum erstenmal Erschienenen eine eindrucksvolle Vorstellung von dem Jahrhunderte alten hohen Kulturstand des deutschen Volkes, das wie kaum ein anderes zu arbeiten weiss, aber auch wie kaum ein zweites dem wahren Wesen seiner grossen Feste Ausdruck zu verleihen vermag. Dr. H. W. Wasmuth, der Leiter der Sprachkurse, wies in seiner Ansprache auf die Tätigkeit im nunmehr abgeschlossenen Lehrjahr hin, betonte die weiteren Aufgaben und Ziele, nicht ohne dabei die brasilianische Neutralität in dieser politisch ereignisreichen Zeit zu erwähnen, welche die Fortführung der friedlichen Arbeit ermöglicht. Dr. E. Artigas unterstrich im Namen der Schüler die grosse Bedeutung der Kenntnis fremder Sprachen und besonders der für Wissenschaft, Fortschritt und Kultur unentbehrlichen deutschen Sprache. Es wäre wünschenswert, dass noch viel mehr Brasilianer an den Unterrichtskursen in São Paulo teilnehmen würden. — Anschliessend erschien der Weihnachtsmann und verteilte an die fleissigsten Schüler — wir möchten aber nachdrücklich betonen, dass es hauptsächlich Schülerinnnen waren — und an die geladenen Gäste und Ehrengäste, unter

### Postaufruf

Für folgende Personen liegen Briefe oder Drucksachen beim Deutschen Generalkonsulat São Paulo Rua São Luiz 174. Geöffnet von halb zehn bis halb zwölf Uhr und nachmittags von 2-3 Uhr.

Alois Aberer, Eugen Ahlers, Josef Ahorn, Johann Baumann, Nikolaus Beico, Christoph Berhorn, Emil Blotekamp, Heinrich Brune, Albert Bosch, Theodor Böttner, Alexander S. Bühler, Adelina Cavalcante, Wilhelm Dauck, Henrique Dress, Elsa Ebert, Friedrich Engelking, Josef Fitauta August Fietkau, Jorge F. de Figueiredo, Emilie Flöter, Reinhold Franke, Albert Fritz, Friedrich Gauer, Fanny Gässler, Emilie Girnus, Wilhelm Gregor, Friedrich Güter, João Haller, Wilhelm und Hermine Hartweiger, Bertha Hellwald, Helene Herke, Maria Jagoschitz, Kurt Jessinghaus, Othmar Ility, Erich Jogschies, Ida Karo, Werner Kle, Walter Kernig, Susanne Kersch, Gustav Kirschke, Jakob Klein, Franz Kobalt, Karl Kohroser, João Legot, Heinrich Lenz, Magda Licht, Wilhelm Linn, Lorrenschtütz, Friedrich Manthey, Gerhard Müller, Erich Müller, Erich Müller-Reiter, Franz Nauheimer, Moritz Nestler, Anna Niemann, Johann Nykiel, Friedrich Otto, Ida Perles, Peter Pöttler, Gustav H. Prietzel, Ida Reschke, Rudolf Redtel, Valentin Richter, Ferdinand Rohsgoderer, Karl Römacher, Walther Schoopan, Richard Schröcker, Lea Schwarz, Adolf Schubsky, Alma Steiner, Berta Storm, Betty Sturm, Paulo Strauss, Julius Tiel, Willy Theiss, Hermann Trumbach, Luise Anna Trumbach, Mario Tubler, August Tuchlinski, Robert Urban, Georg Vasek, Werner Wittig, Roman Worwolski, Franz Zemanek, Otto Ziegler.

Drucksachen: Hermann Grabolle, Güther Christiane Hauff, Otto Huber, Kurt Jessinghaus, Willy Langenberg, Mathilde Mackrodt, Heinrich Meyer, Francisco Nantoimer, Emma Kretzschmar-Mann, Heinrich Schmidt.  
 Eingeschriebene Post: Guilherme Bartak, Martin Birner, Karl Becker, Gustav Böhme, Michel Börder, Agnes Engelmann, Josef Frodl, Hildgard Kast, Martin Kerbler, Hans Kolm, Hedwig Nemeo, Frieda Lina Otto, João Pörnbacher, Otto Praise, Anton Mario Punzle, Josef und Katharine Purna, Edmund Rosenkranz, Friedrich Schimitz, v. Steinitz, Rudolf Weigel.

Besuchen Sie unsere

## Weihnachts-Ausstellung

# CASA LEMCKE

SÃO PAULO — Rua Libero Badaró 303  
 — SANTOS — Rua João Pessoa 45-47 —

brochen. Die Züge aus dem Süden verkehren nur bis Marcelino Ramos.

Bei einer Versammlung des Santenser Handelsverbandes, des Zentralverbandes der Kaffee-Exporteure und des Verbandes der Kaffeemakler wurde festgestellt, dass sich die brasilianische Kaffeeausfuhr durch den völligen Ausfall des deutschen Marktes sowie durch die verringerte Einfuhr Italiens, wozu noch Schwierigkeiten auf den Märkten Nord- und Mitteleuropas kommen, um etwa 4 Millionen Sack verringere. Das Reich allein hat jährlich rund 3 Millionen Sack aufgenommen.

Durch ein Dekret des Bundespräsidenten wurden der nationalen Zelluloseindustrie verschiedene Vergünstigungen zugesichert. So wurden besondere Kredite zur Errichtung und zum Ausbau von Zellulose- und Holzstoff-fabriken, die für die Herstellung von Zeitungs- und Bücherpapier sowie Kriegsmaterial arbeiten, bewilligt.

Der rund 16.000 Tonnen grosse deutsche Passagierdampfer „Windhuk“ der Afrikalinie ist mit japanischen Farben und unter japanischer Flagge mit dem Namen „Santos Maru“ im Hafen in Santos am 7. Dezember vormittag eingetroffen. Das moderne deutsche Schiff hat eine sehr abenteuerliche Fahrt durch den Südatlantik hinter sich, die 108 Tage dauerte. Ausser der 242 Mann starken Besatzung befinden sich 35 Fahrgäste an Bord.

Der Bundespräsident, Herr Getulio Vargas, stattet am heutigen 15. Dezember der Stadt São Paulo einen Besuch ab, von wo aus er in den nächsten Tagen mehrere Reisen nach dem Innern des Staates São Paulo, u. a. zur Einweihung industrieller Werke, unternimmt.



# Weihnachtsbäume

Grosse Auswahl an Zimmerpflanzen und Kakteen, künstlerische Keramik, Blumenvasen, Schalen

## GERMANO ZIMBER & CIA. — RUA CONSOLAÇÃO 1987 Casa Flora